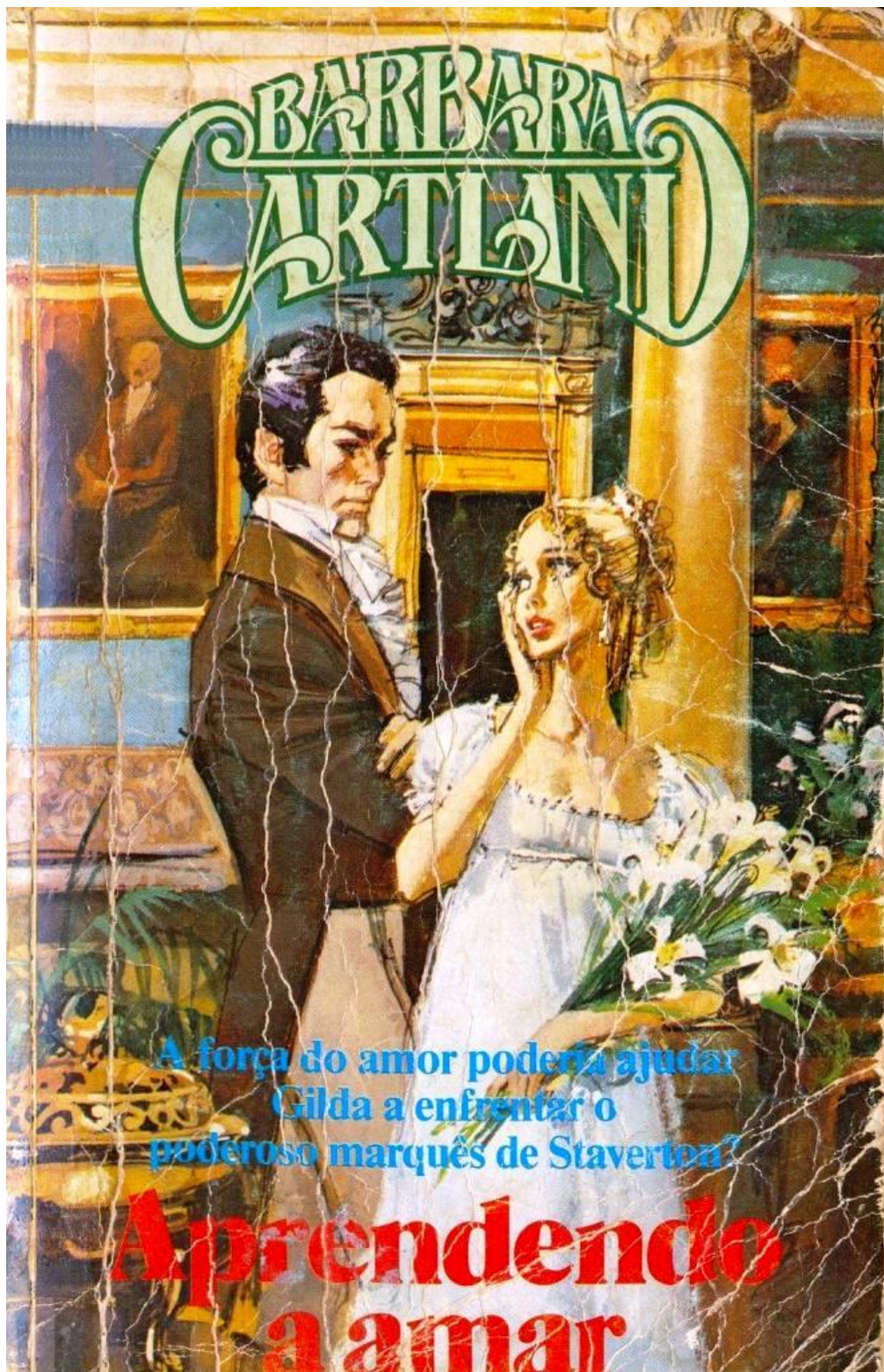




Aprendendo a amar

Barbara Cartland



Título original: "Looking for love"

Publicado originalmente em: 1982

Copyright para a Língua Portuguesa: 1986

Coleção Barbara Cartland n° 143

Digitalização: Palas Atenéia

Revisão: Palas Atenéia

A força do amor poderia ajudar Gilda a enfrentar o poderoso marquês de Staverton?

Trêmula, os olhos azuis marejados de lágrimas, o rosto corado de timidez, Gilda não ousava encarar o homem que a interrogava, o belo e fascinante marquês de Staverton.

Tinha medo que ele, sabendo de seu passado, a acusasse de mentirosa e intrusa em seu próprio castelo! Tinha medo também que ele percebesse amor em seus olhos...

NOTA DA AUTORA

Em 1803, durante o Armistício assinado entre franceses e ingleses, a rede de espionagem de Napoleão Bonaparte era ampla na Inglaterra.

Geralmente, os espões podiam contar com a ajuda dos navios contrabandistas, que operavam no canal da Mancha e que os transportavam de um país ao outro. Além disso, muitos imigrantes franceses, que moravam em Londres, encontravam na espionagem uma maneira fácil de aumentar seus rendimentos, num país onde tinham sido obrigados a viver depois da Revolução de dez anos antes.

Os temores que Bonaparte despertou em toda a Europa e os rumores de que o Armistício consistia apenas em uma trégua antes que ele invadissem a Inglaterra resultaram numa verdadeira caça aos suspeitos, com perseguições em todo país.

CAPITULO I

1803

— Tem certeza de que ficará bem, srta. Gilda?

— Absoluta, sra. Hewlett. Não se preocupe comigo... e espero que o casamento seja maravilhoso.

— Vai ser, senhorita, vai ser. Emily teve muita sorte ao conhecer aquele bom agricultor. É um homem responsável e trabalhador.

Gilda sorriu, sabendo que a velha criada andava preocupada com a perspectiva de ter que sustentar a sobrinha e agradecera a Deus que o "bom agricultor" tivesse pedido Emily em casamento.

A sra. Hewlett era uma pessoa muito bondosa e prestativa, e Gilda reconhecia que era a única que realmente se importava com o que lhe aconteceria dali por diante, já que estava sozinha no mundo, depois da morte de seu pai.

— Deixe que eu lavo tudo quando voltar, na segunda-feira — disse a criada. — Não se preocupe com nada e trate de descansar.

Gilda sorriu, concordando e, ao mesmo tempo, refletindo que não fizera outra coisa na vida ultimamente, senão descansar. E, mesmo que deixasse tudo para a sra. Hewlett lavar, a quantidade de louça que usava nas refeições nem formaria uma pilha.

Sabia, entretanto, que era absolutamente inútil argumentar e que isso só deixaria a velha senhora preocupada com ela enquanto estivesse nas festividades do casamento de Emily, numa cidadezinha próxima.

Depois de vestir um casaco grosso, absolutamente dispensável para aquele dia quente, a sra. Hewlett pegou a cesta, que sempre carregava, cheia ou vazia e, depois de dar uma última olhada na cozinha, virou a maçaneta da porta:

— Cuide-se, sta. Gilda. Segunda-feira à tarde estarei de volta... caso a diligência seja pontual, o que é raro acontecer!

Depois que ela saiu e fechou a porta da cozinha, Gilda suspirou e atravessou o corredor para a parte da frente da casa.

Era uma distância bem curta, e lembrava de que, em certa época, aquele pequeno solar, em que morava desde que nascera, parecia-lhe ter apenas o

espaço suficiente para seus pais, sua irmã e ela.

No entanto, depois que se vira ali sozinha, a casa ficara grande demais para uma pessoa só e Gilda considerou, mais uma vez, como fazia desde a morte do seu pai, que deveria tentar vendê-la e mudar-se para um chalé pequeno.

Racionalmente, reconhecia que essa seria a solução mais plausível.

Entretanto, não conseguia suportar a idéia de se separar da mobília, que, por mais envelhecida e gasta que estivesse, fazia parte de sua vida e era a única coisa bonita que lhe restava.

A escrivaninha de seu pai, a mesa de costura marchetada de sua mãe, a delicada estante Chippendale, pareciam ser suas velhas amigas e estava certa de que, sem aqueles móveis, ficaria com uma sensação ainda maior de solidão.

Apesar disso, tinha que enfrentar a realidade: estava com tão pouco dinheiro, que mal conseguia comprar alimentos, a não ser que conseguisse aumentar sua pequena renda.

A pensão de seu pai desaparecera com ele. O general Wyngate servira na tropa dos granadeiros e a pensão que recebia garantia certo conforto para a família, ou teria garantido, se no fim da vida ele não tivesse resolvido investir esse capital em cotas e ações.

Gilda compreendia seu entusiasmo, contudo, embora tivesse sido um excelente militar, o general era uma nulidade em matéria de finanças.

Todas as companhias em que seu pai investia ou tinham ido à falência ou rendiam tão poucos dividendos, que mal pagavam o papel em que eram escritos.

Desse modo, tudo o que restara a Gilda era a pequena quantia em dinheiro que sua mãe havia levado como dote e cuja renda fora destinada para as filhas.

Sempre se perguntava o que teria acontecido se sua irmã reclamasse a parte dela.

Depois de ir para Londres, morar com a madrinha, uma senhora muito rica, Heloise nunca mais mostrara interesse pela família pobre e Gilda chegava a pensar que se envergonhava dela.

Sentou-se à escrivaninha de seu pai e pegou o caderno em que havia anotado todas as despesas numa tentativa de fazer o cálculo do gasto mensal.

Tinha certeza de que a soma seria muito alta, apesar de estar

economizando na comida, em roupas e em todos os objetos de uso pessoal.

Já havia pensado seriamente em dispensar os serviços da sra. Hewlett; entretanto, quando insinuara essa possibilidade, a velha criada havia se sentido ofendida e até se oferecera para trabalhar sem remuneração.

— Trabalho nesta casa há quase dez anos e, se pensa que pode passar sem mim agora, está muito enganada, sta. Gilda! E mais: sua querida mãe tremeria no túmulo, tenho certeza de que tremeria, só de pensar nisso!

Diante daquela reação, Gilda percebeu que seria impossível falar novamente sobre o assunto. Além do mais, admitia que, sem o constante bom humor da sra. Hewlett, sua vida se transformaria numa insuportável solidão.

Não teria ninguém com quem conversar, além do pastor, que estava ficando surdo, e do velho Gibbs, o jardineiro que, embora não trabalhasse mais há bastante tempo, vinha periodicamente à sua casa, pois não suportava ver seus canteiros invadidos por ervas daninhas ou cobertos de mato.

Gilda fez a soma dos gastos e refez a conta, mas não estava errada: era alta demais!

— O que posso fazer? — disse em voz alta, tentando imaginar se possuía algum talento que pudesse lhe render dinheiro.

Era uma pessoa muito bem educada, se comparada à maioria das jovens da sua idade. Sua mãe, descendente de uma família de Cornwall, que ocupara cargos importantes durante muitas gerações, preocupava-se muito com esse aspecto e havia procurado transmitir às filhas os seus conhecimentos.

Seu pai também era um homem inteligente, e seus companheiros de regimento costumavam comentar que nenhum outro general era mais habilidoso para comandar suas tropas ou para planejar técnicas mais eficientes nas batalhas.

— Podemos sempre estar confiantes de que seu pai consegue o máximo de baixas no exército inimigo e o mínimo para seus homens, srta. Gilda — um oficial amigo lhe contara certa vez.

Tudo aquilo era um fator de grande orgulho, mas em nada resolvia seu problema.

"Tenho que fazer alguma coisa... tenho que fazer!", pensou e, levantando-se da escrivaninha, caminhou em direção à janela.

Sua casa ficava em frente a uma estrada estreita, por onde se chegava à cidadezinha, a um quilômetro e meio de distância. Havia uma alameda curta

até um portão, que precisava urgentemente de reparos, enquanto que a parte de cascalhos estava coberta de ervas daninhas.

Gilda, porém, só reparava nos narcisos silvestres sob as árvores antigas e frondosas, os lilases começando a desabrochar e os primeiros botões da amendoeira que, dali a uma semana, se transformariam em pétalas brancas e cor-de-rosa.

"Se, ao menos, eu pudesse pintar!", pensou. "Faria um quadro tão lindo, que todos desejariam comprar!"

Entretanto, estava consciente de que não tinha condições de adquirir telas e tintas e de que só ela mesma apreciaria o milagre da primavera.

Com a impressão de que o sol a chamava, concluiu que as contas podiam esperar e o melhor a fazer seria ir para o jardim.

Tinha muito trabalho à sua espera, não só entre as flores e arbustos, mas na horta, onde precisava fazer o replante de alguns legumes e verduras, se não quisesse realmente passar fome até o final do ano.

Sorrindo, virou para afastar-se da janela. Mas, ao fazer esse movimento, olhou para o fim da alameda e ficou imóvel.

Uma carruagem, puxada por dois cavalos de raça, estava atravessando o portão da sua casa. O cocheiro usava um chapéu de copa alta e havia um lacaios a seu lado.

Nenhuma pessoa da região, ilustre o bastante para ter um lacaios na boléia, iria visitá-la e ela concluiu que só poderia haver algum engano e que a pessoa estava chegando em casa errada.

Quando a carruagem parou na frente da porta principal da casa viu que se tratava de um veículo muito elegante, com um brasão pintado na porta.

Gilda saiu da sala apressada, ajeitando os cabelos e percebendo que usava um de seus vestidos de algodão mais velhos, desbotado e muito justo e curto.

Enquanto considerava que aquilo não tinha importância, pois a visita não era para ela, ouviu uma batida. Abriu a porta, curiosa.

O lacaios, usando um libré com botões prateados,, estava parado na entrada da casa e, sem perguntar nada, virou-se imediatamente e abriu a porta da carruagem.

— Louise! — exclamou Gilda, surpresa, e corrigiu-se rapidamente: — Heloise!

Depois de se mudar para Londres, sua irmã adaptara o nome, achando

que aquele era mais aristocrático e raro e havia escrito para seu pai, avisando-o de que deveria passar a ser tratada por "Heloise".

— Estou encantada em vê-la! — disse Gilda. — Por que não avisou que viria?

Heloise inclinou o corpo para que a irmã beijasse sua face.

— Eu mesma não sabia até o último momento — replicou e, em seguida, virou-se para o laçao, em tom autoritário: — Leve meu baú para cima, James. E esteja aqui segunda-feira, de manhã cedo! Não se atrase, entendeu?

— Sim, senhorita! — respondeu ele, começando a desamarrar as cordas que prendiam o baú atrás da carruagem.

E, antes que Gilda tivesse tempo de dizer para qual quarto o laçao deveria levar a bagagem, Heloise disse:

— Como o quarto de mamãe é o melhor da casa, é lá que quero dormir, Gilda. Mande alguém mostrar o caminho para James.

— Sim, claro, mas a sra. Hewlett não está em casa hoje.

— Então, você mesma terá que mostrar. Certifique-se de que ele abra as cintas e a tampa do baú antes de sair.

— Está bem — concordou Gilda, enquanto a irmã se dirigia para a sala de estar.

Subiu a escada na frente do laçao, abrindo a porta do quarto que sua mãe sempre usara e que estava trancado desde a morte de seu pai.

Puxou as cortinas e abriu as janelas, constatando que tudo ali estava limpo, pois a sra. Hewlett limpava regularmente todos os aposentos da casa, fossem usados ou não.

O laçao colocou o baú perto da porta e perguntou:

— Está bom aqui, senhorita?

— Sim, obrigada — respondeu ela, pensando que, caso Heloise não o quisesse ali, as duas juntas poderiam mudar o baú de lugar.

Enquanto abria as cintas em volta do baú, Gilda teve a impressão de que o laçao olhava o quarto com desdém, como se estivesse comparando-o com a magnitude e o luxo da casa em que trabalhava.

De repente, ele sorriu para ela e comentou:

— Ê bom estar no interior, senhorita. Fui criado numa fazenda e sempre sinto saudade.

— Eu imagino que sinta mesmo. Londres deve ser muito abafado no

verão.

— É sim, e muito úmido no inverno... Bom dia, senhorita! Ele sorriu mais uma vez, antes de sair. Alguns momentos depois, Gilda o seguiu.

Ao chegar ao vestíbulo, a carruagem já estava se afastando. Dirigiu-se à sala de estar, com expressão apreensiva nos olhos azuis.

— Estou tão feliz em vê-la, querida Heloise, mas por que veio para cá?

— Já vou explicar...

A irmã havia tirado o chapéu e usava uma fita azul, um pouco acima da testa, seu rosto emoldurado por cachos dourados.

Ela estava, sem dúvida, muito bonita e elegante, com o vestido de musseline branca de cintura alta e fitas azuis sobre os seios, que terminavam em laços nas costas.

— Você está linda... simplesmente linda! — comentou Gilda impulsivamente.

— Fico feliz por pensar assim — disse Heloise, sorrindo — e a razão para eu ter vindo para cá é fazer uma pessoa dizer exatamente isso que você me disse.

Gilda olhou-a com uma expressão interrogativa.

— Eu fugi, eu desapareci! — continuou Heloise. — Agora, a questão é: será que ele se preocupará ou não com o que aconteceu comigo?

Ainda sem entender exatamente o que Heloise lhe dizia, Gilda acomodou-se numa poltrona, na frente da irmã.

— Você está falando por enigmas, Heloise. Explique-me exatamente o que está acontecendo.

— É muito simples — respondeu ela, numa risadinha. — Eu precisava instigar um certo cavalheiro, e esta foi a maneira mais original que encontrei!

— Oh, Heloise, que emocionante! E o que acha que esse cavalheiro vai fazer, ao descobrir que você partiu?

— É uma boa pergunta. Ele iria me levar até Ranelagh esta tarde. Depois disso, eu deveria jantar na casa dele esta noite, numa recepção em que muita gente estranhará a minha ausência.

— Você lhe disse que viria para cá?

— Não, claro que não! Como pode ser tão tola, Gilda? Eu simplesmente desapareci no ar!

— Oh, Heloise, está sendo muito corajosa! E sua madrinha não contará a ele que você pode estar aqui?

— Tomei precauções para que ele não consiga meu endereço dessa maneira. Deixei um bilhete, que minha criada de quarto lera quando for acordar a madrinha.

Como Gilda manifestasse surpresa, Heloise esclareceu:

— Oh, esqueci de lhe contar que minha madrinha está com uma doença nos olhos que a deixou cega.

— Cega? Que coisa horrível! Mas o que aconteceu?

— Os médicos, que aliás não passam de uns tolos, acham que se trata de uma cegueira temporária. De qualquer forma, está com bandagens sobre os olhos e tem sido tarefa minha ler tudo para ela, o que me deixa muito aborrecida.

— Sinto muito por sua madrinha...

— Reserve sua simpatia para mim, pois sou eu que preciso dela — retrucou ela, impaciente. — Oh, Gilda, se minha estratégia não der certo, ficarei desesperada!

— Está assim tão... apaixonada por esse... cavalheiro?

— Apaixonada? — repetiu Heloise, surpresa. — O amor tem muito pouco a ver com isso! O que quero, mais do que qualquer outra coisa que já quis na vida, é me tornar a marquesa de Staverton!

— É esse o nome do cavalheiro de quem está se escondendo?

— Sim. Claro! Não seja tola, Gilda! Tente compreender o que estou lhe dizendo. Ao seu modo, ele me cortejou durante mais de um mês. Eu fiquei aguardando e, há duas semanas, estava certa de que ele me pediria em casamento, mas...

— O que aconteceu?

— Ele me fazia elogios, mandava flores, me levava para passear, ofereceu recepções para mim... — Heloise fez uma pausa antes de continuar:

— Até me tirou para dançar duas vezes, e você não imagina que deferência me prestou com essa atitude! Ele odeia dançar e pensei que, finalmente, o conquistara... mas não, as palavras que tanto quero ouvir jamais passaram pelos seus lábios.

— Oh, Heloise, posso fazer idéia de como deve ser frustrante para você — comentou Gilda, esfregando as mãos.

— Muito, muito frustrante! E olhe que tenho dezenas de admiradores, dezenas... mas nenhum se compara ao marquês!

— Fale-me dele.

— É um dos homens mais ricos do *Beau Monde* — disse ela, suspirando.
— É amigo do príncipe de Gales e é também um esportista, embora não goste de dizê-lo. E suas posses... oh, Gilda, nem sei como começar a descrevê-las!

— E por que ele não se casou até agora?

— É uma boa pergunta! Ele tem todas as jovens de Londres aos seus pés ou, se são casadas, todas as mulheres nos braços!

Percebendo que a irmã havia ficado chocada, Heloise riu, mas sem humor.

— Ele não é tolo de fazer amor com uma garota solteira, sob pena de o pai dela obrigá-lo a subir ao altar bem depressa!

A maneira áspera e desagradável com que ela lhe dizia aquilo deixou Gilda tão desconcertada que comentou, um pouco hesitante:

Imagino que o marquês deve estar esperando se apaixonar... e é isso que deve ter acontecido em relação a você.

— Foi o que pensei no momento em que nos conhecemos, mas ele está levando muito tempo para se declarar, tempo demais para o meu gosto.

— E agora, que você desapareceu, acha que o marquês vai descobrir o quanto você é importante para ele?

— Foi exatamente por isso que vim para cá. Ele tem que perceber! Maldito homem!

Gilda teve um sobressalto. Era estranho e chocante ouvir sua irmã praguejar daquele modo.

— Oh, Heloise, estou sendo negligente — disse ela, refazendo-se, alguns momentos depois. — Nem perguntei se você quer beber alguma coisa para se refrescar, depois da viagem.

— Agora que tocou no assunto, percebo que estou mesmo com sede. Há alguma garrafa de vinho nesta casa?

— Bem... pode ser que haja uma garrafa de vinho tinto na adega. — Gilda estava perplexa. — Depois que papai morreu, nunca mais entrei lá.

— Não deve ter entrado mesmo. Aliás, não posso imaginar você bebendo nada além de leite e água! — respondeu Heloise, rispidamente.

— Eu tenho chá, se você quiser.

— Se não houver outra coisa, serei obrigada a me contentar com um chá mesmo... Mas deve estar quase na hora do almoço. Tem algo decente para se comer?

Gilda pensou rápido.

— Tenho ovos e eu poderia fazer uma omelete. Ou então pernil, que a sra. Hewlett trouxe para mim. Foi o filho dela, que tem uma fazenda aqui ao lado, que defumou.

— Não parece muito apetitoso. — Heloise torceu o nariz. — Prefiro que você faça a omelete. Além disso, creio que uma dieta de fome fará bem para minha silhueta.

Gilda não respondeu. Limitou-se a pegar a capa de seda azul que a irmã jogara numa cadeira e levá-la para o vestibulo.

Abriu a porta do armário de madeira, onde estavam dois sobretudos de seu pai e um velho casaco que usava para ir ao jardim quando estava frio. Ao pendurar a capa de Heloise, sentiu uma fragrância deliciosa, certamente, de um perfume francês.

Em seguida, foi depressa para a cozinha e começou a preparar a omelete.

Levou pouco tempo para reanimar o fogo, que começara a morrer depois que a sra. Hewlett saíra. Colocou uma chaleira com água para ferver e a frigideira para aquecer.

Quebrou, numa tigela, os três ovos que havia na despensa, imaginando que teria de ir até a fazenda buscar mais alguns para o jantar e para o desjejum da manhã seguinte.

Nesse ínterim, Heloise entrou na cozinha. Estava tão bonita que, por um instante, Gilda só conseguiu ficar olhando-a, constatando que, com seus olhos azuis e os cabelos loiros penteados de acordo com a última moda, ela parecia a encarnação da deusa da primavera.

— Está tudo igual — comentou a irmã, desanimada. — Havia me esquecido de como esta casa é pequena e pobre. Não sei como suporta esta vida, Gilda!

— Não tenho outra alternativa. Na verdade, ando pensando muito sobre o que fazer agora, porque, francamente, Heloise, não tenho condições de morar nem mesmo aqui.

Ela percebeu que a irmã enrijeceu o corpo e intuiu que temia que ela viesse a lhe pedir dinheiro.

— O que papai deixou para você? — perguntou Heloise, depois de um instante.

— A pensão morreu com ele. Se mamãe fosse viva, receberia uma pensão de viúva, mas os filhos não têm direito.

— Isso porque imaginam que os filhos garantam o próprio sustento e que as filhas se casem. É o que você terá de fazer!

— Está difícil ter essa oportunidade! — respondeu Gilda, rindo. — O único homem solteiro da cidade é o pastor, que já está com mais de setenta anos de idade.

— Se você se casasse com ele, pelo menos, teria segurança e algum dinheiro!

Gilda riu novamente, embora tivesse a desconfortável sensação de que sua irmã não pretendia ser engraçada.

Heloise sentou-se numa cadeira e encarou-a.

— Você sabe que somos muito parecidas, Gilda. Se tivesse mais preocupação com sua aparência, conseguiria atrair facilmente algum fazendeiro nobre. Mas esse vestido que está usando é simplesmente horrível!

— Eu sei. No entanto, a última coisa que posso me permitir é comprar roupas. De nada adiantaria estar vestida com elegância, se tiver que morrer de fome.

— As coisas estão ruins assim?

— Estão piores...

— Eu deveria ter trazido alguns vestidos que não pretendo usar mais.

— Heloise suspirou. — Uma coisa não posso negar: embora seja aborrecido viver com minha madrinha, ela é muito generosa e quer que eu esteja sempre linda.

— É natural que ela seja muito generosa com você, Heloise. Afinal de contas, a convidou para morar com ela, depois que mamãe morreu.

Houve um momento de pesado silêncio.

— Na verdade, a idéia foi minha! Gilda deixou cair o garfo que segurava.

— Idéia sua? Quer dizer que... está dizendo que...?

— Eu escrevi para ela — interrompeu a irmã. — É minha madrinha e eu sabia muito bem que, se continuasse a viver nesta toca, iria me sentir como uma enterrada viva.

— Mas... como pôde ser tão... ousada?

— Quem não arrisca...! — retrucou Heloise. — Escrevi uma carta patética, que arrancaria lágrimas até de uma escultura de pedra, dizendo que sentia muita falta de mamãe, que estávamos muito pobres e que papai não gostava de mim.

— Oh, Heloise, como foi capaz de dizer essas mentiras? Sabe muito bem que papai a adorava. Você foi a primeira filha e mamãe sempre dizia que, quando você nasceu, foi o momento mais maravilhoso que viveu e que eles a consideravam um presente de Deus.

— Bem, mas, como Deus não estava sendo muito generoso comigo e não me proporcionava as coisas que eu queria, tive que tomar meu destino em minhas mãos!

— Não há dúvida de que você foi bem-sucedida...

— Fui esperta, não fui? Na verdade, é bom para a madrinha que eu more com ela. Como sou um sucesso em Londres, pessoas muito ilustres e interessantes vão à sua casa; o que não aconteceria se eu não morasse lá.

— Mesmo assim, é muita bondade dela lhe dar roupas bonitas e permitir que freqüente os bailes e festas. Logo que você partiu, você costumava me escrever contando.

— Agora, não me sobra mais tempo para escrever — apressou-se a dizer ela. — Não tenho um só momento em que não esteja sendo bajulada e cortejada por homens atraentes.

— Não me surpreende. Você sempre foi bonita, mas nunca tanto quanto está agora.

A sinceridade na voz de Gilda era comovente e Heloise endireitou o corpo, antes de replicar:

— Tem razão, Gilda. Estou no auge da minha beleza, mas, às vezes, chego a me cansar de ir a bailes todas as noites e de ter tantas coisas interessantes para fazer durante o dia.

— Como consegue fazer tudo isso, se sua madrinha está cega e não pode acompanhá-la?

— Mando cartas para amigas dela, pedindo que me acompanhem; porém, o mais freqüente é receber convites para grandes jantares e bailes, de pessoas que sabem do problema e se oferecem para cuidar de mim.

— Deve ser maravilhoso fazer tanto sucesso! — comentou Gilda, sonhadoramente.

— Sim... Mas esta é minha terceira temporada e tenho que me casar! — disse Heloise, com voz áspera. — Por mais que eu seja admirada, nenhuma beleza dura para sempre e quero que o marquês se case comigo!

— E se isso não acontecer? — perguntou a irmã, em voz baixa.

— Tenho uma outra alternativa, mas não tão atraente.

– Quem é ele?

– Ninguém de muita importância, embora extremamente rico. Entretanto, recuso-me terminantemente a considerá-lo. Consigo me ver apenas como a marquesa de Staverton, e é isso o que pretendo ser!

Mais uma vez, seu modo de falar deixou Gilda apreensiva. A beleza de Heloise diminuía muito quando usava aquele tom áspero, que parecia vibrar na cozinha e obscurecer o sol que penetrava pelas janelas.

– Imagino que queira ser servida na sala de jantar, não é? – perguntou, pegando uma bandeja no armário.

– É óbvio! Tenho certeza de que você come na cozinha quando está sozinha, mas eu não pretendo descer a esse nível!

– Não... claro que não – murmurou Gilda, ligeiramente embaraçada.

– Vá para a sala de jantar, Heloise. Estará tudo pronto daqui a alguns minutos.

Colocou alguns talheres na bandeja, um prato para aquecer na frente do fogo e começou a fazer a omelete.

Sabia que não seria suficiente para as duas e resolveu levar um pedaço de pernil para ela mesma, pois Heloise poderia não querer comer sozinha.

"Não é provável que ela preste atenção no que estou comendo", pensou.

Logo em seguida, lembrou-se de que, quando Heloise ainda morava ali, Gilda chegava a pensar, por várias vezes, que, para sua irmã, não existia mais ninguém no mundo, apenas ela mesma.!

Sempre desculpara o egoísmo da irmã pelo fato de ela ser muito bonita e, enquanto colocava a omelete dourada sobre o prato aquecido, perguntou-se se Heloise seria feliz, quando realizasse seu maior desejo: casar-se com o marquês.

Imaginava que riqueza e posição social dariam felicidade para algumas pessoas, mas não era o que desejava para a sua vida.

"Quero me casar com um homem que me ame e a quem eu ame também", pensou. "Seremos felizes por estarmos juntos, seja numa casa grandiosa ou numa pobre como esta."

Lembrava-se de como seus pais eram felizes quando podiam ficar juntos, nas ocasiões em que o general não estava viajando com o Regimento e, depois, quando ele passara para a reserva.

Certa vez, seu pai estivera dois anos no exterior e, ao voltar, sua mãe havia ficado tão feliz, que Gilda, muito criança na época, pensava que todo

dia era dia de festa.

Depois que ele passara para a reserva e nenhuma viagem separava o casal, ela lembrava-se de como os dois pareciam felizes no jardim ou lendo juntos no estúdio.

As refeições eram alegres e, antes de ter idade suficiente para descer para o jantar, Gilda ficava no topo da escada, ouvindo suas vozes na sala de jantar.

Depois, escutava sua mãe tocando piano e cantando velhas canções que seu pai tanto apreciava.

"Eles eram felizes", pensou. "Heloise deveria querer isso, e não apenas valores materiais."

Entretanto, reconhecia que, mesmo que tentasse explicar a diferença, Heloise não lhe daria ouvidos. A irmã sempre fora fascinada pelo luxo e por tudo o que o dinheiro podia comprar e não poderia compreender o valor dessas outras coisas.

Quando tinha treze anos e Heloise havia completado quinze, Gilda lembrava-se da irmã batendo os pés porque os presentes que ganhara não eram os que queria.

— Pedi à mamãe um vestido novo e um casaco com gola de pele! — dizia Heloise, furiosa. — E ela só me deu estas bobagens!

Em seguida, jogara no chão um bonito chapéu com fitas azuis, uma pequena bolsa combinando e um par de chinelos de cetim.

— Mas são tão bonitos! — havia argumentado Gilda. — E você sabe muito bem que estava precisando de chinelos novos.

— Eu também queria um vestido e um casaco novo!

— Acho que mamãe não está em condições de lhe dar isso agora.

— Bem, ela poderia ter vendido algo para poder me dar o que quero — retrucara Heloise. — Mamãe é egoísta e insensível e odiei estes presentes, que não passam de bobagens!

Gilda havia ficado chocada, mas não se surpreendera quando, um mês depois, Heloise tinha conseguido o que queria de sua mãe, que, mais tarde, dissera:

— Teremos de fazer economia para compensar o que comprei para Louise, Gilda. Ela ficou tão feliz, que posso muito bem passar este inverno sem um casaco novo.

"Sim, Heloise continua a mesma", concluiu Gilda, enquanto carregava a

bandeja para a sala de jantar.

A irmã nem se dera ao trabalho de estender a toalha sobre a mesa e, enquanto Gilda a arrumava rapidamente, continuou sentada na cadeira de seu pai, olhando para a omelete quase com desdém.

— É a isto que você chama de uma refeição reforçada, Gilda? Bem, é uma sorte ter oportunidade de emagrecer um pouco nas próximas quarenta e oito horas, pois, em Londres, é impossível não comer demais.

— A comida é tão boa assim? — perguntou Gilda, sabendo que ela teria prazer em contar.

— Principalmente quando se janta com o príncipe de Gales!

— Quer dizer que já jantou com ele?

— Sem dúvida, e tenho certeza absoluta de que foi o marquês que o influenciou a me convidar. O príncipe está sempre curioso para conhecer pessoas bonitas, embora não se interesse realmente por jovens. — Heloise fez uma pausa, para certificar-se de que a irmã prestava atenção. — Quando recebi o convite, naturalmente fiquei muito feliz.

— Imagino — concordou Gilda.

— Foi uma enorme correria para conseguir um vestido novo, j mas, como eu disse para a madrinha, não poderia ir com os j trapos que tinha no guarda-roupa.

— Não foi um comentário rude, já que foi ela quem lhe deu | os vestidos de presente?

— Absolutamente! — replicou Heloise com indiferença. — Ela concordou comigo e mandou-me à melhor costureira da Bond Street. O vestido custou uma pequena fortuna, mas valeu a pena ouvir os elogios do príncipe e de todos os outros cavalheiros importantes que estavam presentes no jantar.

— E o marquês não ficou enciumado?

Uma pequena ruga se formou na testa alva de Heloise.

— Não estou bem certa, esta é que é a verdade, Gilda, do l que ele realmente sente por mim. É o homem mais exasperante 1 que já conheci em toda a minha vida. Nunca se sabe o que l está pensando ou sentindo.

— Então, por que quer se casar com ele?

— Não seja tola! Já respondi a esta pergunta uma vez! — retrucou ela, um pouco alterada.

— Sim, claro... desculpe-me. É que, pelo que você me disse, ele parece

assustador para mim.

— Ele não me assusta, apenas me deixa furiosa e frustrada. Mas conseguirei fazê-lo colocar sua aliança no meu dedo, nem que seja para morrer tentando.

— Acredita mesmo que será feliz com um homem assim? E se ele continuar a aborrecê-la depois do casamento?

Heloise encolheu os ombros.

— Mas, aí, já será tarde demais para que ele possa voltar atrás. Vivendo aqui, neste fim de mundo, você não sabe que, na maioria dos casais do *Beau Monde*, cada um segue sua própria vida — ela fez uma pequena pausa e, observando a surpresa de Gilda, continuou: — Depois do primeiro ano de casados, quando terei que dar a ele um herdeiro para o título, tenho certeza de que eu terei meus amigos, o marquês terá as amigas dele, e nenhum de nós fará muitas perguntas um ao outro.

— Está dizendo que ele... terá... amantes?

— Claro que sim! Ele seria um santo ou um tolo se permanecesse fiel a uma mulher e eu, por outro lado, pretendo sustentar a felicidade dos meus admiradores até estar bem velha!

Gilda tentou imaginar o que significava aquela afirmação, mas estava nervosa demais para perguntar.

— Sinto muito, mas só tenho queijo em casa — disse, ao recolher o prato, depois que a irmã terminou de comer a omelete.

— Detesto queijo! — replicou Heloise, com petulância.

— Verei se consigo algo melhor para esta noite e farei um pudim. Você ainda gosta de torta de melado?

— Meu Deus, tinha esquecido que estas coisas existiam! Agora que você está falando, lembro que costumávamos comer torta de melado num dia, pudim de farinha com ameixa no seguinte e rocambole no terceiro. Não sei como suportávamos tais horrores!

— Conte-me o que você costuma comer em Londres — disse Gilda, tentando desviar o assunto.

Heloise começou, então, a descrever os pratos deliciosos que experimentara nas casas mais ilustres de Londres. Em seguida, deixou claro que assim que tivesse o cozinheiro-chefe do marquês de Staverton sob seu comando, a comida servida em qualquer uma das casas de sua propriedade superaria todas as outras.

Conversaram durante a tarde inteira e, só quando Heloise disse que iria descansar um pouco, antes do jantar, Gilda teve oportunidade de ir até a fazenda mais próxima, que pertencia ao filho da sra. Hewlett.

No caminho, tentava calcular quanto custaria um pernil de cordeiro para o jantar de Heloise. Também compraria ovos e lingüiças, que a irmã tanto gostava quando ainda morava em casa.

Reconhecia que tudo aquilo iria representar uma soma considerável de dinheiro e, embora soubesse que era muita indelicadeza de sua parte, não conseguiu reprimir certo alívio por Heloise não ter vindo para ficar mais tempo. Ainda mais porque tinha certeza de que sua irmã não se ofereceria para pagar nenhuma despesa. .

Apesar de ser emocionante vê-la e ouvir tudo o que tinha para contar, Gilda não deixava de sentir uma ponta de mágoa por ter ficado sem notícias de Heloise durante mais de um ano. Era óbvio que, depois que se mudara para Londres, ela havia se esquecido da irmã, da casa simples e estava completamente absorvida pela nova vida.

"Heloise tem muita sorte e lady Neyland tem sido tão boa 1 para ela!", pensou.

Entretanto, considerava muito embaraçoso que Heloise se mostrasse tão entediada com a cegueira de sua madrinha, e tão mal-agradecida por tudo o que estava recebendo de uma pessoa que nem sequer era parente.

Lady Neyland e sua mãe tinham sido amigas íntimas quando solteiras e, a despeito de se encontrarem esporadicamente nos anos que se seguiram, continuaram a trocar correspondência até a morte da sra. Wyngate.

Como lady Neyland não tinha filhos, sempre mantivera interesse pela família da amiga. Mandava presentes para as duas meninas no Natal e Heloise sempre recebia uma encomenda, por ocasião do seu aniversário.

"É uma pena que meus padrinhos tenham morrido quando eu era pequena e nem tenham se lembrado de me citar no testamento", pensou Gilda, sorrindo levemente.

Logo em seguida, porém, reprimiu tais pensamentos, concluindo que não deveria ter ciúmes de Heloise. Era direito de sua irmã ter tudo o que pudesse e, além do mais, nos dois anos que se seguiram à morte de sua mãe, Gilda havia sido muito feliz com seu pai.

Adorava ouvi-lo contar sobre a vida no exército e, juntos, tinham lido livros muito interessantes.

Lembrando daquela época, Gilda compreendeu que os bailes luxuosos, que Heloise descrevera tão vividamente, não lhe pareciam melhores do que o companheirismo que conhecera com seu pai e que tanto enriquecera sua vida

"Eu amava papai e ele me amava", pensou. "É isto que vale a pena na vida de uma pessoa."

Aquele sentimento significava muito mais para ela do que perseguir um marquês que lhe parecia ser uma pessoa extremamente desagradável.

CAPITULO II

Como Heloise resolvera passar o domingo na cama, Gilda tinha levado seu café da manhã no quarto e, mais tarde, o almoço.

Preparara o pernil de cordeiro com muito cuidado e, para sua felicidade, depois de comer dois pedaços, Heloise comentou que estava gostoso e tenro.

— Estou tão feliz por você ter passado bem a noite! — comentou Gilda.
— Devia estar muito cansada, para dormir até tão tarde!

Heloise riu.

— Não dormi tanto por causa do cansaço, e sim pela dose extra de láudano que tomei.

— Láudano! — exclamou Gilda, horrorizada. — Você sabe que mamãe não gostava que o médico receitasse uma colher de láudano para papai, quando seu reumatismo atacava, pois é um medicamento à base de ópio.

— Não consigo dormir sem ele — respondeu Heloise e, percebendo que Gilda continuava com ar de censura, acrescentou: — É muito fácil para você criticar, mas, se ficasse dançando até três ou quatro horas da madrugada, bebendo champanhe, veria que não se consegue dormir tão facilmente.

Embora Gilda não conseguisse evitar a sensação de que gostaria de viver a experiência de dançar até altas horas da madrugada, julgava de extrema importância que a irmã percebesse que láudano poderia fazer mal para sua saúde.

— Estou certa de que você conseguiria dormir se tomasse um pouco de leite morno, Heloise. Mamãe sempre dizia que leite com mel...

— Oh, não me aborreça! — interrompeu Heloise categoricamente. — Quero lhe contar como fiz sucesso no baile oferecido pela duquesa de Belford. Todos os presentes comentaram que eu estava sensacional e foi depois disso que o marquês passou a me dar atenção.

Ela voltou a falar sobre o marquês, mas Gilda não se queixou. Era fascinante ouvir a irmã descrever os bailes que freqüentava, os elogios que recebia e os seus fabulosos vestidos, que custavam mais do que todo o dinheiro que ela possuía para viver um ano inteiro.

Gilda nunca tivera ciúmes da irmã, mesmo reconhecendo que Heloise fora sempre a primeira na afeição de seu pai e em tudo o que acontecia

quando eram crianças. Porém, era tão bonita, que Gilda considerava correto que recebesse tudo do bom e do melhor, enquanto ela deveria se contentar com o que restava.

— Quando o marquês me comunicou que ofereceria um jantar para mim em sua casa, em Berkeley Square, compreendi que estava recebendo um privilégio — Heloise estava dizendo.

— Era a esse jantar que você deveria ter ido ontem à noite? Heloise assentiu.

— O marquês ficará furioso, não?

— Ficarão enciumados. Pensará que preferi fazer algo mais divertido e interessante do que jantar em sua companhia, e essa simples idéia o deixará chocado.

Gilda nada comentou, embora considerasse que tinha sido muita indelicadeza de sua irmã fugir no último momento, sem avisar que não compareceria a um acontecimento oferecido especialmente para ela.

— O problema com o marquês de Staverton é que ele parece um menino mimado — continuou Heloise. — Tem tudo o que quer e, pelo que soube, nenhuma mulher jamais recusou qualquer pedido seu. Por isso, concluí que a única maneira de fazê-lo me considerar mais seriamente é mostrar relutância em estar em sua companhia, e não pressioná-lo como as outras mulheres têm feito.

Ela riu, antes de acrescentar:

E é óbvio que vou conseguir! Estou decidida a conquistá-lo e garantir que não se afaste de mim.

— E depois de conquistá-lo?

— Serei a marquesa de Staverton e minhas preocupações terminarão completamente.

— Mas, por acaso, você tem mesmo alguma preocupação? — perguntou Gilda, sorrindo. — Não me parece abalada.

— Claro que estou preocupada! Já lhe disse que tenho de me casar. Completarei vinte anos em julho e quase todas as garotas que debutaram na minha época já estão casadas ou comprometidas. — Uma pequena ruga se formou entre os olhos J azuis de Heloise. — Elas têm sorte. Seus pais estão presentes e arranjam seus casamentos, como é comum nos círculos aristocráticos.

— Mas sua madrinha não poderia arranjar um casamento para... você?

— perguntou Gilda, hesitante, pois julgava que um casamento arranjado era muito frio e desagradável.

Entretanto, se era um costume nos círculos aristocráticos, talvez fosse muito provável que a irmã o aceitasse com tranqüilidade.

— Minha madrinha é uma estúpida! — disse Heloise, com desprezo. — Não consegue entender o que é esperado dela. No ano passado, quando eu lhe sugeri que se aproximasse de lorde Cornwall, cujo filho mais velho esteve interessado por mim, ela replicou que seria embaraçoso demais, pois não conhecia os Cornwall.

— Entendo os sentimentos de lady Neyland...

— Entende porque é tão estúpida quanto ela e imagino que, se mamãe estivesse viva, sua atitude também não seria diferente. Não podemos nos deixar levar pelos sentimentos, quando se trata do aspecto social!

Houve um momento de silêncio, antes de Gilda perguntar:

— E quanto ao marquês? Ele pretende ter um casamento arranjado?

— Sem dúvida que ele já foi abordado por todos os duques e duquesas, condes e condessas que têm filhas solteiras, mas tenho certeza absoluta de que deseja escolher a própria esposa.

— Então, vamos rezar para que ele escolha você!

— Não é de rezas que preciso neste momento, mas de inteligência, aliás, o que tenho de sobra — retrucou Heloise com petulância. — Estou convicta de que o marquês deve estar se perguntando desesperadamente o que aconteceu comigo e com quem estou agora.

— Vai lhe contar que esteve aqui?

— Você deve estar louca! Abaixarei a cabeça e, simplesmente, direi que passei dias maravilhosos. Se eu falar com voz baixa e apaixonada, ele pensará que alguém esteve me cortejando e me beijando. Ficará tão enciumado, que qualquer coisa poderá acontecer!

Heloise recostou-se nos travesseiros e, sonhadoramente, voltou os olhos azuis para o teto, como se imaginasse o êxtase que sentiria quando o marquês a pedisse em casamento.

— Claro que sou muito ignorante a esse respeito... mas o marquês não a acharia audaciosa demais se você permitisse que homens a... beijassem? — perguntou Gilda, depois de um momento de silêncio.

— Ele consideraria muito estranho se nenhum homem desejasse fazê-lo!

— Compreendo que eles queiram. Você é tão linda, querida, estou certa de que todo homem a acha irresistível, mas você deveria... beijá-los?

— Ora, Gilda! Você não sabe do que está falando. Deixe-me conquistar o marquês à minha maneira. Sei muito bem o que faço.

— Sim... claro — murmurou Gilda, um pouco sem graça. Mais tarde, ao chegar a hora do chá, Heloise decidiu que estava confortável demais para se levantar da cama e a irmã levou o chá para o quarto.

Gilda arrumou a melhor porcelana de sua mãe sobre uma bandeja, coberta por uma bonita toalhinha de renda, e desejou que Heloise apreciasse os biscoitos que assara rapidamente, aproveitando o forno quente.

— Tenho algo para... lhe pedir, Heloise — disse, em voz baixa e tímida, quando o chá terminou.

— O que é?

— Se eu fosse para Londres... seria possível você arrumar algum emprego para mim?

— Ir para Londres?! — Heloise sentou-se na cama, quase num salto. — E por que você o faria?

— Estive... pensando. Não tenho condições de ficar aqui a não ser que consiga ganhar dinheiro... mas não sei como.

— O que imagina fazer em Londres, Gilda?

À pergunta foi feita num tom agressivo e Gilda percebeu que | o olhar da irmã estava hostil.

— Tenho pensado se não seria possível dar aulas para crianças ou mesmo cuidar delas.

— Por acaso, está planejando se tornar uma governanta?! — perguntou Heloise, horrorizada.

— Bem... alguma coisa assim.

— E como imagina que eu iria me sentir, tendo uma irmã que não passa de uma criada? Como foi capaz de sugerir algo tão abominável?

— Eu... desculpe-me. Não pensei que fosse aborrecê-la.

— É óbvio que me aborrece! Sou uma lady e, naturalmente, 1 nunca admiti, nem para mim mesma, que minha casa não passa de um solar caindo aos pedaços e que meu pai só tinha 1 o dinheiro que recebia como soldado!

Embora sempre tivesse desconfiado de que Heloise se envergonhava da família, a confirmação clara de sua suspeita foi um choque tão grande, que Gilda entrelaçou os dedos, para disfarçar o tremor das mãos.

— Sinto muito, Heloise. Não tive a intenção de aborrecê-la! Vou dar um... jeito na minha vida — disse ela, lembrando-sei de que, na noite anterior, verificara suas contas novamente, confirmando que seria mesmo impossível continuar vivendo ali apenas com o pequeno rendimento que recebia do dinheiro de sua mãe.

— Se você tiver que ensinar crianças, que seja aqui! — disse a irmã, com voz ríspida.

— Já temos uma professora na cidade. Além disso, a escola é tão pequena e pobre, que, se não tivesse outro rendimento, acho que a pobre srta. Crew morreria de fome.

Houve um momento de silêncio, após o que Heloise disse:

— Já lhe disse que terá de se casar,— Gilda. Deve haver algum agricultor, ou talvez até algum comerciante que se sentiria honrado em tê-la como esposa.

Levantando-se da cama, Gilda caminhou até a janela. Ficou parada, sem ver a tarde ensolarada, enquanto lutava para conter as lágrimas que teimavam em querer saltar dos seus olhos.

Finalmente, tinha plena consciência de que Heloise não lhe dedicava o mínimo afeto, e nem mesmo à memória de sua mãe.

Sugerir que se casasse com algum agricultor ou comerciante qualquer apenas para que não se tornasse um fardo em sua vida, era um sinal claro e evidente do desprezo que Heloise sentia por ela.

Além do mais, sua mãe se orgulhava muito dos seus distintos ancestrais de Cornwall e, na família de seu pai, os homens serviam o país, como soldados ou marinheiros, há inúmeras gerações. Seu avô, que também era general, fora nomeado cavaleiro, e seu bisavô possuía destaque inquestionável nos livros de história.

Enquanto ela ainda lutava contra as lágrimas, Heloise disse:

— Suponho que me resta apenas lhe dar algum dinheiro, embora considere extremamente desagradável que você o queira.

— Está... tudo bem, Heloise. —Gilda virou-se da janela. — Eu darei um jeito.

Heloise não prestou atenção. Estava tão aborrecida e alterada, que sua beleza parecia diminuir e, por um momento, ficou exatamente como era quando criança, tendo uma crise de mau humor sempre que não conseguia o que queria.

— Sabe o que farei? — continuou ela. — Vou lhe dar vinte *pounds* por ano até você se casar, e será inútil se lamentar pedindo mais!

— Não estou... me lamentando. — Gilda tentou falar com orgulho, mas sua voz falhou e duas lágrimas lhe correram pelo rosto.

— Vou lhe dar o dinheiro — continuou a irmã, como se Gilda não tivesse dito nada. — Porém, tenho uma condição: que você não vá a Londres, nem jamais me faça qualquer tipo de exigência.

— Eu não... claro que eu não faria isso.

— O que estou querendo lhe dizer é que, quando me casar com o marquês, não vou contar que tenho uma irmã. Não quero que apareça em minha vida, nem que comente, com qualquer pessoa de fora da aldeia, que somos irmãs.

— Prometo que farei isso, Heloise, mas não posso aceitar o seu dinheiro. Para ser sincera, depois de tudo o que me disse, prefiro esfregar o chão da casa de outras pessoas a aceitar um centavo sequer de você!

Gilda saiu correndo para o seu quarto e, jogando-se na cama, começou a chorar livremente.

Heloise era o único membro que ainda restava de sua família e sempre pensava nela com carinho e afeição; entretanto, tinha de admitir que tais sentimentos eram criados em sua fantasia. A dura realidade lhe mostrava que ela apenas imaginava qual fosse amada pela irmã porque, sem aquele amor, estaria totalmente só e desamparada no mundo.

Sabendo exatamente qual o sentimento que Heloise nutria por ela, ficou dominada pela sensação de ter perdido algo muito precioso, que abria uma ferida em sua vida, que nada seria capaz de cicatrizar.

Gilda continuou chorando sua tristeza, por um longo tempo. Depois, pensou que Heloise deveria estar esperando o jantar a precisava preparar a língua de boi que o filho da sra. Hewlett a persuadira a comprar.

Lembrou-se de que comentara com ele que tinha uma visita em casa, mas, felizmente, não havia contado que se tratava de sua irmã. Gilda estava com tanta pressa, que apenas comprara o pernil de cordeiro, os ovos e a língua de boi, despedindo-se rapidamente, sem conversar muito.

Gilda lavou o rosto com água fria e desceu.

Enquanto cozinhava, não conseguia deixar de pensar, com desespero, no que faria quando a irmã partisse e os impostos da casa comessem a vencer.

"Talvez eu tenha sido tola ao recusar o dinheiro que Heloise me ofereceu", pensou.

Imediatamente, porém, lembrou-se de seus ancestrais e levantou a cabeça. Nascera com o mesmo orgulho com o qual eles usaram suas armas, primeiro contra os normandos e, depois contra os barões que ameaçavam sua liberdade.

"Vou conseguir... claro que vou conseguir!"

Quando levou a bandeja com o jantar, Gilda estava ligeiramente embaraçada, mas Heloise apenas comentou:

— Não sei por que demorou tanto, Gilda. Eu mesma tive que acender as velas!

— Desculpe-me, mas estava preparando o jantar. Espero que esteja do seu agrado.

— Vamos ver... — replicou Heloise, com indiferença. — Trouxe aquela garrafa de vinho de que me falou?

— Oh, desculpe, nem lembrei! Mas acha que vinho lhe faz bem, Heloise? Mamãe sempre dizia que vinho demais pode arruinar a saúde de uma pessoa.

— Mamãe falava muitas bobagens! — replicou ela, asperamente— Tenho que beber em Londres, embora as mães de algumas garotas as proibam de fazê-lo.

— Então, por que você bebe?

— Porque eu quero, não é uma boa razão? Também bebo porque me sinto muito melhor.

— Ouvi dizer que o príncipe de Gales bebe demais, assim como os rapazes da sociedade — comentou Gilda.

— Oh, sim, e às vezes eles ficam desagradavelmente embriagados, antes mesmo do fim da noite, mas não os esportistas, que querem estar sempre em forma para as corridas.

— Sempre imaginei que o tipo ideal de cavalheiro também deveria ser um atleta.

— Bem, o marquês certamente é — replicou ela, trazendo novamente à tona seu assunto preferido. — Como é muito alto e forte, precisa sempre controlar o peso para as corridas de cavalo com obstáculos, que, aliás, ele sempre vence. Dizem que é o melhor cavaleiro de todo o *Beau Monde*.

— Você já o viu saltar a cavalo?

— Não, pois as damas raramente são convidadas para assistirem aos treinos e, além do mais, não estou interessada.

— Mas deveria estar! — Gilda quase gritou.

— Oh, eu finjo estar, mas não pretendo ficar assistindo às corridas em que ele participa, Gilda. Quero é ficar ouvindo-o dizer como sou bonita! — respondeu ela, pegando um espelho, que estava na cama ao seu lado, e contemplando o rosto.

— Sabe, Heloise, agora, você está muito parecida com mamãe. Ela sempre dizia que você e eu éramos muito parecidas com ela e com nossa avó, que era linda!

Por outro lado, não acredito que alguém tenha ouvido talar de mamãe ou de vovó, fora de Cornwall — replicou Heloise com desdém. — Quanto a mim, sou rival de Georgina, a duquesa de Devonshire! Na verdade, quase todas as pessoas consideram que sou mais bonita do que ela!

— Tenho certeza de que é mesmo! — concordou Gilda com sinceridade.

— Bem, agora vou dormir — disse ela, depois que terminou de jantar. — Quero ter uma longa noite de sono, porque amanhã sairei para dançar e pretendo mostrar o auge de minha beleza.

Pediu para Gilda lhe pegar outra camisola e também a f enrolar seus cabelos.

A princípio, ficou furiosa porque não estava sendo tão habilidosa quanto sua criada de quarto.

— Sinto muito, Heloise — desculpou-se Gilda. — Estou tentando fazer exatamente o que diz, mas esta é a primeira vez que enrolo cabelos em minha vida.

— É óbvio, a julgar pelo estado em que se encontram seu cabelos!

Entretanto, Heloise acabou admitindo que sua criada de quarto fora ensinada por uma cabeleireira eficiente.

— Naturalmente, sempre que vou a um baile, um *coiffeur* vai me atender — comentou ela, em tom petulante. — Ele costuma dizer que sou ótima propaganda para ele e que muita; mulheres o contratam porque estou sempre encantadora.

Gilda colocou-lhe o último grampo nos cabelos loiros:

— Pronto! Está bom?

— Não ficou tão ruim assim...

Ainda seguindo instruções, Gilda colocou uma renda na cabeça da

irmã, para segurar os grampos no lugar. Em seguida, Heloise massageou o rosto com uma loção de Bond Street.

— Esta loção é feita com raízes de iria e mantém a pele clara e limpa — disse ela. — E é muito, muito cara.

— Você sempre teve a pele bonita e não acredito que esta ou qualquer outra planta tenha muito a ver com isso.

Heloise riu, deliciada.

— Ainda bem que a madrinha não pode ouvi-la agora! Ela queixou-se da última conta, dizendo-me que me achava jovem demais para precisar de tantos aditivos de beleza.

— Sua madrinha tem razão. Você não precisa de loções, apenas de água e ar fresco.

Gilda falou com tranquilidade. Ao mesmo tempo, não gostaria que Heloise fosse embora odiando-a por ser tão crítica.

"Afim de contas, apesar de tudo o que disse e por mais que se envergonhe de mim, ela ainda é minha irmã", Gilda discutia consigo mesma. "Talvez um dia, quem sabe, ainda venha a precisar de mim novamente."

Heloise levantou-se do banquinho, na frente da penteadeira, e foi para a cama.

— Agora, feche a janela e cerre bem as cortinas. Não quero que a luz da manhã me desperte.

Gilda obedeceu, embora considerasse que o quarto ficaria muito abafado.

— Mais uma coisa — acrescentou Heloise. — Traga o frasco de láudano para mim. Está na penteadeira e quero tomar uma colher.

— Oh, Heloise, não tome!

— Quero dormir até as oito horas de amanhã, quando você me acordará para que eu esteja pronta antes da carruagem chegar.

— Não havia como Gilda argumentar e pegou o frasco de láudano. Ao levá-lo para a irmã, não conseguiu deixar de pensar que o líquido escuro parecia sinistro.

Heloise tomou três colheradas e, quando Gilda pegou o vidro, disse:

— Deixe-o no criado-mudo. Às vezes, ainda continuo com insônia e tomo mais uma colherada.

Gilda fez o que ela pediu e apagou uma das velas ao lado da cama.

— Se não quiser mais nada, Heloise, até amanhã. Trarei o seu desjejum

às oito horas, quando arrumarei seu baú de viagem.

— Se eu estiver sonolenta, acorde-me. Tenho que estar em Londres antes do almoço, pois acredito que o marquês esteja a minha espera.

Gilda apagou as velas da penteadeira e dirigiu-se para a porta.

— Boa noite, Heloise. Está sendo muito bom ter você aqui em casa e, não importa o que sente por mim, rezarei sempre Para que consiga tudo o que quer na vida.

— Eu conseguirei! — replicou ela com firmeza.

Gilda desceu as escadas e foi para a cozinha. Lavou a louça do jantar e arrumou a bandeja para o café da manhã da irmã. “Preciso tentar manter o solar, assim Heloise terá um lugar para vir, caso seus planos não dêem certo”, pensou.

Embora não soubesse o motivo, tinha a sensação de que, por mais determinada que estivesse, sua irmã não se casaria com o marquês.

Freqüentemente, Gilda tinha pressentimentos sobre as pessoas. Eram sensações irracionais e não baseadas em fatos, porém, invariavelmente, tornavam-se realidade.

Tinha consciência de que isso se devia a seu sangue cornualês, e sua mãe contava que, como os escoceses e os galeses, o povo cornualês era celta e possuía instintos, muitas vezes, clarividentes. — Eu sempre sabia quando seu pai estava em perigo — contara a sra. Wyngate, com sua voz aveludada. — A princípio, julguei que fosse imaginação minha, mas, depois, comecei a anotar a data e a hora do dia em que era assaltada por tais sensações. — Sua voz tornava-se mais grave, ao continuar: — Quando seu pai voltava para casa, descobríamos que minhas anotações coincidiam exatamente com o momento em que ele escapara de um tiro inimigo ou em que ele estava numa batalha, em que muitos soldados perderam a vida.

Gilda descobrira que também possuía aquele poder. Ao conhecer as pessoas, era capaz de saber se eram honestas e sinceras, ou maldosas e falsas. Também percebia sempre se o que lhe diziam era verdade ou não.

Entretanto, por ter pressentimentos tão apurados, também passava por situações bastante embaraçosas.

Quando Heloise lhe falava do marquês e de sua certeza inabalável de que ele a pediria em casamento, Gilda não conseguia reprimir a sensação de que ele não o faria e de que a irmã estava à beira de sofrer uma grande desilusão.

"Estou enganada... tenho que estar enganada", tentou convencer-se, enquanto se dirigia a seu quarto.

Não querendo mais pensar no assunto, resolveu enrolar os cabelos como os de Heloise, embora os seus fossem naturalmente ondulados, enquanto que os da irmã eram muito lisos.

Entretanto, estava certa de que, quando soltasse e escovasse os cabelos, no dia seguinte, o penteado lhe ficaria tão bem quanto ficava em Heloise.

Lembrou-se dos lindos vestidos que sua irmã possuía e do chapéu de viagem com suas delicadas plumas azuis. Gostaria de experimentá-lo, no entanto, sabia que, mesmo se pedisse, sua irmã não o permitiria.

Ela não havia mencionado mais sua oferta de dinheiro, que Gilda recusara, e, a julgar por suas palavras, a não ser que algo de muito grave acontecesse, nunca mais voltaria ao solar. Heloise desejava esquecer que tinha uma irmã.

Pensar nisso era muito doloroso, mas precisava ser forte e resignada. De nada adiantava querer mudar a essência das pessoas.

Quando acordou, Gilda constatou que teria muito tempo para preparar o café da manhã de Heloise e resolveu levantar-se para dar um jeito na casa e tirar o pó da sala de estar.

Fazia isso diariamente, deixando os outros aposentos para a sra. Hewlett limpar, pois preferia cuidar pessoalmente dos pequenos enfeites que sua mãe tanto gostava, em vez de confiá-los às mãos pesadas da velha criada.

Ao terminar a tarefa, o fogo já estava forte no fogão, mas, antes de fritar os ovos, imaginou que seria uma boa idéia chamar Heloise, para que ela estivesse bem desperta e saboreasse melhor o desjejum.

Faltavam ainda alguns minutos para as oito horas, quando Gilda entrou no quarto para abrir as cortinas. O sol inundou o aposento e ela reparou que, no jardim, aumentara ainda mais a quantidade de botões de lilases.

Virou-se para a cama e, como esperava, viu que a irmã dormia profundamente.

"Como é bonita!", pensou. "Quando está adormecida, parece ainda mais jovem!"

Havia um leve sorriso nos lábios de Heloise e sua pele chegava a parecer translúcida.

— Heloise! — chamou Gilda, sem receber resposta. Chamou novamente e abaixou-se para tocar o ombro da irmã, que não se mexeu.

— Heloise, acorde! São oito horas e você sabe que precisa voltar depressa a Londres, para encontrar o marquês!

Esperava que aquele comentário a despertasse, mas a irmã continuava imóvel. Tocou-lhe a mão e teve um sobressalto.

A pele de Heloise estava fria, tão fria quanto uma estátua de mármore!

Imediatamente, Gilda olhou para o frasco de láudano sobre o criado-mudo. Não estava na mesma posição em que o deixara na noite anterior e percebia-se que a colher havia sido usada novamente.

Sentiu um medo terrível e começou a esfregar a mão de Heloise entre as suas.

Não houve resposta e a mão de sua irmã continuava fria. "Tão fria como a morte!", pensou Gilda, num frenesi de desespero.

De repente, dominada pelo pânico, ela pegou a irmã pelos ombros e começou a sacudi-la, chamando seu nome sem parar. A cabeça de Heloise caiu para a frente, como a de uma velha boneca de pano.

Gilda levou alguns minutos para admitir a verdade. Depois, desnorteada, reconheceu que Heloise estava morta.

Sua mãe costumava ser chamada pela vizinhança quando havia alguém doente e Gilda quase sempre a acompanhava. Por isso já tinha visto várias pessoas mortas.

Depois de tentar, em vão, ouvir o coração de Heloise e sentir sua pulsação, ela começou a se perguntar desesperadamente o que faria.

Não havia médico na cidade. Teria que mandar alguém até a cidadezinha mais próxima, a oito quilômetros de distância, onde um jovem tomara o lugar do velho doutor que Gilda conhecia desde criança.

O médico teria que ser pago e ela reconhecia que seria uma perda de dinheiro, pois nada mais poderia ser feito, a não ser constatar o que já sabia: Heloise tinha sido vítima de uma dose excessiva de láudano.

A sra. Hewlett era quem costumava lavar e vestir os corpos de todas as pessoas falecidas na cidade, e ela só chegaria no fim daquela tarde.

"Vou esperar a sra. Hewlett voltar", pensou. "Depois, avisarei o pastor."

De imediato, porém, lembrou que o pastor estava viajando e que passaria três semanas fora. Teria de chamar um religioso da outra cidade para proceder à cerimônia do funeral.

"Como é possível que tenha acontecido esta tragédia?", perguntou-se, infeliz, tentando pensar se poderia ter feito algo para impedir aquele triste

fim de sua irmã. "Ela era tão jovem! Mesmo assim, fez mais coisas na vida do que eu jamais farei, nem que viva cem anos!"

Tentou imaginar se muitas pessoas em Londres iriam lamentar sua morte ou se Heloise logo seria esquecida. Talvez surgisse outra jovem ainda mais bonita e os homens nunca mais pensassem em Heloise, que morreria antes de completar vinte anos.

"Foi tudo culpa do marquês. Se a tivesse pedido em casamento, Heloise não teria vindo para cá. Ficaria em Londres com ele e estaria tão feliz, que não iria precisar tomar láudano."

Ao pensar no marquês, Gilda deu-se conta de que teria que comunicar, a ele e à madrinha de Heloise, o falecimento de sua irmã.

De início, imaginou que escreveria uma carta e a mandaria pela carruagem. Mas, depois, lembrando-se de que lady Neyland estava cega, perguntou-se se não seria mais delicado ir até Londres e dar-lhe a notícia pessoalmente.

"Tenho certeza de que mamãe consideraria a atitude mais correta. E, se lady Neyland for gentil e mandar sua carruagem me trazer, estarei de volta no fim da tarde."

Entretanto, não possuía nenhuma roupa decente para ir a Londres. Embora a velha senhora estivesse incapacitada de enxergar, talvez o marquês estivesse em sua casa, como Heloise esperava, e, sem dúvida, ficaria chocado com a sua aparência.

Acabou concluindo que, sendo uma atitude rude ou não, escreveria mesmo uma carta e a criada de quarto de lady Neyland a leria. Seria um choque terrível, pobre senhora!

Gilda atravessou o quarto para fechar as cortinas e deixar Heloise no escuro. Olhou mais uma vez para a irmã, considerando que era muito cruel ter morrido daquela maneira, abandonando tudo o que lhe era tão importante.

Heloise era bonita, admirada por todos e, se não se casasse com o marquês, teria oportunidade de escolher outro homem rico.

Havia sido, realmente, uma morte muito estúpida e Gilda tinha certeza absoluta de que Heloise não queria morrer. Simplesmente, devia ter tomado uma dose excessiva de láudano, sem considerar, com maior seriedade, as conseqüências trágicas que poderiam advir.

"Mamãe teria ficado arrasada", concluiu ela, "mas, agora, Heloise e

nossos pais estão juntos. Só eu fiquei e, talvez, por falta de condições de sobrevivência, não demore muito para me encontrar com eles!"

Foi um pensamento amargo e atraente ao mesmo tempo e, com o rosto bastante contraído, virou-se novamente para fechar as cortinas.

De repente, uma idéia passou por sua cabeça. Tão absurda, tão explosiva, que Gilda ficou paralisada, olhando pela janela, sem poder enxergar nada.

"Como sou capaz de chegar a considerar uma coisa dessas?", perguntou-se, atônita.

Entretanto, a idéia persistia. Um segundo depois, como num de seus momentos de clarividência, Gilda teve a convicção de que seria capaz de realizá-la, apesar de não conseguir acreditar que seria bem-sucedida.

— Não, é uma loucura! Uma loucura! É impossível! — gritou impulsivamente, tentando resistir.

Ainda assim, sentia seu cérebro funcionando, trabalhando a idéia, analisando-a sob todos os ângulos, enquanto deixava-se invadir pela certeza de que seria possível.

— Por mais terrível que pareça, é melhor do que ficar aqui e morrer de fome! — disse, em voz alta.

Depois do que lhe pareceu um longo tempo, Gilda virou-se da janela e caminhou para o espelho. Sentou-se na frente da penteadeira e olhou sua imagem.

Naquela manhã, quando havia tirado os grampos, seus cabelos caíram em cachos sobre a testa, como os da irmã no dia anterior.

Tivera a impressão de que o rosto, sob os cachos dourados, não era o seu, mas o de Heloise. Tinha consciência de que sempre existira grande semelhança entre elas, pois ambas eram parecidas com sua mãe.

Gilda continuou a se observar atentamente.

O formato de seu rosto era o mesmo da irmã, assim como o nariz pequeno e reto. Talvez seus olhos fossem um pouco maiores, ou, então, Heloise andava cansada e tensa e seu olhar não estivesse tão brilhante e vivo quanto deveria ser.

Sobre a penteadeira, estava o batom que a irmã usava, o *rouge*, que dava um pouco de cor nas faces, e o pó-de-arroz, que deixava sua pele mais branca do que era ao natural.

Movimentando-se como num sonho, com gestos lentos, Gilda aplicou

na face os cosméticos, do mesmo modo que vira sua irmã usar.

Depois do almoço, no sábado de sua chegada, quando Heloise tinha ido para o quarto trocar a roupa de viagem por um vestido mais leve e fresco, olhara-se no espelho e comentara:

— Deus meu! Estou horrível!

Em seguida, havia passado *rouge* rias maçãs do rosto, brilho nos lábios e acrescentara uma camada de pó-de-arroz, o que a deixaram, segundo a opinião de Gilda, muito diferente e parecendo mais velha.

— Todas as mulheres em Londres usam cosméticos? — perguntara, um pouco espantada.

— Claro que sim! — havia replicado a irmã. — Eu me sentiria nua sem nada no rosto!

— Os cosméticos a deixam estranha, mas, ao mesmo tempo, muito bonita — dissera Gilda, vendo seu próprio rosto, refletido acima do de Heloise, e pensando que parecia bastante sem graça.

Agora, entretanto, os cosméticos pareciam transformá-la, não numa imagem mais bonita e viva dela mesma, mas em Heloise.

"Sou uma duplicata de Heloise!", surpreendeu-se. "Como sou capaz de pensar em fazer uma coisa dessas?", perguntou-se, chegando quase a esperar que sua irmã sentasse na cama e, gritando, denunciasses sua pretensão.

Heloise, porém, continuava imóvel.

Logo depois, como que forçada a obedecer a um impulso mais forte do que sua própria vontade, Gilda caminhou até o guarda-roupa.

Meia hora mais tarde, ela empurrou o baú de viagem de Heloise até o fim do corredor e, voltando para o quarto, pegou o chapéu, as luvas e a pequena bolsa.

Fechou as cortinas e parou ao lado da cama, olhando, sua irmã, imóvel na penumbra, antes de ajoelhar-se.

Rezou com fervor para que Heloise encontrasse paz e felicidade e para que ela própria fosse perdoada, se estivesse cometendo um pecado.

— Oh, mamãe, se, ao menos, pudesse me dizer se o que estou prestes a fazer é certo ou errado, seria muito mais fácil! Mas juro, pelo que há de mais sagrado, que tentarei ao máximo ser boa, útil e compreensiva para com todas as pessoas que conhecer! — Gilda suspirou. — Não posso ajudar muitas pessoas aqui, mas talvez, em Londres, existam aqueles que precisam do meu conforto, como tantos precisaram do seu. Ajude-me, mamãe! E perdoe-me se

não aprova o que vou fazer.

Quando terminou a prece, Gilda enxugou as lágrimas e deu um beijo no rosto frio de Heloise.

— Adeus, querida irmã. Que Deus a tenha em sua glória. Depois de pegar a bolsa, as luvas e o chapéu que colocara sobre a cama enquanto rezava, saiu do quarto, fechando a porta.

CAPITULO III

Quando a carruagem se aproximou da Curzon Street, movendo-se lentamente em meio ao tráfego, Gilda começou a entrar em pânico.

Por um momento, chegou a pensar que o melhor seria dizer a lady Neyland quem realmente era e que viera apenas para lhe dar a notícia da morte de Heloise. Falaria também que, como não possuía nenhuma roupa apresentável, fora obrigada a pegar uma emprestada de sua irmã.

Logo depois, porém, o mesmo orgulho, que a motivara a recusar o dinheiro de Heloise, advertiu-a de que estava sendo ridícula. Voltar e passar a vida entre as batatas e os vegetais de sua horta seria admitir a derrota antes mesmo de entrar na batalha.

Deveria tentar se convencer, de uma vez por todas, de que aquela oportunidade surgira inesperadamente para salvá-la e que estaria sendo, não somente tola, mas também covarde, se a deixasse passar.

Antes de partir do solar, ela havia tomado todas as precauções para que nada pudesse despertar suspeitas sobre a "sua" morte.

Retirara o frasco de láudano de perto de Heloise e jogara-o no meio do mato, onde não poderia ser encontrado e havia se dirigido para o pequeno escritório. Sentada diante da escrivaninha de seu pai, havia pensado em tudo o que deveria fazer para facilitar as coisas para a sra. Hewlett.

Quando voltasse do casamento da sobrinha, a velha criada descobriria que sua jovem patroa morrera, num quarto que normalmente não usava. Não teria nenhum membro da família a quem recorrer e sua única alternativa seria a de chamar o médico da cidadezinha mais próxima, a oito quilômetros de distância.

Concluindo que não seria justo a sra. Hewlett usar seu dinheiro para tais despesas, Gilda, sem pensar muito, abriu a pequena bolsa de Heloise.

Surpresa, havia encontrado uma soma considerável de dinheiro, muito mais do que imaginava que uma dama precisaria para passar duas noites no interior.

Considerara que estava sendo ingênua e ignorante e que as pessoas em Londres deveriam carregar normalmente aquela quantia de guinéus em ouro.

De qualquer modo, aquele dinheiro resolveria todos os seus problemas. Abriu seu caderno de despesas sobre a escrivaninha, dando a impressão de

que estava trabalhando em suas contas antes de ir dormir e havia colocado uma quantia de dinheiro de um lado e, num pedaço de papel, anotara, com sua letra elegante:

"Salários de dois meses da sra. Hewlett."

Em outra pilha de moedas, havia escrito:

"Impostos com vencimento em 1.º de maio."

A terceira pilha fora destinada ao pagamento da conta da mercearia e deixara três soberanos numa gaveta, o suficiente para pagar as despesas do funeral.

Estava tudo certo e, como a sra. Hewlett era a única pessoa que entrava no solar, e era absolutamente confiável, ninguém estranharia o fato de ela deixar todo o seu dinheiro sobre a escrivaninha.

No momento em que a carruagem chegara, Gilda havia ficado um pouco tensa, pois seria aquele seu primeiro teste. Entretanto, James e o cocheiro a cumprimentaram normalmente e o laçao fora direto buscar o baú de viagem.

Ao partirem, ela não havia conseguido olhar para trás, para a casa em que morara durante toda a sua vida, pois receava não conseguir conter as lágrimas. Ficara imóvel por um longo tempo, pensando em Heloise e no seu fim trágico e lutando contra o impulso de pedir para a carruagem voltar.

Depois, conforme prosseguiu a viagem, passou a se interessar pela paisagem e relaxou um pouco, embora seu cérebro continuasse trabalhando febrilmente, tentando lembrar-se de tudo o que Heloise dissera em suas conversas.

Quando chegasse à casa de lady Neyland, na Curzon Street não poderia cometer erros, e isso, sem dúvida, não seria fácil.

Estava consciente de que enfrentaria a primeira dificuldade assim que chegasse, pois não conhecia a casa. Entretanto, lembrava que, quando perguntara se as noites de Londres eram barulhentas, Heloise tinha dito:

— A Curzon Street não, pois só tem casas de aristocratas. Além disso, madrinha e eu dormimos em quartos que dão para o jardim dos fundos da casa.

"Não posso esquecer esse detalhe", pensou Gilda. Mas havia ainda um outro problema: o nome dos criados. Heloise não mencionara nenhum deles e ela teria de contar com a sorte.

Felizmente, através dos conhecimentos de sua mãe, Gilda sabia que os criados principais de uma mansão usavam trajes diferentes.

"As governantas usam roupa preta e uma corrente com chaves na cintura", recapitulou Gilda. "As criadas de quarto também se vestem de preto, mas têm avental branco e as arrumadeiras usam touca."

Logo depois, quando a carruagem, finalmente, parou na frente da casa de lady Neyland, sentiu o coração bater acelerado e os lábios secos.

Um lacaios, usando uma libré elegante, igual à de James, desceu correndo os degraus e abriu a porta da carruagem para ela.

Um senhor com cabelos grisalhos estava à sua espera na porta principal, sem dúvida, o mordomo.

— Bom dia, srta. Heloise — disse ele respeitosamente. É bom tê-la de volta. Vossa Senhoria está à sua espera.

— Obrigada.

Gilda dirigiu-se para a escada, tentando imaginar como faria para encontrar o quarto de lady Neyland. Quando chegou ao topo da escada, viu que uma mulher, vestida de preto com um avental branco, a esperava e concluiu que devia ser a criada de quarto da madrinha de Heloise.

— Bom dia — cumprimentou-a, desejando saber seu nome.

— Bom dia, srta. Heloise. Vossa Senhoria está à sua espera. Ficou muito aborrecida no sábado, ao descobrir que tinha saído sem se despedir. Não é justo que Vossa Senhoria fique aborrecida, principalmente, considerando o estado de saúde em que se encontra!

A criada a repreendia exatamente como uma babá e Gilda concordou com o fato de que Heloise tinha demonstrado absoluta falta de consideração, ao agir daquela maneira.

— Eu sinto muito — disse ela embaraçada, sem deixar de notar o olhar surpreso da criada, diante de sua resposta.

Percorreram parte do corredor e a criada abriu uma porta alta de mogno.

— A srta. Heloise chegou, senhora! — anunciou, enquanto Gilda entrava num quarto muito bonito, inundado pelo sol que penetrava pelas janelas.

Lady Neyland estava sentada numa poltrona, com os olhos vendados e Gilda sabia muito bem que poderia falhar naquele teste. Tinha consciência de que as pessoas cegas têm o ouvido mais apurado do que as outras e desejou que sua voz soasse como a de Heloise, e que não fosse denunciada imediatamente como impostora.

A velha senhora estendeu a mão.

— Heloise, minha querida! Fiquei tão preocupada por você ter viajado sem dama de companhia, ou mesmo sem uma criada de quarto!

Sua voz era gentil, delicada e sem reprovações, ao contrário da criada, e Gilda atravessou o quarto rapidamente.

— Sinto muito... madrinha, sinto muito, muito mesmo, por tê-la deixado preocupada. Não deveria ter feito o que fiz.

— Bem, você chegou sã e salva e tenho certeza de que Carter e James cuidaram de você.

— Oh, sim, muito bem. — Gilda pegou a mão de lady Neyland e abaixou-se para beijar-lhe o rosto. — Desculpe-me se sentiu minha falta, madrinha, mas, agora, vou compensá-la lendo todos os jornais de hoje.

— Deixemos os jornais para depois — disse ela, sorrindo. — Agora, tire o chapéu e a capa e conte-me como encontrou sua casa. Os criados me disseram que você foi para lá.

Gilda olhou para ela, refletindo que tinha sido estupidez de Heloise não prever que bastaria lady Neyland perguntar aos criados para descobrir seu paradeiro.

— Estava tudo bem, no entanto, estou muito feliz por estar de volta. Muito feliz, madrinha!

— Era o que esperava ouvir. Seus ardorosos admiradores também ficarão encantados com sua volta, principalmente o marquês.

Houve uma breve pausa, antes de Gilda perguntar, como imaginava que Heloise o faria:

— Ele ficou... aborrecido por eu não ter comparecido... ao jantar?

— Não sei lhe dizer isso. À tarde, ele veio buscá-la para passear e me pareceu surpreso por você ter partido sem informá-lo de sua mudança de planos. — Lady Neyland sorriu. — Tive a impressão de que foi a primeira vez, em sua vida, que uma mulher recusou um convite seu com tanta indiferença!

Gilda ficou em silêncio, percebendo que Heloise estava certa. Sua

atitude surpreendera o marquês e, como ela esperava, talvez o fizesse, finalmente, decidir-se a pedi-la em casamento.

— Bem, mas, de qualquer maneira, imagino que você vá encontrá-lo esta noite e que lhe dê pessoalmente suas explicações — continuou a velha senhora.

— Esta noite? — perguntou Gilda, sem pensar.

— Você não se esqueceu de que minha amiga, a condessa de Dorset, convidou-a para ir ao jantar que oferecerá antes do baile, não é? Quando estive aqui, outro dia, ela me disse que você se sentará à esquerda do marquês.

— Sim... claro que me lembro.

— Vá se refrescar um pouco, querida. Depois, conversaremos sobre que traje deve usar. Quero que esteja linda!

— Tentarei, madrinha, mas gostaria tanto que a senhora também fosse!

— Eu também gostaria, querida. — Lady Neyland parecia satisfeita. — Entretanto, mais tarde, você me contará tudo o que aconteceu e, assim, poderei sentir que não estou perdendo tudo por estar aqui, cega como um velho morcego!

Ela tentou rir, mas um soluço em sua voz revelou a Gilda o quanto estava deprimida.

— Madrinha, estive pensando na senhora e lembrei que mamãe sempre dizia que cenouras e verduras fazem bem para a vista. — Percebendo que lady Neyland ouvia com atenção, ela continuou: — Certa vez, li um livro que tratava sobre alguma região do Oriente, que sofria de seca, pois só chovia uma vez por ano. — Fez uma pausa. — Não consigo me lembrar de que país era, mas o livro dizia que os habitantes tinham problemas de subnutrição e sofriam muito da vista até a chuva anual, quando tudo brotava. Eles, então, comiam os brotos verdes das plantas e das árvores e logo recuperavam suas forças e, principalmente, a visão.

— Que interessante! — exclamou lady Neyland. — Acho que você deveria falar com o cozinheiro-chefe, querida, para mandá-lo comprar cenouras frescas, verduras e legumes.

— De qualquer modo, a senhora pode experimentar o efeito que farão.

— Claro que tentarei, querida, e obrigada por pensar em mim.

— Vou até meu quarto tirar a roupa de viagem, madrinha. Logo mais estarei de volta, para ler para a senhora.

Ela dirigiu-se até a porta, perguntando-se como descobriria onde ficava seu quarto. Felizmente, a criada de lady Neyland a esperava no corredor.

— Será que poderia me acompanhar para desabotoar meu vestido? — perguntou, percebendo que a expressão da criada parecia menos hostil. — Não levarei mais do que um minuto para trocar de roupa e estou com muito calor depois da viagem.

Gilda tirou a capa e com um gesto quase mecânico, a criada pegou-a de sua mão e começou a caminhar pelo corredor.

A casa não era muito grande e seu quarto ficava apenas duas portas depois do de lady Neyland. Quando entraram, Gilda viu que o baú já estava lá e que uma jovem, ajoelhada ao lado dele, retirava suas roupas.

— Então, está aqui, Emily! — disse a criada de lady Neyland. — A srta. Heloise deseja trocar de roupa!

Emily levantou-se e começou a desabotoar o vestido de Gilda.

— A srta. Anderson está uma fera esta manhã — disse ela, em tom de confidencia, assim que a outra criada saiu do quarto.

— Creio que eu lhe causei um aborrecimento — replicou Gilda, feliz por ter ficado sabendo o nome da criada de lady Neyland.

— Ela também está brava comigo porque chamei uma toalha de mesa que estava passando.

Em seguida, Emily olhou apreensiva para Gilda, como que temendo ter falado demais e desviou o assunto rapidamente:

— Que vestido quer usar, srta. Heloise?

— Oh, qualquer um fresco e simples!

A criada foi até o guarda-roupa e, ao abri-lo, Gilda suspendeu a respiração. Nunca tinha visto tantos vestidos maravilhosos. Era como se alguém tivesse sido capaz de prender um arco-íris ali dentro!

Como não desejava que lady Neyland ficasse esperando muito tempo por ela, colocou rapidamente um vestido de musseline não muito diferente do que Heloise usara em sua casa. Aquele, porém, estava ornamentado com fitas verde-claras, ao invés de azuis, e a musseline era estampada com pequenas flores brancas e folhas verde-claras.

Era tão lindo, que deveria reservá-lo para alguma festa elegante num jardim. Porém, o melhor a fazer seria deixar para Emily a tarefa de escolher suas roupas e, depois de agradecer à criada, voltou depressa para os aposentos de lady Neyland.

Os jornais estavam sobre uma mesinha próxima à poltrona em que a velha senhora estava sentada.

— Diga-me que roupa está usando, querida — disse ela, quando Gilda foi pegar os jornais. — Quero visualizá-la. Sabe que as pessoas se esquecem de que as descrições são muito importantes, para uma pessoa que não pode ver com os próprios olhos?

— Tentarei descrever tudo para a senhora, madrinha. Hoje é um dia lindo, o sol brilha no céu e nos campos, os lilases estão desabrochando e os narcisos ficam dourados entre as árvores.

Ela continuou descrevendo a paisagem, como se estivesse pintando um quadro, e, ao terminar, lady Neyland comentou, entusiasmada:

— Você fez uma bela descrição, querida. Não sabia que era tão poética!

— Agora deixe-me falar sobre meu vestido — disse Gilda, apressada, recordando-se de que Heloise nunca demonstrava o menor interesse pela natureza.

— Falando de flores, acabo de lembrar que Anderson disse que chegaram muitos buquês para você. Estão lá embaixo, e imagino que queira vê-los.

— Irei mais tarde, madrinha. Agora, prefiro conversar com a senhora.

Era evidente que lady Neyland estava surpresa e satisfeita.

Gilda descreveu o vestido que usara na viagem para Londres e também suas impressões sobre a paisagem que presenciara durante a viagem.

Ainda estava falando, quando Anderson entrou no quarto e disse:

— Seu almoço já está subindo, senhora, e o da srta. Heloise está sendo servido na sala de jantar.

— Oh, que decepção não poder almoçar com a senhora, madrinha!

Houve um breve silêncio.

— Deve lembrar, querida Heloise, que, há poucos dias, disse que odiava fazer as refeições no quarto, segurando uma bandeja!

Gilda prendeu a respiração. Em seguida, riu.

— Se eu disse isso, na certa, foi por ter levantado com o pé esquerdo, madrinha. Prefiro almoçar em sua companhia. Para ser sincera, acho deprimente fazer as refeições sozinha — disse ela, lembrando-se de quantas refeições fizera sozinha depois da morte de seu pai.

— Gostaria muito que almoçasse em minha companhia, mas devo criar coragem e me aventurar a ir comer na sala — disse lady Neyland.

— E por que não? — replicou Gilda. — Deve ser muito aborrecido ficar aqui sentada o tempo todo. Além do mais, tenho certeza de que suas amigas gostariam de poder acompanhá-la algumas vezes, se a senhora não achar muito cansativo.

— Estou perfeitamente bem, a não ser pelo problema dos olhos, mas imaginei que pudesse criar uma situação embaraçosa se, por não estar enxergando, acabasse me sujando com a comida.

Era óbvio que havia sido Heloise quem colocara aquelas idéias na cabeça da madrinha.

— Eu tive uma idéia! E tenho certeza de que concordará comigo. Convidarei alguns de seus amigos muito especiais para jantar e escolheremos pratos de consistência cremosa. Além disso, eles compreenderão se a senhora não estiver com muito apetite e preferir conversar, em vez de comer.

Lady Neyland riu.

— Você está planejando uma brincadeira! Entretanto, já estou até me sentindo melhor. Oh, Heloise, você acredita que vou melhorar e voltar a enxergar algum dia?

— Tenho certeza que sim — Gilda percebeu que estava dizendo a verdade. Sua intuição a fazia ter plena convicção de que aquilo ocorreria.

Logo depois do almoço, iria conversar com o cozinheiro-chefe, para que providenciasse as cenouras e verduras frescas e, mais importante do que qualquer outra coisa, teria de fazer com que lady Neyland acreditasse que logo voltaria a enxergar.

Com expressão incrédula, Anderson desceu a escadaria, dizendo para os criados:

— A srta. Heloise vai almoçar no quarto com Vossa Senhoria. Quando as bandejas chegaram, foi arrumada uma mesa para

Gilda na frente de lady Neyland e as duas conversaram animadamente durante todo o almoço, servido pelo mordomo e dois criados.

— Que divertido! — exclamou Gilda. — É muito, muito melhor do que ter que almoçar sozinha.

— O que não lhe acontece freqüentemente — replicou lady Neyland. — Imagino que deve ter uma pilha de convites à sua espera e, agora, devemos conversar sobre o que vai fazer esta noite.

— Já sei o que faremos, madrinha! — disse Gilda, de repente. — Como a condessa é sua amiga íntima, mandarei um bilhete dizendo que a senhora

gostaria de ir também à recepção e passar uma hora conosco depois do jantar. Poderia ouvir música e conversar com seus amigos. Seria muito melhor para sua saúde do que ficar aqui sozinha.

Lady Neyland ficou imóvel e silenciosa por alguns instantes, antes de perguntar, com hesitação:

— Acha mesmo que... eu poderia fazer isso? Não causaria aborrecimentos e embaraços?

— Se a condessa for mesmo sua amiga, nada disso acontecerá, madrinha. Para ser sincera, tenho certeza de que ela a receberia de braços abertos. Por favor, deixe-me mandar o bilhete!

— Não sei... o que dizer, querida.

— Deixe comigo, madrinha.

Ao sair do quarto, Gilda perguntou-se onde deveria escrever o bilhete, pois estava certa de que devia haver um escritório na casa.

Desceu as escadas e, quando chegou ao vestíbulo, disse para um dos criados de plantão:

— Quer verificar se há tinta no tinteiro? Preciso escrever uma carta e gostaria que alguém a entregasse o mais depressa possível na casa da condessa de Dorset.

— Henry fará isso, senhorita — respondeu ele.

Como ela esperava, o criado foi na frente, em direção a um aposento que saía do vestíbulo. Ao chegarem, viu que se tratava de um grande aposento, que devia ser usado pelo marido de lady Neyland quando ainda era vivo.

Fascinada, Gilda olhou, primeiro, para uma imensa estante de mogno, repleta de livros. Em seguida, para a espaçosa escrivaninha, onde havia um mata-borrão e várias penas prontas para serem usadas.

Depois de examinar o tinteiro, o criado disse:

— Tem bastante tinta, senhorita.

— Então, está bem — replicou Gilda, sentando-se à escrivaninha.

Escreveu rapidamente, desejando estar se dirigindo à condessa o mais respeitosamente possível, ao sugerir que sua madrinha iria se sentir muito feliz se pudesse ficar um pouco em sua casa após o jantar para ouvir música e encontrar alguns amigos.

"...Vossa Senhoria goza de boa saúde, a não ser pelo problema que afeta seus olhos, mas tenho certeza de que, com fé e cuidados adequados, ela logo recuperará a

visão..."

Depois de assinar a carta, Gilda escreveu o nome da condessa no envelope e entregou-o para o criado, que a esperava na porta do estúdio.

Quando estava para subir a escadaria novamente, outro criado abriu a porta principal. Um homem entrou na casa e, assim que o viu, ela soube de quem se tratava.

Pela descrição que Heloise fizera do marquês, Gilda imaginava que fosse alto e forte, mas absolutamente não esperava uma pessoa tão bonita e de presença tão perturbadora. Sua respiração ficou suspensa por alguns instantes.

Ela sempre tivera poucas oportunidades de conhecer cavalheiros desde sua adolescência, mas tinha consciência de que qualquer homem que encontrasse em Londres seria diferente daqueles que conhecera no interior. Porém, estava completamente certa de que o marquês chamaria atenção onde quer que estivesse.

Quando ele se aproximou, Gilda sentiu-se como se tivesse sido dominada e, por um momento, não conseguiu falar nada. Parecia impossível até mesmo pensar.

— Então, você voltou! — disse ele, com voz áspera. — Quero uma explicação, Heloise, sobre onde estive e por que agiu dessa maneira abominável!

Gilda tentou, desesperadamente, imaginar o que poderia responder, mas só conseguia manter os olhos fixos no marquês, temendo que já tivesse descoberto sua farsa.

Imediatamente, porém, tentou se convencer de que ele não tinha motivo algum para desconfiar e ergueu o queixo, como sabia que Heloise o faria.

— Se eu incomodei Vossa Senhoria, é evidente que lhe devo um pedido de desculpas.

— Deve mesmo, mas considero que devemos discutir este assunto a sós.

Sem esperar resposta, o marquês dirigiu-se para outra porta que saía do vestíbulo, e Gilda imaginou que devia ser uma sala de estar.

Ao segui-lo, percebeu que não estava enganada. Era uma sala muito bonita, com um imenso candelabro de cristal preso na parte central do teto e estofados franceses, recobertos de brocado azul.

O marquês fechou a porta, atravessou a sala e parou, com as costas voltadas para a lareira.

Bastante tímida, Gilda foi para um sofá não longe dele e sentou-se na ponta. Embora reconhecesse que era tolice, sentia-se como uma colegial, apanhada ao fugir da escola. Tentou se acalmar refletindo que, como o marquês não pedira Heloise em casamento, não tinha o direito de tratá-la como se fosse propriedade sua. Entretanto, sentia a presença dele com tanta intensidade que não conseguia fitá-lo e seu coração batia descompassado.

Houve um longo silêncio.

— Estou esperando! — disse o marquês, afinal.

— O quê?

— Você sabe muito bem que teve um comportamento abominável, Heloise! Não tenho o hábito de oferecer jantares para jovens que desaparecem na última hora e sequer são capazes de fazer a gentileza de enviar suas desculpas.

— Eu sinto... muito. Desculpe-me — disse Gilda, julgando que não havia mais nada a dizer.

— Isso não é uma explicação!

— Sinto muito por tê-lo aborrecido e, acima de tudo, por ter aborrecido minha madrinha. Só posso lhe dizer que estou muito... arrependida e que... tal fato não acontecerá novamente.

Mesmo sem estar olhando para o marquês, Gilda tinha a sensação de que ele a fitava de maneira intimidadora.

— Você me surpreende, Heloise, e talvez seja melhor não falarmos mais sobre sua atitude. No entanto, fiquei extremamente furioso por ter sido forçado a mudar meus planos no último momento.

— Compreendo perfeitamente e admito que fui demasiado rude. Só posso repetir que sinto muito por tê-lo incomodado.

O marquês não respondeu e ela conseguiu fitá-lo disfarçadamente.

De fato, era o homem mais bonito que já tinha visto em toda a sua vida. Ao mesmo tempo, porém, algo no traço reto do seu queixo e talvez no desenho marcante dos lábios lhe dizia que era uma pessoa difícil e que, às vezes, seria capaz de se tornar cruel.

Não acreditava que Heloise pudesse ser feliz ao lado dele, por mais que lhe oferecesse vantagens materiais.

— Vamos esquecer o assunto — declarou o marquês, com ar

benevolente.

Gilda levantou-se.

— Sei que vai me dar licença para subir e falar com minha madrinha, senhor. Ela também ficou aborrecida e preocupada por eu ter fugido daquela maneira tola e, agora que voltei, gostaria de compensá-la. Estou tentando fazer com que ela vá à festa desta noite.

— Na casa dos Dorset?! Mas é impossível; ela está cega!

— Impossível por quê? Ela não está doente. Apenas seus olhos estão afetados e não posso imaginar nada mais deprimente do que não sair de casa, e ficar pensando que os amigos estão se divertindo e ela não pode acompanhá-los.

— E o que pretende fazer, Heloise?

— Acabei de mandar um bilhete para a condessa, perguntando se minha madrinha pode ir à festa depois do jantar. Naturalmente, ela se sente embaraçada em comer na frente das pessoas, mas pode conversar e ficar ouvindo música. Eu lhe contarei tudo o que estiver acontecendo e o senhor poderá descrever a ela os detalhes que eu esquecer.

— Eu? — indagou o marquês, incrédulo. — Está esperando que eu tome parte nessa situação?

— Por que não, senhor? Seria uma grande gentileza de sua parte e tenho certeza de que minha madrinha apreciaria muito sua atenção.

De repente, ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Realmente, você anda cheia de surpresas, Heloise. Nunca tinham me pedido para ser os olhos de uma pessoa cega.

— Há sempre uma primeira vez para tudo na vida, senhor. Bem, mas como tenho muitos preparativos para fazer, espero que me dê licença.

— Vim até aqui para convidá-la para sair comigo, Heloise. Meu faetonte está aí fora.

— É muita gentileza sua e eu agradeço o convite, senhor, mas outro dia, quem sabe.

O marquês fitou-a, revelando claramente a sua perplexidade.

— Já que é isto o que deseja, compreendo perfeitamente que sua madrinha tenha mais direito do que eu à sua companhia! Encontrá-la-ei no jantar esta noite, Heloise, e, naturalmente, contarei os minutos até lá.

Havia um certo sarcasmo em sua voz, e Gilda percebeu imediatamente que não estava sendo sincero.

De repente, ela teve a nítida sensação de que o marquês julgara que seu interesse e preocupação pela madrinha eram apenas uma farsa para impressioná-lo ou, talvez, para intrigá-lo.

Acreditava que ele fosse bastante inteligente e teve absoluta certeza de que as artimanhas praticadas contra ele por dezenas de mulheres, além de sua irmã, não haviam passado despercebidas.

Por outro lado, seria muito engraçado se o marquês soubesse que ela não tinha o menor interesse por ele. Ao mesmo tempo, porém, receava que fosse sensível e notasse que não era Heloise.

Tentou descobrir por que ficara tão fortemente impressionada com aquele homem, tendo acabado de conhecê-lo. Na verdade, sentia uma convicção inabalável de que ele era inteligente, intuitivo e que observava a pessoa que estivesse em sua companhia de maneira penetrante, como se procurasse algo que não esperava achar.

Gilda não conseguia encontrar motivo algum para saber tudo isso, no entanto, tinha certeza de que não se enganava e refletiu que, caso não tomasse cuidado, o marquês poderia se tornar um inimigo muito perigoso.

O melhor que teria a fazer era manter o máximo possível de distância dele.

Sem esperar mais, caminhou para a porta e, ao alcançá-lo, olhou para trás. Ele continuava na mesma posição, talvez imaginando que sua atitude fazia parte da encenação e que, na verdade, não sairia da sala.

— Bom dia, senhor — Gilda fez uma reverência. — Obrigada pelo convite para passear. Ficarei feliz em encontrá-lo novamente esta noite.

Não conseguiu evitar certo sarcasmo na voz, numa espécie de retribuição ao que sentira nas palavras dele.

E, mais do que depressa, ainda tímida e um pouco receosa, abriu a porta, atravessou o vestíbulo correndo e subiu as escadas, antes que ele desse qualquer sinal de sair da sala.

— Agora, conte-me exatamente o que está vestindo — disse lady Neyland, quando Gilda entrou em seu quarto, antes de sair para o jantar.

— Sinto-me muito bonita — respondeu ela, rindo. — Não sou convencida, pois a beleza deve-se ao meu vestido, ao penteado e, claro, à ajuda de Anderson, que deixou meu rosto mais bonito do que é na realidade.

Notou que Anderson ficou orgulhosa. Na verdade, a criada se mostrara surpresa quando ela havia pedido sua ajuda para fazer a maquilagem.

Depois que o cabeleireiro se fora, deixando-a com um penteado elegante e discreto, Gilda se dirigira ao quarto de lady Neyland para pedir a ajuda da criada.

— Numa festa, há algumas noites atrás, uma pessoa fez um comentário e acabei concluindo que estou usando muito pó e também *rouge* em excesso — dissera, escolhendo as palavras com cuidado. — Será que permitiria que Anderson me ajudasse, madrinha? Notei que sua pele é linda e gostaria que a minha também ficasse assim.

Anderson havia ficado gratificada e, naturalmente, tinha mãos experientes e habilidosas, que Gilda não possuía.

— O problema com os jovens é que sempre pensam que sabem tudo melhor do que qualquer outra pessoa — dissera a criada. — Sempre tive vontade de lhe dizer que usa muito *rouge* e o tom errado de pó-de-arroz, srta. Heloise. Para sua pele, o pó deve ser aplicado com muita leveza, para que fique praticamente invisível, a não ser que uma pessoa a olhe de perto.

— Tem razão — havia respondido Gilda. — Vou prestar muita atenção no que você fizer.

Quando ficou pronta, ela percebeu que Anderson tinha apenas acentuado delicadamente a cor de suas maçãs do rosto e dos lábios e que a sua pele parecia natural, sendo retirado apenas o brilho do nariz e do queixo.

A criada também aprovara, entusiasmada, a idéia de Gilda de levar lady Neyland a uma festa.

— Vossa Senhoria não pode mais continuar assim. Ela não vai melhorar nunca, se continuar trancada no quarto o tempo todo, sem conversar com ninguém.

— Concordo com você, Anderson.

— Vossa Senhoria sempre gostou de festas e da companhia de amigos. Não entendo por que ela nunca pensou em ir a alguma festa, pois, embora não enxergue, pode muito bem ouvir e conversar.

— Sim, claro. Mas eu lhe garanto que ela não será mais esquecida daqui para a frente — replicara Gilda. — Escreverei para todas as pessoas que me convidarem para uma festa, dizendo que minha madrinha também deve ir.

— É muita bondade sua pensar nisso, srta. Heloise.

Diante daquelas palavras, Gilda tivera uma sensação desagradável, pois era evidente que Anderson estava pensando no quanto ela havia sido egoísta no passado.

Não queria comparar suas atitudes com as de Heloise e não tinha a mínima vontade de encarar o fato de que sua irmã era tão egoísta, que nunca pensaria no prazer de outra pessoa, além do seu próprio.

"Tenho que tentar proporcionar felicidade para todos com quem conviver", pensara, sabendo que aquela seria a única forma de compensar a farsa que estava representando.

Ao agradecer Anderson pela maquilagem, dizendo-lhe que era muito habilidosa, a criada havia corado ligeiramente e Gilda percebera que o antagonismo quase declarado, que encontrara ao chegar, já não mais existia.

Gilda havia passado bastante tempo escolhendo, primeiro, o vestido que usaria, depois, o que seria mais apropriado para lady Neyland, que também possuía um guarda-roupa cheio de vestidos muito bonitos, quase todos em tons suaves de bege e cinza, que ela usava desde a morte do marido.

— Assim que voltar a enxergar, madrinha, vou fazê-la comprar um vestido para comemorar. Será tão brilhante quanto o sol e tão alegre quanto as flores da primavera!

— Se você quer que eu me pareça com um pássaro do paraíso, quando eu estiver enxergando, nós duas iremos à melhor e mais cara casa da Bond Street, para que você também compre vestidos novos.

— Oh, mas eu tenho a impressão de que nunca conseguirei usar todos os que já possuo!

— Claro que usará! — replicou a velha senhora. — Aí, virá se queixar que não tem o que vestir! Nenhuma mulher jamais tem roupa suficiente.

As duas riram e Gilda sentiu vontade de contar para lady Neyland o quanto aquela roupa que estava usando significava para ela.

Depois de passar tanto tempo usando vestidos justos, curtos e desbotados, era como se tivesse se transformado, de casulo, em borboleta.

Seu vestido era de uma gaze tão delicada, que mais revelava do que escondia sua silhueta e era enfeitado com fitas prateadas como os raios do luar.

Usava também sapatilhas prateadas e um ramo de folhas incrustado de diamantes sobre o rabo de cavalo que terminava em cachos, que o cabeleireiro fizera no alto de sua cabeça.

— Pareço uma deusa grega — disse ela, ao descrever sua aparência a lady Neyland. — Talvez lembre Diana, a caçadora, e deveria carregar uma

lança.

— Você já conquistou muitos corações, mesmo sem usar lança, menina — respondeu a velha senhora, sorrindo. — Heloise, conversamos tanto sobre vestidos, que você ainda não me contou o que o marquês lhe disse.

— Ele ficou surpreso e furioso com minha atitude.

— Espero que você tenha lhe pedido desculpas. Acho o marquês muito charmoso, apesar de ter muita consciência de sua importância e influência sobre as pessoas!

— É uma descrição perfeita, madrinha! Além disso, também o considero um pouco intimidador.

— Como já lhe disse várias vezes, querida, creio que você está voando muito alto, querendo conquistar o marquês. Afinal de contas, sir Humphrey Grange é tão rico quanto ele, embora não seja tão importante.

Gilda memorizou aquele nome, sabendo que era o outro pretendente à mão de Heloise, que a irmã também comentara.

— Há muitos homens no mundo e, francamente, madrinha, não estou com pressa de me casar — disse, impulsivamente e, no mesmo momento, percebeu que lady Neyland estava atônita.

— Mas, querida, você tem insistido tanto no fato de que precisa casar logo! Já cansei de lhe dizer que não há pressa, e que adoro tê-la comigo! Você precisa se dar tempo para pensar e deve ser muito cuidadosa ao escolher seu marido, pois disso dependerá sua felicidade futura!

— Sim, sei que tem me dado estes conselhos, madrinha, e Percebi que tem toda a razão. Assim, estou decidida a recusar qualquer pedido de casamento por, pelo menos, mais um ano.

Lady Neyland esfregou as mãos.

— Era exatamente isso o que desejava ouvir! Você não imagina que prazer me dá! Oh, Heloise, tive tanto medo que você se casasse logo e que eu ficasse tão desesperadamente infeliz quanto antes!

— A senhora era infeliz? — perguntou Gilda, curiosa. — Que tristeza!

— Não costumo falar muito sobre isso. O fato é que, na verdade, meu marido tinha muitos outros... interesses além de mim e, depois do casamento, minha única utilidade era receber seus amigos... mais respeitáveis.

Entendendo o que ela queria dizer, Gilda pegou sua mão.

— Sinto muito, muito mesmo, pela senhora, madrinha. Deve ter sido

muito doloroso.

— O que me entristece, mais do que qualquer coisa, é que, por causa disso, não tivemos filhos — continuou lady Neyland, em voz baixa. — Eu adoraria ter muitos filhos, para cuidar deles quando crianças e ajudá-los quando crescessem.

Gilda deu-lhe um beijo no rosto.

— Agora, a senhora pode me ajudar e pode ficar certa de que não vou casar com o marquês de Staverton nem com sir Humphrey. Esperarei até encontrar um homem tão encantador quanto papai. Só assim é que serei feliz, mesmo que more numa casa pequena e que não tenha muito dinheiro.

Ela disse aquilo de uma forma sonhadora, pensando em como seus pais tinham sido felizes juntos. De repente, percebeu que lady Neyland, ainda segurando sua mão, estava emudecida.

— Você mudou, Heloise, mudou tanto que é difícil descrever — disse ela, depois de uma longa pausa. — Nunca a ouvi falar desse modo e você também nunca havia pensado em mim antes!

Gilda compreendeu que havia cometido um erro, mas não tinha como voltar atrás.

— Se eu mudei, foi porque, quando fui para minha casa e fiquei longe da senhora, percebi como sempre foi bondosa comigo e o quanto tenho sido egoísta, pensando apenas em mim. — Ela aumentou um pouco o tom de voz, ao acrescentar:

— Mas; daqui para frente, tudo vai mudar e nós duas ficaremos juntas. E se, por acaso, alguém não quiser recebê-la em uma festa, madrinha, eu também não irei e ficaremos aqui, tagarelando como duas velhas solteironas!

— Você está sendo ridícula, menina — disse a velha senhora, rindo —, mas eu a adoro por isso! Agora, vamos! Apresse-se ou se atrasará para o jantar. E não esqueça: vou chegar às nove horas, me sentindo como uma debutante indo ao primeiro baile!

— Serei sua dama de companhia e farei de tudo para que os melhores partidos sentem ao seu lado e lhe fiquem falando docemente ao ouvido!

Lady Neyland riu novamente.

Gilda deu-lhe um beijo e desceu a escadaria, pensando que, felizmente, ninguém percebera que, na verdade, seria ela quem debutaria aquela noite, usando o seu primeiro vestido de noite.

Iria ao primeiro jantar de sua vida e dançaria no seu primeiro baile.

Parecia um sonho!

Quando chegou ao vestíbulo, viu a linda carruagem que a esperava, para levá-la à casa da condessa de Dorset. Desejou que o encantamento não terminasse logo; que durasse, pelo menos, até a meia-noite.

CAPITULO IV

Aquela noite foi, realmente, uma revelação para Gilda e, na verdade, superou suas mais loucas expectativas.

Sempre sonhara em ver um salão de bailes repleto de mulheres e homens bonitos e elegantes dançando sob a luz de maravilhosos candelabros de cristal, com uma orquestra tocando músicas suaves, que combinavam com o ar perfumado por flores.

A recepção na casa da condessa de Dorset estava perfeita e notava-se que fora planejada em seus mínimos detalhes.

Eram cinquenta pessoas para jantar e a imensa mesa, no centro da sala, estava maravilhosa, com seus enfeites de ouro, os enormes candelabros dourados e a decoração toda em orquídeas.

Gilda observava tudo aquilo com os olhos arregalados; entretanto, ao perceber que o marquês a fitava atentamente, lembrou-se de que, no papel de Heloise, devia estar familiarizada com cenas de beleza daquele tipo.

Porém, quando a enorme tiara da anfitriã, que quase chegava a ser uma coroa, refletiu o brilho das velas, ela não conseguiu deixar de murmurar:

— É exatamente como um conto de fadas!

— Por que esta noite em particular? — perguntou o marquês, revelando certo aborrecimento na voz.

— Talvez tudo pareça mais bonito porque estou me sentindo feliz — replicou Gilda, apressada.

— Por quê? — insistiu ele.

— É preciso uma razão para se estar feliz?

— Bem, se uma mulher afirma que está feliz, geralmente, é porque está apaixonada!

Ela riu.

— Nesse caso, sou uma exceção. Estou feliz apenas porque tudo é bonito e todos são gentis comigo.

— De que maneira?

Considerando que as perguntas do marquês começavam a se tornar desagradáveis, Gilda escapou, virando-se para conversar com o cavalheiro sentado do seu outro lado, que, imediatamente, a cobriu de elogios.

Era evidente que as palavras vinham aos lábios dele com facilidade

demais para serem sinceras, entretanto, elas conseguiram lhe dar uma maior segurança.

Estava decidida a não se deixar envolver numa conversa particular com o marquês e, quando lady Neyland chegou, tornou-se mais fácil evitar esse tipo de situação.

A velha senhora causou grande sensação, ao entrar no salão, de braço dado com seu anfitrião. Estava muito elegante, com um belo vestido cor de malva e, tendo como acessórios, uma tiara, um colar e brincos de ametistas e diamantes.

Gilda havia sugerido que lady Neyland substituísse a gaze, que usava por conselho do médico, por uma tiara do mesmo tecido do vestido em volta dos olhos.

Anderson caprichara na maquilagem e não era difícil esquecer que lady Neyland era diferente de qualquer outra bonita viúva presente no salão.

O conde de Dorset conduziu-a até uma poltrona confortável, que fora arrumada especialmente para ela, sobre um pequeno tablado de madeira.

— Devo tudo isso a você, querida — comentou lady Neyland, quando Gilda aproximou-se. — Não pode imaginar como estou feliz por ouvir a música e as vozes dos meus amigos.

De repente, Gilda encontrou a solução para lidar com uma dificuldade que a deixara preocupada durante o dia inteiro.

Sabia que Heloise devia conhecer a maior parte das pessoas que iriam conversar com lady Neyland e, naturalmente, seria esperado que ela dissesse seus nomes à madrinha, quando se aproximassem.

No entanto, resolveu propor:

— Agora, madrinha, vamos ver se reconhece seus amigos pela voz.

Lady Neyland aceitou a brincadeira de muito bom grado, de cada nove entre dez vezes, acertava o nome da pessoa na Primeira tentativa.

Quando o marquês se aproximou, Gilda teve certeza de que pretendia conversar com ela e contornou a situação rapidamente:

— Aqui está o marquês de Staverton, madrinha. Ele prometeu descrever para a senhora como estão suas amigas mais chegadas. Só receio que ele seja crítico demais!

Lady Neyland riu divertida e o marquês, depois de beijar sua mão, não teve outra alternativa a não ser sentar-se ao seu lado, o que deu chance a Gilda de dançar com alguns rapazes que chegaram a lhe implorar o privilégio

de uma dança.

Depois de cada música, ela voltava para o lado de sua madrinha, no entanto, cada vez mais, certificava-se de que sua presença não era necessária, pois lady Neyland estava cercada pelos amigos e sua felicidade era visível.

Assim que acabou de dançar com o rapaz que se sentara ao seu lado, na mesa de jantar, um homem alto e vistoso aproximou-se:

— Como foi capaz de ser tão cruel e indelicada, Heloise, desaparecendo sem me avisar para onde ia?

Gilda ficou tensa, tentando imaginar quem seria aquele homem, mas, felizmente, seu acompanhante interveio:

— Está sendo inconveniente, sir Humphrey, o que não costuma fazer numa pista de corridas. A srta. Wyngate é minha parceira até a próxima música começar.

— Não vou me desculpar, pois tenho algo muito importante para dizer a srta. Wyngate, e perdoe-me por privá-lo de sua companhia.

Sem esperar resposta, sir Humphrey levou-a pelo braço até um terraço, que saía do salão de bailes e, embora não quisesse acompanhá-lo, ela não teve opção.

Aliviada, Gilda viu que vários outros casais também tinham saído, para desfrutar do ar fresco da noite.

— Você está me deixando louco! — desabafou ele, em voz baixa. — Quando pretende me dar a resposta? Estou cansado de esperar!

Concluindo que ele se referia ao fato de tê-la pedido em casamento, depois de um breve silêncio, respondeu, hesitante:

— Não é algo que posso... resolver com... pressa.

— Pressa? — Estou ajoelhado aos seus pés há mais de seis meses! — Sir Humphrey fez uma pequena pausa e continuou:

— Esperava que fosse me encorajar esta noite, usando minhas safiras. Afinal de contas, apesar de sua madrinha estar presente, não poderia vê-las.

Ela permaneceu em silêncio, sem fazer a menor idéia de sobre o que ele estava falando.

— Devo voltar para a companhia de minha madrinha — resolveu dizer, depois de alguns instantes. — Estou certa de que ela gostaria de conversar com o senhor. Está muito emocionada por estar aqui esta noite, depois de passar tanto tempo fechada em casa.

— Não estou preocupado com sua madrinha, mas com você — disse sir

Humphrey, aproximando-se um pouco mais.

Havia algo naquele homem de que ela não gostava. Embora não soubesse identificar a causa, não confiava nele e compreendia perfeitamente a relutância de sua irmã em desposá-lo.

"Mesmo que fosse tão rico quanto Midas, não me casaria com ele", pensou.

Quando outro casal saiu do salão de baile para o terraço, Gilda teve a oportunidade que queria.

— Vou ver se minha madrinha está bem — disse rapidamente, escapando antes que sir Humphrey pudesse fazer qualquer coisa para impedi-la.

Entretanto, ele tentou ficar por perto a noite toda e, além do marquês, Gilda também precisou evitá-lo.

Mesmo assim, seu primeiro baile foi exatamente como sempre imaginara.

Não restava dúvida de que a beleza de Heloise a transformara num verdadeiro sucesso e até mesmo os rapazes mais sofisticados a elogiavam e apreciavam serem vistos em sua companhia.

"Foi realmente muito trágico Heloise ter morrido no auge do sucesso!", pensou, quando voltava para casa com lady Neyland.

Vinda de uma família totalmente desconhecida e sem importância para o *Beau Monde*, sua irmã conseguira marcar presença e ser reconhecida na sociedade mais crítica de toda a Europa.

— Você foi muito admirada esta noite, querida, e fiquei orgulhosa — comentou lady Neyland, como se estivesse seguindo o curso de seus pensamentos. — Gostaria de lhe agradecer por ter sido tão bondosa comigo.

— Eu é que deveria agradecer à senhora — replicou Gilda apressada. — Se eu não estivesse usando um vestido tão bonito e não fosse sua afilhada, sinto que ninguém me daria atenção.

— Bobagem! Seu rosto é sua fortuna, como diz o ditado, e todos os cavalheiros que conversaram comigo esta noite, não pouparam elogios a você, inclusive o marquês!

— Imagino que ele ainda esteja intrigado por eu ter desaparecido daquele jeito.

— Tenho certeza que sim. No entanto, querida, não acredito: que ele fosse um bom marido para você. A condessa esteve comentando comigo que

ele nunca amou ninguém em toda a sua vida.

Gilda ficou em silêncio, considerando que aquilo devia mesmo ser verdade e lady Neyland continuou:

— Não consigo reprimir a sensação de que ele mostra interesse por você apenas para aborrecer seus outros admiradores, ou para provar a eles que pode vencê-los, tanto numa pista de corridas quanto num salão de bailes!

— A senhora tem razão! Mas vou lhe dizer uma coisa, madrinha: não estou levando o marquês a sério!

— Fico tão feliz ao ouvir isso, querida, pois tive tanto medo que ele a fizesse sofrer uma desilusão, como fez com tantas outras mulheres!

— Não se preocupe, ele não conseguirá comigo! — afirmou Gilda, com segurança.

Assim que chegaram em casa, lady Neyland logo começou a contar para Anderson todos os detalhes da noite maravilhosa que tivera e Gilda deu-lhe um beijo no rosto, pediu licença e foi deitar.

Como não estava habituada a dançar e a ficar acordada até tão tarde, adormeceu quase que imediatamente.

Na manhã seguinte, depois de recapitular todos os acontecimentos daquela noite tão importante em sua vida, ela continuava intrigada com a referência de sir Humphrey às safiras.

Que jóias seriam aquelas? E, se ele presenteara Heloise, o que Gilda mal podia acreditar, onde estariam?

Quando Emily entrou no quarto, levando o café da manhã, Gilda descobriu que metade da manhã já havia passado.

— Preciso me levantar — disse para Emily.

— Não há pressa, senhorita, Vossa Senhoria ainda está dormindo. Mas já chegaram muitos buquês de flores, que estão lá embaixo. Trouxe-lhe alguns cartões que vieram com os buquês.

Emily colocou-os na cama e, ao abrir o primeiro, Gilda constatou que era de sir Humphrey.

"Preciso vê-la, implacável sedutora. Gostaria de passear comigo esta tarde, ou prefere que eu lhe faça uma visita, por volta das quatro horas?"

Ela não tinha a menor vontade de aceitar nenhuma das duas sugestões, ao mesmo tempo, quase riu, ao imaginar como ficaria emocionada se

recebesse um convite daqueles quando ainda morava no solar.

Também havia um cartão do marquês, mas ela não conseguiu identificar a maioria das assinaturas dos outros.

Depois de se vestir, um pouco hesitante, Gilda disse a Emily:

— Creio que este vestido precisa de um broche como complemento.

— Tem razão, srta. Heloise. Por que não usa aquela bonita pérola que pertenceu à sua mãe?

Gilda ficou paralisada. Sabia muito bem que todas as jóias de sua mãe tinham sido vendidas por seu pai, quando ele precisara de dinheiro para investir em suas duvidosas ações.

— Sim, claro — conseguiu responder, depois de alguns instantes. — É uma ótima idéia! Onde está o broche?

— No seu porta-jóias, senhorita! — respondeu a criada.

Imediatamente, descobriu que seria um erro perguntar onde estava e, felizmente, Emily foi até o guarda-roupa e abriu a porta. Perplexa, Gilda viu que, no assoalho do armário, sob os vestidos, estava uma caixa forrada de couro e parecia grande o suficiente para guardar as jóias da coroa.

— Ora, ora, onde será que guardei a chave? — disse, tentando parecer casual.

— Não quero me intrometer, como a senhorita sempre me aconselha, mas coloquei a chave na bolsa que usou ontem à noite, pois sempre faz questão de carregá-la, onde quer que vá.

— Sim, claro — respondeu Gilda, ligeiramente embaraçada. — Estou cansada esta manhã e me sentindo estúpida.

A criada entregou-lhe a bolsinha de cetim e rendas que ela usara no baile e, ao abri-la, viu que havia uma pequena chave embaixo de um lenço.

— Vou esperar lá fora até a senhorita me chamar de novo — disse Emily, saindo do quarto.

Gilda ficou surpresa, mas logo concluiu que Heloise devia ter instruído a criada para agir daquela maneira.

Assim que Emily fechou a porta, ela se ajoelhou na frente; do guarda-roupa para abrir o porta-jóias. Era realmente muita grande e imaginou que lady Neyland o tivesse dado de presente para sua irmã.

Ao abrir a tampa, ficou atônita com a enorme quantidade de jóias que ali havia.

"Como Heloise conseguiu tudo isto?", perguntou-se.

Num bolso de veludo, por dentro da tampa, estava o broche que Emily pensava que pertencera à sua mãe, mas Gilda nunca o vira antes. Havia também um par de brincos, que fazia conjunto com o broche, e um belíssimo bracelete de ouro, cravejado de pérolas e diamantes.

E, em outro compartimento de veludo, estavam dois brincos de safiras e diamantes e um berloque combinando.

Imediatamente, ela compreendeu que, na noite anterior, sir Humphrey devia ter se referido àquelas jóias e ficou horrorizada ao imaginar que sua irmã aceitara um presente tão caro de um homem de quem não pretendia aceitar o pedido de casamento.

"Preciso devolver essas jóias", pensou.

Encontrou também um cordão de pérolas e teve a desconfortável sensação de que eram verdadeiras.

Ao retirar o compartimento de veludo, teve um sobressalto. Não podia acreditar no que via!

Na base do porta-jóias, havia dezenas e dezenas de soberanos de ouro!

Ficou atônita por alguns momentos, olhando as moedas, pensando que tudo aquilo não podia passar de uma miragem. Onde Heloise conseguira tanto dinheiro?

Calculou que deveria haver ali pelo menos cinquenta soberanos. A única explicação era que lady Neyland devia ser muito generosa, ao dar dinheiro para Heloise gastar em pequenas compras ou gorjetas. Não seria estranho que sua irmã preferisse poupar o dinheiro, ao invés de gastá-lo.

Em seguida, notou uma pequena pilha de papéis, entre as moedas de ouro. Pegou a primeira folha e abriu-a, vendo que o timbre era do Coutts Bank.

"Prezada senhora, Temos a honra de informá-la que o saldo atual da sua conta corrente é de 1.959 libras e 10 centavos.

Expressamos nosso profundo apreço por continuar sendo nossa cliente e permanecemos seus fiéis servidores.

Coutts."

A princípio, Gilda pensou que aquilo fosse um engano. Mas logo observou que, na parte superior da folha, estava escrito: "Srta. Heloise Wyngate".

— Não posso acreditar! — murmurou. — Como Heloise conseguiu acumular tanto dinheiro?

Não conseguiu evitar de se lembrar da relutância de sua irmã, ao lhe oferecer vinte *pounds* por ano e nas condições que impusera para isso.

Logo depois, como se estivesse com medo do que descobrira, ela colocou a carta de volta no porta-jóias, encaixou o compartimento de veludo e trancou a caixa.

Dirigiu-se para a penteadeira e sentou-se no banquinho, observando sua imagem no espelho. Porém, não era o seu rosto que via, mas o de Heloise, e as mesmas perguntas voltaram a martelar em sua cabeça.

O que significava tudo aquilo? De onde surgira tanto dinheiro?

Depois de algum tempo, deu-se conta de que Emily esperava do lado de fora. Atravessou o quarto e abriu a porta.

— Vou ao quarto de Vossa Senhoria.

— Encontrou o broche, srta. Heloise?

— Mudei de idéia — replicou, com a voz um tanto rude. — Não estou com vontade de usar jóia alguma.

Depois de cavalgar pelo parque, enquanto a maior parte das Pessoas ainda dormia, o marquês de Staverton voltou bem-humorado para tomar o café da manhã em sua casa, em Berkeley Square.

Estava satisfeito com a cavalgada, pois o novo garanhão que adquirira uma semana antes, na Tattersall, era muito melhor do que imaginava.

Resolveu que, quando fosse para o interior, iria levar o cavalo para treiná-lo em salto de obstáculos, na pista de corridas com pequenas dimensões que construía em sua propriedade. Tinha descoberto que essa era uma forma excelente de treinar seus animais, não apenas para as corridas, mas também para as caçadas.

Quando sentou-se à mesa para saborear um dos pratos deliciosos que seu cozinheiro-chefe costumava preparar, o mordomo disse respeitosamente:

— Com licença, senhor. Um mensageiro do Ministério das Relações Exteriores está aí. Informou que lorde Hawkesbury manda perguntar se é possível visitá-lo assim que puder.

O marquês olhou para o relógio sobre a cornija da lareira, antes de responder:

— Peça para que o mensageiro informe Vossa Senhoria de que estarei com ele às onze horas.

— Pois não, senhor.

Depois de tomar o café da manhã, o marquês foi para o escritório. Seu secretário esperava, com uma pilha de convites, além de várias cartas dos administradores de suas fazendas, que pediam instruções quanto a várias reformas ou medidas a serem tomadas.

Trabalhou durante uma hora e meia e, ao subir para trocar de roupa, a pilha de correspondência havia diminuído consideravelmente.

Elegante como de costume, o marquês saiu para o Ministério, dirigindo seu faetonte com extrema habilidade, até passar pelo Piccadilly e entrar na St. Jame's Street.

Ao chegar, um funcionário levou-o até a sala do secretário das Relações Exteriores e, logo que entrou, lorde Hawkesbury levantou-se e estendeu-lhe a mão para cumprimentá-lo.

— Que bom vê-lo tão depressa, Staverton!

— Fiquei curioso para saber por que precisa de mim com tanta urgência, senhor — respondeu ele, acomodando-se à frente da mesa do secretário.

Lorde Hawkesbury também se sentou, mostrando expressão preocupada.

— Francamente, Staverton, você é minha última esperança!

O marquês ergueu as sobrancelhas, sem nada dizer.

— Você não vai acreditar, mas, embora não tenha provas, estou convencido de que está vazando informações desta Secretaria!

— Da Secretaria? — repetiu o marquês, endireitando o corpo na poltrona. — Está certo disso?

— O problema é exatamente esse: não tenho certeza absoluta e admito que, de certa forma, estou jogando com hipóteses. Mesmo assim, estou terrivelmente desconfiado de que informações secretas estejam sendo desviadas de Whitehall para Bonaparte.

Houve um momento de silêncio, enquanto o marquês refletia sobre aquele novo fato. O armistício, que fora assinado um mês antes, encantara o mundo, no entanto, ministros, como lorde Hawkesbury, desconfiavam que Napoleão Bonaparte estivesse tentando ganhar tempo para consolidar suas forças.

Se essa hipótese fosse verdadeira, em pouco tempo, as hostilidades entre Inglaterra e França recomeçariam.

Entretanto, seria inútil afirmar isso ao primeiro ministro. Henry Addington, que sucedera William Pitt depois de sua exoneração no ano anterior, havia se revelado um homem fraco, vacilante e complacente, num tal grau, que os líderes das Forças Armadas consideravam extremamente perigoso.

O marquês prestava serviços ao Ministério das Relações Exteriores e a lorde Hawkesbury em particular e estava convencido de que, se ele tinha suspeitas, certamente possuía boas razões.

— Explique-me toda a situação — pediu o marquês.

O secretário baixou o tom de voz, como se temesse que as paredes o ouvissem.

— Estive investigando e observando cada membro da minha equipe. Secretamente, é claro!

— E suspeita de alguém em particular?

— Soa como uma infâmia dizer isso, já que não consegui encontrar uma prova contra ele, mas, ainda assim, minha intuição me faz crer que Rearsby não é exatamente o que aparenta ser.

O marquês ergueu as sobrancelhas, lembrando-se de lord Rearsby, um rapaz elegante, que já havia encontrado em algumas festas e corridas, e com quem nunca tivera vontade de estreitar relações.

Não parecia ser o tipo de homem que pudesse ser considerado perigoso. Apenas circulava pelo rol dos ricos e famosos e, provavelmente, gostava de pertencer a um bom clube porque isso significava um avanço social.

— Você o conhece? — perguntou lorde Hawkesbury, observando sua expressão.

— De vista. Não é o tipo de pessoa que me interessa como; amigo ou conhecido.

— Foi o que imaginei. O pai dele foi o primeiro da família a receber um título e Rearsby freqüentou uma boa escola. Possui uma pequena propriedade em Sussex, onde passa pouco tempo e me contaram que sua grande ambição é ser reconhecido pelo príncipe de Gales.

— Aliás, essa é a ambição da maioria dos rapazes! — O marquês riu.

— Exatamente! Isso me faz pensar que estou na pista errada, entretanto, não parece existir outra pessoa.

— Por que ele trabalha aqui?

— Ele veio para cá por intermédio de seu pai, que recebeu seu título de lorde como recompensa pelos valiosos serviços prestados a nós, e que desejava ver o filho seguindo seus passos. — Lorde Hawkesbury fez uma pausa. — Quando o pai morreu, todos imaginaram que o jovem Rearsby pediria demissão para gastar o dinheiro da herança numa vida de aventuras. No entanto, ele continuou aqui e, como é muito consciente no desempenho de suas funções, não existe nenhuma razão objetiva para o demitirmos.

— E por que desconfia dele?

— Sinceramente, não sei lhe dizer, Staverton. Talvez seja por simples eliminação, pois não existe outra pessoa em quem não deposito total confiança.

— É uma situação difícil, sem dúvida. E o que espera que eu faça?

— Mais uma vez, não sei. — Lorde Hawkesbury riu. — Estou vigiando Rearsby, mas parece não ter entrado em contato com nenhum daqueles que desconfiamos serem simpatizantes ou suportes de nossos inimigos. Se ele, realmente, está passando informações, não imagino para quem.

— E o que posso fazer? — perguntou, novamente, o marquês.

— Apenas fique com os olhos bem abertos, Staverton. Você foi muito astuto em várias outras situações difíceis, como já disse, é minha última esperança.

— Rearsby tem posse de alguma informação que poderia ser importante para a França?

— Qualquer detalhe que saibam sobre as nossas Forças Armadas será útil para Bonaparte. Tenho certeza de que ele pretende nos invadir, mais cedo ou mais tarde.

— Acredita mesmo nisso?

— Tenho certeza absoluta. Recebi informações de que os franceses estão construindo barcas suficientes para transportar tropas através do canal, para nos atacar quando estivermos totalmente despreparados.

— Totalmente despreparados? Ora, mas então, por que diabos estamos dispersando o Exército e a Marinha com tanta pressa?

— Faça esta pergunta ao primeiro ministro, Staverton — replicou lorde Hawkesbury. — Só posso lhe dizer que, apesar de ter protestado vigorosamente nas últimas duas reuniões, fui rechaçado como sempre, por aqueles que julgam que, se acreditarem na paz com fervor, seu desejo será realizado.

— Mas tudo isso é uma loucura!

— Concordo. Mas tenho consciência de que ninguém me dará ouvidos, a não ser que eu prove que Napoleão tem espiões que o mantêm muito bem informado sobre tudo o que acontece na Inglaterra. Sem dúvida, ele esperará cuidadosamente pelo momento em que estaremos tão indefesos, que sua vitória será garantida.

— Precisamos evitar isso! — afirmou o marquês, com convicção.

— Sem dúvida!

Os dois homens ainda ficaram conversando mais uma hora e, quando saiu da secretaria, o marquês estava sério. Nada lhe garantia que, mesmo com toda sua reconhecida boa sorte, fosse capaz de encontrar uma "agulha naquele palheiro".

Resolveu almoçar no White's, onde imaginou que poderia encontrar lorde Rearsby, e, de fato, não estava enganado.

O primeiro lorde Rearsby era membro daquele clube e, ainda muito jovem, seu filho herdara esse direito.

"Não resta dúvida de que Rearsby encontrou aqui um bom terreno para avançar em suas ambições", pensou o marquês com cinismo.

Em nenhum outro clube, ele poderia encontrar o *creme de la creme* da sociedade londrina, onde os homens deixavam os preconceitos de lado e aceitavam um membro simplesmente pelo seu valor humano.

Lorde Rearsby estava sentado com alguns amigos sem importância e o marquês reparou que não bebia ou comia com excessos, comportando-se com discrição.

Parecia quase absurdo desconfiar que fosse um espião de Bonaparte. Por outro lado, se realmente nutria a ambição de ascender socialmente, precisaria de muito mais dinheiro do que o que lorde Hawkesbury imaginava que herdara de seu pai.

Era mais do que sabido, no Ministério das Relações Exteriores, que Napoleão Bonaparte mostrava-se extremamente generoso com aqueles que lhe ofereciam as informações de que precisava. Os navios que transportavam espiões no canal levavam cargas muito mais lucrativas do que as habituais, de conhaque e chá.

Imediatamente depois que as hostilidades cessaram, tinha havido muitas perseguições e difamações em relação a pessoas inclinadas a simpatizar com a França. Proliferaram-se os boatos de que espiões ouviam

clandestinamente as reuniões do conselho do governo, ou mesmo escondiam-se nos cantos do palácio de Buckingham.

O marquês, entretanto, não acreditava em nada disso. Reconhecia que o patriotismo podia transformar algo absolutamente trivial numa ameaça da qual as pessoas recuavam aterrorizadas.

Sem demonstrar, ficou observando lorde Rearsby por algum tempo e concluiu que o secretário das Relações Exteriores estava enganado.

Como seria possível que um rapaz sem influência entrasse em contato com alguém ligado à rede de espionagem de Napoleão Bonaparte?

Se Hawkesbury mandara segui-lo, na certa teria detectado algum contato com os imigrantes franceses que moravam em Londres e que sempre tentavam, por meios honestos ou não, voltar à sua terra natal.

"Tenho certeza de que tudo não passa de imaginação", pensou.

Porém, tendo trabalhado durante tantos anos com lorde Hawkesbury, sabia que era um homem consciencioso, honesto e reconhecido por resolver situações difíceis e que sempre tivera uma incrível capacidade de separar o joio do trigo.

Como não encontrasse nada de interessante no White's, o marquês resolveu visitar Heloise.

O comportamento dela andava tão estranho, que mal conseguia reprimir a curiosidade de saber até onde queria chegar.

Estava acostumado a que as mulheres tentassem ser diferentes umas das outras, desejando despertar seu interesse sendo originais e julgava conhecer todas as artimanhas que usavam e todos os truques que tramavam cuidadosamente para conquistá-lo.

Heloise Wyngate, no entanto, estava conseguindo deixá-lo absolutamente intrigado.

Além do mais, ficara extremamente irritado por ela não ter comparecido ao jantar em sua casa, sem ao menos prestar a devida consideração de avisá-lo que iria ausentar-se de Londres.

Mas, depois, divertido, havia concluído que a atitude de Heloise não passava de mais uma armadilha, para que ele a considerasse difícil e irresistível. Achou-a ingênua, pois ele era inteligente o bastante para não se deixar ser apanhado dessa forma.

Ela era, sem dúvida, a garota mais bonita que já tinha visto na vida e estava certo de que qualquer um de seus outros admiradores consideraria

uma vitória se conseguisse conquistá-la, principalmente quando todos achavam que o marquês estava interessado na garota.

Resolveu fazer-lhe uma visita e tentar descobrir o que ela estava tramando.

Havia percebido que ela evitara, com habilidade, qualquer conversa íntima com ele na noite anterior e parecia estar se divertindo com excitação infantil, atitudes totalmente diferentes das que notara antes.

Quando Heloise havia partido de Londres, ele tinha a exata consciência de que ela estava fervorosamente empenhada em conquistá-lo, se fixando apenas nele, onde quer que estivessem.

Na noite anterior, entretanto, ela estava tão indefinível quanto um pedaço de mercúrio e o marquês tinha a estranha sensação de que, quando seus olhares se encontravam, havia um sinal de medo nos dela.

"Estou imaginando coisas", pensou. Mas a sensação persistia e ele estava convencido de não estar enganado.

Lorde Hawkesbury tinha sido a primeira pessoa a perceber que, em conjunto com o corpo atlético do marquês, existia também uma cabeça inteligente, sensível e crítica.

O secretário das Relações Exteriores cultivara a amizade daquele jovem até estar em posição de pedir sua ajuda, na resolução de vários problemas que surgiam na Secretaria e que acabavam transbordando para a sociedade e para a esfera de atuação do marquês.

Ele conseguira se sair muito bem em todas as situações, e lorde Hawkesbury não só se sentia orgulhoso por ter percebido a habilidade do marquês, mas também passara a admirá-lo e a confiar nele cada vez mais.

Tinha certeza absoluta de que, se existisse alguém capaz de resolver a questão da suspeita de vazamento de informações no seu departamento, esse alguém era Staverton.

E, quando ele concordara em tentar, lorde Hawkesbury tinha suspirado aliviado, como se tivesse transferido uma pesada carga dos seus ombros para os de um homem mais jovem.

A mesma inteligência e a mesma disposição que possuía para tentar descobrir o espião de Bonaparte, o marquês concentrava agora em Heloise Wyngate.

Iria descobrir por que ela parecia tão amedrontada.

Gilda estava tão intrigada com o que encontrara no porta-jóias de sua irmã, que não conseguia pensar em outra coisa.

Quando Anderson havia insistido para que lady Neyland dormisse um pouco depois do almoço, já que se deitara muito tarde na noite anterior, Gilda fora ler no estúdio.

Tinha encontrado dezenas de livros muito interessantes, mas quando acomodou-se numa poltrona, ao lado da janela, percebeu que as páginas pareciam dançar na frente de seus olhos.

Só conseguia ver a carta do banco endereçada à sua irmã e a pilha de soberanos de ouro no fundo do porta-jóias.

Pela centésima vez, tentava encontrar uma explicação, quando a porta se abriu e o mordomo anunciou:

— O marquês de Staverton, srta. Heloise!

Gilda teve um sobressalto e o livro caiu ao chão.

Teria se levantado para pegá-lo, mas o marquês atravessou a sala rapidamente e pegou-o primeiro, olhando o título, antes de devolvê-lo.

— Está lendo Rousseau? — perguntou. — Você lê francês?

— Muito bem e sempre tive vontade de ler esta obra.

— Por quê?

— Pensei que devia ser interessante. Papai e mamãe gostavam de seus trabalhos, embora papai preferisse livros sobre soldados.

— Não sabia que você gostava de ler — comentou ele.

Tarde demais, Gilda lembrou que Heloise detestava ler e que não entendia uma só palavra de francês. Só esperava que o marquês não estivesse a par desses detalhes de sua irmã.

— Madrinha não estava esperando sua visita esta tarde — disse, tentando mudar de assunto rapidamente.

— Como sabe muito bem, vim visitar você!

— Por algum motivo particular?

— Ora, mas preciso de algum motivo especial? Talvez esteja enganado, mas pensei que fôssemos bons amigos e que apreciássemos a companhia um do outro.

Novamente, havia aquele tom irônico em sua voz, que Gilda aprendera a captar.

— Tenho a sensação, senhor, de que está zombando de mim!

— Por que faria isto?

– Não sei, mas talvez porque julgue que as jovens sejam enfadonhas.

– Tem razão, embora você não possa se incluir na categoria de "jovens", que invariavelmente são desajeitadas, imaturas e muito ignorantes.

Gilda riu.

– Que indelicadeza! Elas fazem o melhor que podem e lembre-se de que as garotas crescem e tornam-se mulheres bonitas e inteligentes.

– Às vezes! – disse o marquês, enigmaticamente. – Você, por exemplo, é muito bonita, Heloise, e não imagina a que estado reduziu a população masculina de St. Jame's.

– O senhor é muito habilidoso em matéria de elogios – respondeu ela, rindo. – Tenho a impressão de que os profere com tanta frequência, que já se tornou um *expert* no assunto, ou, então, que os ensaia durante o banho.

– Agora, acho que está me insultando! – replicou o marquês, embora estivesse sorrindo.

– Imagino que minha madrinha logo acordará da sesta e tenho que trocar de roupa – disse ela, olhando o relógio sobre a cornija da lareira.

– Se está procurando uma desculpa para se livrar de mim, esta não foi muito eficaz. – Os olhos do marquês brilharam. – A não ser que tenham almoçado muito cedo, não acredito que sua madrinha já tenha tido tempo de fazer a sesta e você está tão encantadora com esse vestido, que duvido que esteja mesmo fazendo questão de trocá-lo.

Gilda ficou em silêncio, sem encontrar uma resposta, e ele continuou:

– O que aconteceu? Por que está tentando me evitar?

– Não estou... fazendo... isso.

– Não sou tolo, Heloise. Primeiro, você desaparece, depois, quando volta, deixa bem claro que não deseja ficar a sós comigo. Quero uma explicação, e creio que tenho esse direito.

– Não sei por que julga que tem... direito a... alguma coisa – replicou Gilda. – Não tem nenhum direito sobre minha pessoa... como sabe muito bem.

– Não?

– Não! – disse ela, com firmeza.

O marquês fitou-a por um longo momento e Gilda teve medo, sentindo que ele quase conseguia perscrutar seu coração.

Em seguida, enquanto ela tentava, em vão, encontrar um novo assunto para conversarem, ele disse:

— Tenho uma idéia! Devíamos comemorar o retorno de sua madrinha para a sociedade, oferecendo um jantar em homenagem a ela.

— Está falando sério? — Os olhos de Gilda brilharam de contentamento. — Ela ficaria muito satisfeita! Ontem à noite, divertiu-se e se emocionou muito, mas, hoje de manhã, estava muito indecisa quanto à minha intenção de escrever para todas as pessoas que me convidaram, a fim de informar que ela me acompanhará às festas. — Ela fez uma pausa. — Como deve ter percebido, minha madrinha não deseja forçar sua presença.

— Sei disso. Portanto, eu oferecerei uma festa para ela. Gostaria que você me ajudasse, dizendo quais os amigos mais especiais que ela gostaria que fossem convidados.

— Posso contar seus planos para madrinha?

— Não! Seria melhor que fosse uma surpresa!

— Oh, sim! Será ainda mais emocionante! — Gilda ficou pensativa por um momento. — Sempre pensei que minha madrinha tivesse levado uma vida muito prazerosa, até o dia em que ela me contou como era infeliz com o marido e como ele a negligenciava. Imagino que essa seja a causa de ficar tão agradecida com qualquer demonstração de amor ou de carinho que recebe.

Ela disse aquilo em voz baixa e, por um momento, esqueceu-se do marquês e só pensava em lady Neyland.

Na conversa durante o almoço, Gilda tinha percebido claramente o quanto significara para a velha senhora toda a atenção que ela havia recebido na noite anterior.

Tinha pensado também que, como lady Neyland ainda era muito bonita e bem disposta, devia se deprimir bastante, sabendo que Heloise freqüentava festas todas as noites, enquanto a ela cabia apenas ficar em casa, exatamente como fazia quando seu marido tinha "outros interesses".

— Deixe tudo comigo — disse o marquês, observando atentamente a expressão do rosto de Gilda. — Vou preparar a festa para amanhã à noite.

— Tão depressa?

— Por que não? Teremos cerca de vinte pessoas para jantar e convidarei, mais ou menos, o mesmo número para depois. Imagino que você queira dançar...

— Não, se o senhor não quiser. Ficarei satisfeita apenas conversando ou assistindo seus convidados jogando cartas.

O marquês olhou-a surpreso, como se não acreditasse no que ela dizia,

mas Gilda nem percebeu.

— É evidente que não deveríamos propor um jogo de cartas para a madrinha — comentou ela, depois de alguns minutos. — Mas, sem dúvida, ficará satisfeita por ouvir música, mesmo que ninguém dance.

— Nesse caso, teremos uma festa com música.

— E, por favor, será que poderia escolher um cardápio especial, para que a madrinha pudesse comer com facilidade?

— Estou percebendo que, como eu, você pensa em todos os detalhes, Heloise. Já resolvi que sua madrinha só será servida de pratos em que possa se utilizar de uma colher, não importando o que os outros convidados comam.

— É muita gentileza de sua parte. Muito obrigada. Tenho certeza de que faz muito tempo que ninguém oferece uma festa em homenagem à minha madrinha.

— Então, preciso ser cuidadoso e convidar seus amigos muito especiais.

— O marquês fez uma pausa. — E quanto a você? Se ainda está decidida a me evitar, precisará de seus outros admiradores na festa.

Pensando em sir Humphrey, Gilda estremeceu involuntariamente.

— A festa de amanhã à noite não tem nada a ver comigo. Por favor, convide apenas as pessoas que minha madrinha gostaria de receber, e que o senhor também gostaria, é claro.

— Você está se tornando tão complacente de repente... Para surpresa do marquês, Gilda enrubesceu violentamente e levantou-se, como se estivesse envergonhada.

— Por acaso, está tentando se livrar de mim antes que eu me disponha a ir embora, Heloise?

— Pensei que o senhor... talvez tivesse muito... o que fazer.

— Você ainda não me disse por que está com tanta aversão à minha companhia.

— Não é isso... garanto que não é... nada disso! — disse ela, sem pensar.

— Então, o que é?

Gilda procurou palavras e, sem encontrá-las, respondeu, com voz infeliz:

— Não gosto de... ter que... responder perguntas.

— Estou muito curioso e considero deveras estranho quando as pessoas

mudam o comportamento que têm e não conseguem descobrir a causa disso.

Nesse momento, como se estivesse se divertindo pelo fato de o marquês estar tão intrigado, Gilda deu uma pequena risada.

— Antes de dizer isso, eu tinha a impressão de que seria capaz de resolver qualquer problema que surgisse à sua frente!

Ele fitou-a, surpreso com a resposta, pois era quase a mesma coisa que lorde Hawkesbury lhe dissera naquela manhã.

De repente, teve a sensação de lembrar, embora muito vagamente, que, quando se introduzia palavras ou frases em francês nas conversas, Heloise não as entendia.

A moda instaurada pelo Regente, de entremear, nas conversas, expressões em outras línguas era considerada muito elegante.

O Regente sempre conversava em francês ou em italiano e o marquês falava correntemente as duas línguas, mas poucas mulheres do seu círculo de amizades eram capazes de fazê-lo.

Para testar Heloise, ele declamou o ditado francês que, traduzido, significava:

— Uma pequena lição pode ser perigosa para pequenas mentes.

Gilda riu divertida, antes de responder, num francês fluente:

— Agora, realmente, está me insultando e imagino que *monsieur le marquis* tenta imaginar que blefei ao dizer que gosto de Rousseau.

— Está bem, esta você venceu! — disse o marquês, não tendo mais dúvida de que ela falava francês muito bem. — Posso lhe pedir desculpas por ter duvidado de você?

— Aceito suas desculpas e gostaria de saber por que o senhor é tão bom no francês. Por acaso, é admirador de Napoleão?

— Fui informado de que todas as mulheres que visitam Paris ficam muito impressionadas com a figura dele. Na verdade, aqueles que voltaram de lá recentemente só têm elogios quanto à maneira como são recebidos pelo cônsul e quanto à pompa e grandiosidade do Palácio das Tuileries.

Gilda permaneceu em silêncio e, depois de um momento, ele perguntou:

— Gostaria de visitar Paris, quando sua madrinha estiver em melhores condições de saúde?

— Claro que não! — respondeu ela tão asperamente, que sua voz pareceu estrangulada. — Considero Bonaparte um verdadeiro monstro! O

sofrimento que ele impôs a todos os países da Europa é mais do que suficiente para que nenhuma pessoa decente jamais converse com ele!

O marquês ficou atônito. Conhecera pouquíssimas mulheres que se interessavam pela guerra, a não ser pelo fato de que as privava das sedas e fitas necessárias a seus vestidos.

E, se chegavam a dedicar algum pensamento para o conflito era para lamentar que o número de homens solteiros nas festas diminuía muito e também pelo sofrimento que a guerra causava às pessoas envolvidas.

— Tive a oportunidade de ver alguns homens recentemente dispensados do Exército e da Marinha, voltando para casa sem pernas ou braços, aleijados para o resto da vida — continuou Gilda, em voz baixa. — É muito cruel... é horrível seres humanos infligirem tais sofrimentos a outros... Além disso, a maioria dos que morreram eram muito jovens, e, praticamente, nem tinham começado a viver quando foram enterrados.

O marquês manteve um silêncio atônito e Gilda acrescentou, com lágrimas nos olhos:

— Não só os soldados sofrem na guerra. Papai me descreveu como os cavalos relinham quando são feridos e que, freqüentemente, são deixados sangrando até a morte. Eles não sabem o que está acontecendo... e como poderiam entender por que são... feridos, sem nenhuma... razão aparente?

As lágrimas corriam livres pelo seu rosto e, não suportando que o marquês presenciasse sua fraqueza, ela enxugou-as com as costas da mão, dizendo, rapidamente:

— Vou ver se minha madrinha já acordou. Obrigada, senhor, por sua... gentileza em oferecer uma festa para ela... E, por favor, se precisar de... ajuda, mande me avisar.

Sem olhar para ele, Gilda saiu da sala apressada, deixando-o totalmente perplexo.

CAPÍTULO V

O marquês voltou para casa, depois de ter participado de um almoço que o interessara particularmente. Todos os outros convidados eram políticos e haviam discutido sobre a situação entre a França e a Inglaterra de maneira franca e, para ele, extremamente informativa.

Quando se dirigia ao estúdio, seu secretário o seguiu, levando uma lista nas mãos.

— O que foi, Carrington?

— Pensei que gostaria de ver os nomes das pessoas que aceitaram seu convite para a recepção desta noite, senhor marquês — respondeu o secretário. — Receio que haja mais pessoas do que inicialmente pretendia.

— Eu já imaginava.

O Marquês de Staverton sabia que, quando mandava convites, poucas pessoas do *Beau Monde* o recusariam e, apesar de ter programado a festa para lady Neyland na última hora, todos com quem conversara a respeito tinham aceito com satisfação.

Pegou a lista e começou a percorrer os nomes, concluindo que procedera muito bem ao escolher homens e mulheres que interessariam lady Neyland e também vários rapazes que gostariam de se encontrar com Heloise.

Sem dúvida, estava sendo muito benevolente, propiciando que ela fosse admirada e cortejada como sempre. No entanto, tinha uma razão forte para agir assim.

O comportamento de Heloise o surpreendia cada vez mais nos últimos dias, e estava ansioso para ver como ela agiria com outros homens que estavam lhe fazendo a corte.

No passado, era evidente que, ao mesmo tempo em que Heloise deixava claro que pretendia agradar ao marquês, agia de maneira provocante e sensual com outros homens, talvez para mostrar-lhe como era admirada.

No baile da noite anterior, entretanto, ele havia notado que ela não flertara com ninguém. Apenas conversava calmamente com seus parceiros e parecia querer se afastar apressada, quando algum deles se mostrava mais ardoroso.

Não conseguia entender aquela súbita mudança de comportamento,

embora estivesse certo de que tudo não devia passar de um jogo, sutilmente elaborado, para conquistá-lo e para atrair o seu interesse.

Mais cedo ou mais tarde, porém, Heloise acabaria dando um passo em falso, e ele estava firmemente empenhado em descobrir por que ela o evitava, quando poderiam muito bem estar juntos.

— Até agora, incluindo as pessoas que virão depois do jantar, são sessenta convidados, sr. marquês — disse o secretário, interrompendo seus pensamentos.

— Estou certo de que poderemos acomodá-los — disse ele, pegando a lista mais uma vez. — Acrescente o nome de lorde Rearsby e mande um lacão entregar o convite imediatamente.

Carrington ficou pensativo por um momento.

— Desculpe, senhor, mas, como lorde Rearsby nunca foi convidado, não sei o seu endereço.

— White's Club — respondeu o marquês, virando-se para assinar as cartas que o esperavam na escrivaninha.

Sabia que Rearsby e seus amigos ficariam surpresos com o convite, mas considerou que, em nome de sua amizade com lorde Hawkesbury, devia observar mais de perto o homem que ele desconfiava ser um espião.

E aquela, sem dúvida, seria uma boa oportunidade de iniciar um maior contato com ele.

Não era provável encontrar lorde Rearsby em nenhuma das festas oferecidas por seus amigos íntimos e, como escolhia cuidadosamente as pessoas com quem queria se relacionar, sempre evitara, propositadamente, aproximar-se dele no White's.

Por outro lado, tinha consciência de que as pessoas que o conheciam bem questionariam seu súbito convite para lorde Rearsby e, se o rapaz estivesse de fato envolvido em espionagem, ele deveria se manter na defensiva.

"Bem, mas, em todo caso, se ele vier à recepção desta noite", tranqüilizou-se o marquês, "vão pensar que está acompanhando algum grupo de amigos meus e ninguém achará estranho".

Várias cartas o esperavam, mas pegou novamente a lista de convidados, que Carrington deixara sobre a escrivaninha e leu-a mais uma vez.

De repente, percebeu que Heloise não havia contribuído com nenhum

nome para a festa que iria oferecer para sua madrinha. Imaginou que seria uma boa idéia consultá-la, para verificar se mais alguma amizade especial de lady Neyland devia ser incluída na lista.

Além disso, embora não quisesse admitir, também estava ansioso para revê-la. Na noite anterior, ele havia demorado para dormir, não conseguindo deixar de pensar em suas estranhas atitudes.

Sua casa era próxima da Curzon Street, e, como seu faetonte estava fora, entrou no veículo sem pensar e, alguns minutos depois, estacionou na frente da casa de lady Neyland.

Notou que havia outro faetonte ali, e perguntou-se se mais alguém estaria fazendo uma visita a Heloise.

A porta da frente estava aberta e, assim que entrou, o criado de plantão apressou-se para pegar-lhe o chapéu e luvas.

— Srta. Wyngate está em casa?

— Está na sala, sr. marquês.

— Não precisa me anunciar — replicou ele, atravessando o vestíbulo até a porta da sala de estar.

No entanto, ao encostar a mão na maçaneta, ouviu Heloise começar a gritar.

Naquela manhã, Gilda acordou com a sensação de que viveria uma noite maravilhosa, pois lady Neyland estaria, sem dúvida, muito feliz.

Seria uma noite emocionante também para ela, pois gostaria de conhecer a mansão do marquês de Staverton e, se fosse sincera, vê-lo de novo.

Apesar de amedrontá-la, principalmente quando fazia perguntas que poderiam levá-lo a descobrir sua farsa, Gilda considerava-o muito diferente dos outros homens que conhecera desde que viera para Londres.

Parecia muito mais inteligente do que os demais rapazes, que ficavam lhe rendendo elogios ou que conversavam com aquela voz lenta e carregada que diziam estar na moda.

Seria muito interessante cultivar uma amizade com ele, mas Gilda sabia que isso era impossível.

Ela possuía sensibilidade bastante para perceber que o marquês tinha conhecimento de que sua irmã o perseguia e que a viagem precipitada de Heloise para o interior fora apenas um artifício para levá-lo a pedi-la em casamento.

Tinha certeza absoluta de que ele não pretendia se casar, principalmente com uma jovem chamada "Heloise Wyngate", que não possuía atributo algum para recomendá-la, além da beleza.

Sua mãe costumava dizer que os grandes aristocratas da Inglaterra, invariavelmente, tinham casamentos arranjados porque isso traria benefícios às suas famílias, como dinheiro ou terras.

— Espero que você e Heloise façam bons casamentos do ponto de vista social, entretanto, o mais importante de tudo é amar o homem com quem se casarem, querida — sua mãe lhe dissera certa vez e, suavizando a voz, acrescentara: — Seu pai não tinha nenhuma razão para casar comigo, a não ser pelo fato de me amar. E eu, não só o amava, mas o admirava tanto, que jamais pensei em ter a felicidade de me casar com ele.

E Gilda havia concluído que, assim como a mãe, também iria casar-se por amor.

Observando as pessoas presentes no salão de bailes da casa da condessa de Dorset, ela reparara que, por mais elegantes que estivessem, a maioria não parecia particularmente feliz.

Entretanto, aquela era a vida do marquês de Staverton e não a sua e, se fosse honesta, também não era a de sua irmã.

"Talvez Heloise acabasse mesmo se casando com sir Humphrey", pensou, estremecendo de repulsa.

Quando lady Neyland deitou-se depois do almoço, apesar dos protestos de que não estava cansada, Gilda foi para a sala arrumar algumas flores que recebera pela manhã.

Eram ramalhetes de tulipas e narcisos, enquanto os colocava num imenso vaso de cristal, considerava que era estranho a alta sociedade passar a maior parte do verão em Londres, quando o interior estava tão bonito naquela época.

"Se eu fosse uma rainha, moraria em Londres somente no inverno, onde teria mais conforto, e passaria os meses de verão no campo, onde as flores estão desabrochando, o sol brilha e é agradável ficar ao ar livre."

De repente, lembrou-se de que, se estivesse em casa, não estaria desfrutando a beleza das flores, mas trabalhando duro na horta.

Aquele tipo de trabalho deixava suas mãos ásperas e, em certas ocasiões, chegavam a aparecer rachaduras nas palmas. De início, quando viera para Londres, tinha ficado apreensiva que alguém reparasse que suas

mãos não eram tão delicadas e brancas quanto as de Heloise. Entretanto, como não fazia mais nenhum trabalho pesado, estavam ficando bonitas e macias e ninguém seria capaz de imaginar como havia trabalhado para ter vegetais para comer.

"Tenho muita, muita sorte por estar aqui", concluiu, enquanto cantarolava uma canção alegre.

De repente, a porta foi aberta e um criado anunciou:

— Sir Humphrey Grange, senhorita!

Gilda teve um sobressalto e ia mandar dizer que não estava ¹ em casa, quando teve uma idéia.

— Faça-o entrar, Henry, mas me dê um minuto para subir e retocar o penteado.

Atravessando a sala, ela saiu por uma porta lateral que dava numa ante-sala, e percorreu um corredor até alcançar a escada secundária.

Ao chegar em seu quarto, abriu o porta-jóias e tirou os brincos e o berloque de safiras. Embrulhou-os num pedaço de papel de seda e desceu as escadas, sem nem ao menos olhar-se no espelho.

Tinha resolvido que não guardaria as jóias que sir Humphrey dera para Heloise. Enquanto não as devolvesse, iria se sentir • ainda mais incomodada na presença dele e, certamente, teria dificuldade para se libertar de suas atenções.

Entrou na sala, pela mesma porta por que saíra, e viu sir Humphrey parado ao lado da lareira, parecendo ainda mais vistoso do que no baile dos Dorset.

— Boa tarde, princesinha! — disse ele, quando Gilda se aproximou.

Ela estendeu-lhe a mão e, para sua consternação, ele levou-a aos lábios e beijou-a apaixonadamente, fazendo-a estremecer. Seus lábios eram mornos e possessivos e, quando ele tentou virar sua mão para beijar-lhe a palma, Gilda retirou-a num gesto brusco.

— Adoro você! — disse ele. — Sua beleza me cega e espero que hoje seja um pouco mais gentil comigo do que foi na noite do baile.

— Tenho algo para lhe entregar, sir Humphrey — começou ela, esperando que sua voz soasse calma e firme.

— O quê?

— Foi muita... gentileza sua me presentear com estas... lindas safiras, mas eu deveria ter lhe explicado, quando as recebi, que... não posso aceitar

um presente tão... valioso. Não é certo.

— O que está querendo dizer com isso? — perguntou sir Humphrey agressivamente.

— Por favor, eu gostaria que entendesse que aprecio sua atenção, mas... sabe, tão bem quanto eu, que não é certo uma senhorita aceitar... presentes de um homem com quem não tem... nenhum compromisso.

— Esta questão pode ser facilmente resolvida. Eu a pedi em casamento, Heloise, e estou esperando seu assentimento.

Gilda respirou fundo.

— A resposta... sir Humphrey, é não!

— O que quer dizer com "não"? — ele a observava com expressão feroz nos olhos. — Brincou comigo todo esse tempo, dizendo: "talvez", "quem sabe, um dia"; o que aconteceu para que, de repente, esteja me descartando?

— Não... é isso — respondeu ela, hesitante.

— Claro que é! Está querendo me dizer que Staverton se decidiu? A aposta no White's era de cinquenta contra um que ele faria isso.

— Não. ... não! — disse Gilda, apressada. — Eu cheguei à conclusão de que não desejo me casar... tão cedo. Por favor, sir Humphrey, pegue seu... presente.

Estendeu-lhe as jóias, mas ele, sem fazer nenhum movimento para pegá-las, disse:

— Alguma coisa aconteceu. Algo mudou em você. Até agora, vinha deixando bem claro que eu era o segundo pretendente à sua mão.

Gilda concluiu que ele era mais inteligente do que ela havia pensado e considerou que seria perigoso se continuasse fazendo mais perguntas.

— Só quero lhe dizer, como já o fiz para minha madrinha, que estou... muito feliz aqui e quero passar, pelo menos, mais um ano na companhia dela antes de me casar. Ela ficou muito satisfeita com minha decisão.

— Absurdo! — exclamou sir Humphrey. — Não acredito numa só palavra! Deve haver algum motivo para querer se livrar de mim e quero saber qual é!

— Não... existe nada...

— Então, o que é, Heloise? — ele ficou observando-a e a expressão agressiva de seu olhar cedeu lugar a outra, muito diferente.

Gilda não tinha idéia de como ficava encantadora com o sol, que penetrava pelas janelas, refletindo o tom dourado dos seus cabelos, os olhos

preocupados e um tanto ansiosos e os lábios trêmulos por causa do nervosismo:

— Eu a amo! — disse ele, de repente. — Eu a amo e vou ensiná-la a me amar! Vamos deixar de bobagens, Heloise! Eu a cobrirei de diamantes e lhe darei tudo o que você quiser na vida!

Enquanto falava, ele segurou-lhe os braços e puxou-a de encontro ao seu peito, pegando-a de surpresa.

— Por favor... por favor...!

Sir Humphrey era muito alto e forte e, embora se esforçasse para se libertar, tentando empurrá-lo, ela percebeu que era inútil.

— Vou fazê-la me amar! — disse ele, tentando beijá-la.

Gilda conseguiu virar a cabeça, mas sentiu os lábios apaixonados e possessivos encostarem em sua face, enquanto estreitava o abraço, e compreendeu que seria apenas uma questão de tempo, até que ele conseguisse beijar seus lábios.

— Não! Não!

Em seguida, assustada com a paixão que sentia crescer nele e com a insistência dos lábios sobre sua face, gritou.

Não foi um grito alto, mas um grito de medo, como o de um animalzinho pego subitamente numa armadilha.

Quando imaginou que estava perdida e que, no instante seguinte, sir Humphrey conseguiria aprisionar seus lábios, a porta da sala foi aberta e ela ouviu uma voz perguntar furiosamente:

— Que diabos pensa que está fazendo?

Percebendo imediatamente que estava salva, Gilda deu um grito muito diferente do de antes, libertou-se de sir Humphrey e atravessou a sala correndo.

Sem pensar no que fazia, jogou-se de encontro ao marquês e abraçou-o, sabendo que, naquele momento, ele significava tudo o que existia de mais seguro.

Staverton ficou parado logo na entrada da sala e, quando Gilda escondeu o rosto em seu peito, passou o braço em volta dos ombros dela.

Olhava para sir Humphrey, que enfrentava o olhar ferozmente, como se o desafiasse para uma luta.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Grange — disse o marquês, com voz gélida e cortante.

— Você não tem nada a ver com isso, Staverton! — replicou sir Humphrey, furioso. — Heloise me disse que vocês não estão comprometidos e eu a pedi em casamento. É muito mais do que você fez!

— O que eu faço ou deixo de fazer é problema meu, Grange. Além do mais, não costumo forçar minhas atenções sobre uma mulher que não me quer e que grita por socorro.

— Sem dúvida, porque sabia que seu "salvador" estava por perto! — ele abaixou-se e pegou as jóias, que tinham caído no chão enquanto lutavam. — Muito bem, srta. Wyngate, vou levar embora minhas jóias e meu pedido de casamento. Já deixou bem claro onde depositou sua ambição. Só espero que não fique desapontada.

Ele acentuou bem a última palavra, atravessou a sala e saiu, batendo a porta.

Por um momento, Gilda não conseguiu dizer nada. Depois, levantou a cabeça e apenas murmurou:

— Eu... eu sinto muito.

O marquês observou-a, percebendo que estava muito pálida e que ainda tremia, embora não tão convulsivamente como logo que se aproximara dele.

Ela afastou-se e, parando diante da janela, ficou de costas para o marquês, enquanto lutava para se recompor.

Ficara tão aterrorizada com toda aquela situação, que, agora, sentia-se tola. Entretanto, como nunca havia passado por uma experiência daquelas, não conseguira pensar e, simplesmente, lutara para se libertar de sir Humphrey como se sua própria vida dependesse disso.

Enquanto tentava acalmar-se, percebeu que, depois do que ele dissera ao sair, o marquês havia percebido que a presenteara com jóias e foi incapaz de imaginar algo mais humilhante.

"Não posso explicar, então, é melhor nada dizer", pensou. "De qualquer maneira, tenho certeza de que o marquês me despreza."

Depois do que lhe pareceu um longo tempo, Gilda repetiu em voz baixa, hesitante:

— Eu sinto... muito.

— É bom que sinta mesmo — replicou ele, com indiferença. — Se encoraja um homem como esse, devia estar preparada para que, mais cedo ou mais tarde, ele se comportasse como um animal.

— Ele me... assustou.

— Imaginei que já estivesse habituada a lidar com homens que perdem a cabeça por causa do seu comportamento provocante.

Era tal o cinismo e sarcasmo na voz do marquês, que Gilda começou a tremer novamente, sem saber como poderia explicar toda aquela situação.

— Sente-se, Heloise — disse ele, de repente. — Quero conversar com você.

— Não... por favor! Não há nada para... conversarmos. Não posso explicar e só espero que sir Humphrey cumpra sua palavra e que... nunca mais me dirija a palavra!

— Está falando sério?

— Claro que sim! Desde o primeiro momento em que o vi, achei-o... horrível e existe algo nele... muito repugnante!

Quando terminou de falar, Gilda deu-se conta de que não estava representando o papel de Heloise.

Devia ser muito claro, para o marquês e para todas as outras pessoas, que sua irmã vinha encorajando sir Humphrey, a ponto de ele presenteá-la com jóias valiosas.

— Eu não posso conversar... sobre isso. Por favor... deixe-me sozinha!

— Deixarei, daqui a pouco, se é isso o que deseja. No entanto, vim até aqui para conversarmos sobre a festa desta noite.

Aliviada por ele não insistir mais em falar sobre o que acabara de acontecer, ela afastou-se lentamente da janela e sentou-se numa das poltronas ao lado da lareira.

Percebeu que ele a olhava de maneira penetrante e, de repente, o marquês disse:

— Olhe para mim!

Ela obedeceu e levantou a cabeça na sua direção, sentindo-se subitamente envergonhada, porém, incapaz de tirar os olhos dele.

— Acredito que esteja realmente amedrontada — disse o marquês, como se estivesse pensando em voz alta.

— É uma tolice, mas... não posso evitar.

— Tratarei pessoalmente para que Grange não a importune mais, Heloise. Se aparecer, não o receba e, caso ele continue insistindo, avise-me, que o desafiarei para um duelo.

— Eu... não quero lhe causar nenhum... problema.

— Não será problema. Não gosto daquele sujeito e nunca gostei — ele fitou-a por um instante. — Não vamos mais falar sobre ele. Trouxe a lista de convidados para a festa desta noite em homenagem à sua madrinha e pensei que você poderia ver se devo acrescentar mais algum nome.

— Obrigada. É muita... gentileza sua.

Pegou a lista e perguntou-se o que o marquês diria se soubesse que ela não conhecia nenhuma das pessoas cujos nomes tinham sido escritos cuidadosamente pelo sr. Carrington.

Devia dar alguma contribuição, entretanto, sentia um vazio na cabeça e sequer conseguia se lembrar do nome do cavaleiro que demonstrara imensa satisfação ao ver lady Neyland no baile oferecido pela condessa de Dorset.

Forçou-se a ler a lista lentamente e, em seguida, acrescentou:

— Parece-me perfeita. Estou certa de que minha madrinha ficará encantada por reencontrar tantos velhos amigos.

— São mesmo amigos dela?

— Creio que sim.

— Você está aqui há dois anos, Heloise — disse o marquês, com um leve sorriso nos lábios. — Deve fazer alguma idéia de quem lady Neyland gosta e de quem não gosta.

— Claro! — respondeu ela, apressada. — Todas as pessoas de quem ela... gosta estão... incluídas em sua lista.

Era evidente que ele devia estar considerando-a insensível e egoísta e Gilda, na herdade, tinha certeza de que o marquês a condenava por ter sido tão desatenciosa com sua madrinha, a ponto de nem saber os nomes dos seus amigos mais queridos. Porém, não podia fazer nada.

— Não resta dúvida de que o senhor pensou em todas as pessoas... importantes.

— Devo concluir que não deseja que eu convide sir Humphrey, Heloise?

Gilda deu um gritinho de protesto, mas, logo em seguida, percebeu que o marquês zombava dela.

— Não é... engraçado!

— Por que, de repente, criou esta aversão por ele, Heloise? E por que ele disse que iria levar embora suas jóias?

Assustada, ela lhe deu a única resposta possível para aquela pergunta:

— Ele... me ofereceu umas jóias, mas eu... recusei.

— Que impertinência! Será que não percebe que você é uma dama? Jóia é o que se oferece para...

Ele parou de falar repentinamente, mas Gilda compreendeu o que queria dizer.

Já tinha lido sobre isso e, certa vez, seu pai mencionara, sem querer, que as amantes recebiam jóias e dinheiro dos homens que se tornavam seus protetores.

Na certa, o marquês considerava que sir Humphrey a estava tratando como a uma "mulher fácil", cujos favores podiam ser comprados, e esta simples idéia fez Gilda enrubescer violentamente.

Além do mais, ela, de repente, concluiu que, por alguma razão que não conseguia entender, talvez Heloise tivesse conseguido as pérolas, os broches e o dinheiro que estavam no porta-jóias da mesma maneira.

Aqueles pensamentos a perturbaram tanto que, sem parar para pensar no que estava fazendo, levantou-se e deu alguns passos em direção à porta, como se fosse sair da sala.

— Está fugindo de mim, Heloise? Não é preciso, pois já estou de saída.

— Quero agradecer-lhe por... ter me salvado chegando exatamente... na hora certa — disse ela, virando-se.

Não conseguiu reprimir um leve tremor, ao pensar que, se o marquês não tivesse aparecido, sir Humphrey a teria beijado e não conseguia imaginar nada mais desagradável ou degradante.

— Esqueça o que passou, já lhe disse que, se ele voltar a importuná-la, o desafiarei para um duelo. Daqui para a frente, trate de não incitar mais os homens a esse ponto, embora isso pareça ser um passatempo que a maioria das mulheres aprecia.

— É algo que não... desejo de modo algum e prometo que nunca mais farei propositadamente.

O marquês fitou-a atentamente, como se quisesse certificar-se de que estava sendo sincera. Em seguida, sorriu e estendeu-lhe a mão.

— *Au revoir*, Heloise. Vamos torcer para que sua madrinha se divirta esta noite.

— Eu também me divertirei, e muito, muito obrigada por estar sendo tão gentil.

— Agradeça-me depois, se a festa for o sucesso que estou esperando. Agora, é melhor ir deitar um pouco para que se recupere do choque — disse

ele com muita delicadeza, de um modo totalmente diferente do que costumava falar.

Gilda pousou sua mão na dele e o marquês achou que estava muito fria.

— Até logo, Heloise, e pense apenas que esta noite será muito agradável.

— Sei que será.

Quando ele se afastou, Gilda teve um impulso repentino de abraçá-lo. Tinha a sensação de que ele lhe dava conforto e segurança e que a protegia não apenas de sir Humphrey, mas também do medo que sentia de ser descoberta.

Concluiu que estava sendo absurda. A primeira pessoa que poderia descobrir sua farsa era o próprio marquês e, na verdade, deveria temê-lo mais do que a qualquer outra pessoa.

Ao chegar à porta, ele virou-se e sorriu novamente e Gilda teve a certeza de que, por mais incoseqüente que fosse, não tinha mais medo dele.

A mansão do marquês de Staverton era maravilhosa, principalmente à luz de candelabros.

Gilda ficou tão fascinada com o vestíbulo, com seus pilares de granito cor-de-rosa e esculturas colocadas em alcovas iluminadas, que teve dificuldade em subir a imponente escadaria que levava ao primeiro andar.

Depois de deixar seu xale e o de lady Neyland num quarto, voltou para o vestíbulo e deu o braço para a velha senhora.

— Onde estamos, querida?

— É uma surpresa, madrinha. Deve tentar adivinhar quem é seu anfitrião, quando encontrá-lo.

Alguns minutos depois, o marquês recebeu-as numa imensa sala, iluminada por três enormes candelabros de cristal e lady Neyland exclamou, ao ouvir o primeiro boa-noite:

— Ora, mas é o marquês de Staverton! Por acaso é meu anfitrião desta noite?

— Sim, e quero recebê-la como minha convidada de honra, pois a festa é em sua homenagem!

— Que maravilha! — exclamou ela, feliz. — Nem posso acreditar! Como pôde ter sido tão gentil e generoso?

Sua emoção era visível e Gilda sorriu para o marquês, que retribuiu o sorriso, enquanto levava lady Neyland, para cumprimentar os outros

convidados.

Gilda percebeu que, de fato, quase todos eram velhos amigos de sua madrinha e ficou agradavelmente surpresa ao notar que também havia vários rapazes no salão.

Eles se aproximaram ansiosos, tentando encontrar assuntos interessantes para atrair sua atenção. Estranhamente, porém, Gilda tinha dificuldades para ouvir o que diziam, pois não conseguia tirar os olhos do marquês.

Ele estava ao lado de lady Neyland, colocando uma taça de champanhe em sua mão com movimentos cuidadosos, para que não houvesse perigo de derramar.

"Ninguém poderia ser mais gentil", pensou ela, perguntando-se se a delicadeza seria uma característica da personalidade dele ou se aquilo era algo que nunca tinha acontecido antes.

Durante o jantar, lady Neyland sentou-se à direita do marquês e, embora estivesse distante, Gilda não pôde deixar de reparar que ele preocupava-se em explicar para sua madrinha qual o cardápio que lhe seria servido, além de, várias vezes, puxar o prato para mais perto dela ou entregar-lhe um talher de que precisava.

"Ele é gentil!", concluiu ela, com a certeza de que poucos homens do porte do marquês se dariam a tanto trabalho por uma mulher cega.

Depois que o delicioso jantar terminou, as mulheres se retiraram para a sala de estar e, quase imediatamente depois, os outros convidados começaram a chegar.

Foi quando Gilda reparou que o salão, que saía do primeiro aposento, era ainda maior. Todo decorado com flores, estava com poucas peças de mobília, de modo que se pudesse dançar, e havia uma pequena orquestra em um canto.

As portas francesas, abertas, mostravam o grande jardim, que, cercado por um muro alto e iluminado com lanternas chinesas penduradas nas árvores, parecia misterioso e romântico.

Quando a orquestra começou a tocar, o marquês levou lady Neyland para um canto do salão, onde estavam dispostas algumas poltronas em que ela poderia ficar ouvindo música e conversando com seus amigos.

— Diga-me, quem é a mulher mais bonita da festa? — quis saber a velha senhora. — Além de minha afilhada, é claro!

— Ela é a mais bonita de qualquer baile — replicou ele. — Talvez, em segundo lugar, esteja a princesa de Lieven.

— Ela está aqui? — perguntou lady Neyland, surpresa. — Sempre a admirei, embora considerasse que eu não era uma pessoa suficientemente importante para conhecê-la.

— Nesse caso, será apresentada a ela esta noite. Infelizmente, o embaixador da Rússia não pôde comparecer à festa, mas sua esposa é velha amiga e fiquei honrado em saber que ela cancelou um importante compromisso para vir até aqui.

Pouco depois, quando a música terminou, o marquês apresentou-a a princesa e ao jovem diplomata russo com quem ela estava dançando.

— Sempre reserva muitas surpresas, sr. Marquês — disse a princesa de Lieven, tocando-lhe o braço com o leque. — O que poderia ser mais encantador do que esta festinha, onde encontro meus mais queridos amigos e nenhum dos meus detestados inimigos?

Ele riu, lembrando-se de que, por ter uma língua muito ferina, a princesa possuía muitos inimigos.

Deixou-a conversando com lady Neyland e foi receber outros convidados que acabavam de chegar, observando que Gilda não tinha falta de parceiros para dançar.

Os rapazes da festa passavam uns na frente dos outros para dançar com ela e para depois levá-la ao jardim.

Entretanto, Gilda não permitia que eles a levassem para muito longe das janelas iluminadas, sabendo que seria inconveniente se aventurar nas sombras ou sentar num dos bancos que vislumbrava sob a luz tênue das lanternas chinesas.

— Está sendo muito distante e decorosa hoje, srta. Wyngate — disse-lhe um dos seus parceiros de dança.

Ela levantou o queixo, desfechando-lhe um olhar de desdém.

— Está chocada por eu falar dessa maneira? — perguntou o rapaz, depois de alguns segundos de silêncio.

— Sim, estou.

— Bem, então, devo pedir desculpas. Mas, na última vez em que a encontrei, foi muito mais condescendente comigo do que está sendo esta noite.

Gilda sentiu certo desconforto, tentando imaginar o que ele queria dizer

com "ser condescendente". Teve a embaraçosa sensação de que talvez aquele fosse um dos rapazes por quem Heloise permitira ser beijada.

Como não tinha mais nada a dizer, recorreu ao seu velho truque para escapar de situações difíceis.

— Preciso ir ver minha madrinha. Tenho a impressão de que ela precisa de mim.

Atravessou as portas francesas, percorreu o salão e aproximou-se de lady Neyland, que conversava com um cavalheiro sentado ao seu lado.

— Só vim ver se precisa de alguma coisa, madrinha — disse, assim que surgiu uma pausa na conversa.

— Que delicadeza a sua, querida! — respondeu lady Neyland. — Não, não preciso de nada, e nem tenho palavras para lhe dizer como estou adorando esta maravilhosa festa.

— Esteve afastada de nós durante muito tempo — disse o cavalheiro ao seu lado. — Mas, agora que resolveu sair do isolamento, garanto-lhe que nenhuma festa estará completa sem a sua presença!

Lady Neyland riu de felicidade e Gilda afastou-se, sabendo que não precisava se preocupar com sua madrinha.

"Só tenho que me preocupar comigo mesma", pensou. "Quantas outras ciladas preparadas por Heloise me esperam?"

Apesar de tudo isso, só conseguia se sentir feliz e emocionada porque recebia elogios de todos os cavalheiros presentes e porque estava na casa do marquês de Staverton, a mansão mais bonita que já tinha visto em toda a sua vida.

Olhou para ele, do outro lado da sala, conversando com alguns amigos, e concluiu que não podia existir outro homem mais bonito ou majestoso.

"Não é de se espantar que Heloise quisesse se casar com ele", pensou, mal conseguindo prestar atenção no que dizia o rapaz que acabara de se aproximar.

CAPÍTULO VI

— Este tipo de dança aquece o corpo — disse o parceiro de Gilda, depois de terminarem uma animada quadrilha.

— Realmente.

Saíram para o jardim e ela sentou-se num banco próximo das portas francesas.

— Aceita um drinque? — perguntou o rapaz.

— Obrigada. Um copo de limonada seria muito refrescante. Ele entrou no salão à procura de um criado e Gilda abriu a bolsa para pegar um lenço.

Descobriu que Heloise possuía uma bolsinha para cada um dos seus vestidos. Todas eram muito bonitas, confeccionadas no mesmo tecido das roupas e enfeitadas com fitas e rendas,

Quando tinha acabado de retirar um lencinho de renda, bordado com as iniciais de sua irmã, ouviu um sussurro atrás dela:

— Jogue a bolsa!

Por um momento, pensou que não ouvira bem.

— Jogue a bolsa, já disse! — a pessoa repetiu.

Surpresa demais para refletir melhor, obedeceu, empurrando a bolsa para o gramado.

Um segundo depois, um cavalheiro aproximou-se, dizendo, em voz alta e clara:

— Permita-me, srta. Wyngate! Parece-me que deixou cair a bolsa.

Gilda fitou-o, reparando que nunca o tinha visto antes. Era um rapaz jovem, moreno e elegante, sem nada de especial em sua aparência.

Estendeu-lhe a bolsa com um gesto quase afetado e, ao pegá-la, ela disse automaticamente:

— Muito obrigada.

— Foi um prazer! — disse ele, fazendo uma reverência graciosa e afastando-se até desaparecer no grupo que saía do salão em busca de ar fresco.

Gilda estava atônita. Era difícil acreditar que realmente ouvira aquela ordem sussurrada. Parecia absurdo!

No entanto, quando foi guardar o lenço, sentiu que havia algo no fundo da bolsa.

Era um pequeno objeto estreito e duro, mas, antes que pudesse investigar mais, seu parceiro voltou, acompanhado por um criado que trazia uma bandeja de prata com duas taças.

Ela fechou a bolsa imediatamente e pendurou-a no braço, antes de pegar sua taça da bandeja.

O rapaz pegou a outra taça com champanhe e sentou-se ao seu lado, dizendo:

— Será que preciso lhe dizer que, sem dúvida alguma, é a pessoa mais bonita desta festa, srta. Wyngate? Aliás, deve até ficar cansada de tanto ouvir isso.

— Na verdade, não; apenas surpresa, pois tantas outras mulheres bonitas estão presentes!

Percebeu que estava progredindo e que conseguia receber elogios com tranqüilidade, como se estivesse acostumada, não mais se comportando como uma interiorana que nunca enfrentara esse tipo de situação.

Continuaram a conversar durante alguns minutos, embora não conseguisse deixar de pensar que seria muito mais interessante se pudesse estar em companhia do marquês.

Tentou imaginar sobre o que ele estaria conversando com a princesa de Lieven, com quem o vira antes de sair do salão.

A princesa era conhecida e admirada por sua perspicácia e, desanimada, Gilda refletiu que nunca seria capaz de interessar o marquês da mesma maneira. Logo depois, porém, perguntou-se por que estava com aquele tipo de preocupação e teve medo da resposta.

A música recomeçou e ela se levantou.

— Creio que seria inútil pedir que dançasse comigo novamente, não é, srta. Wyngate?

— Talvez mais tarde — replicou Gilda, embora soubesse que estava comprometida para, pelo menos, as próximas seis músicas.

Caminharam para dentro, mas, de repente, ela mudou de idéia e, em vez de se dirigir para o salão, foi em direção à porta da sala de estar.

Um grupo numeroso de convidados voltava por esse caminho e, na confusão, ela percebeu que havia perdido o seu parceiro.

Repentinamente, sentiu um puxão nas alças de sua bolsa, que estava pendurada no braço esquerdo.

Segurou-a mais perto do corpo, mas sentiu outro puxão, ainda mais

forte do que o primeiro. Olhou para trás e, ao ver um rapaz alto e distinto, julgou que não era possível que fosse ele quem estivesse puxando sua bolsa.

Envolvida por tanta gente, era difícil se virar e ela pôde vê-lo praticamente apenas com o canto dos olhos. Colocou a mão direita na bolsa, para segurá-la melhor, e sentiu a mão dele.

Quando ela emituiu uma exclamação de surpresa e espanto, o rapaz, imediatamente, retirou a mão, dizendo:

— *Pardon!*

No instante seguinte, perdeu-se no meio das pessoas.

Gilda continuou andando e, logo depois, chegou ao magnífico vestíbulo. Subiu a escadaria e dirigiu-se para o quarto, onde deixara seu xale e o de sua madrinha.

A cama estava coberta de elegantes casacos, xales, capas e estolas de pele. Havia uma criada de quarto, que lhe fez uma reverência quando ela entrou, e uma senhora retocando a maquilagem, na frente da penteadeira.

Atravessando o quarto, Gilda entrou em outro menor, que estava vazio e, de costas para a porta aberta, abriu a bolsa.

Seria impossível continuar dançando, sem antes satisfazer a curiosidade de ver o que o cavalheiro colocara ali.

Por debaixo do lenço, havia um rolinho, que parecia de papel de carta. Talvez fosse uma declaração de amor para Heloise, escrita por aquele rapaz que, naturalmente, Gilda não conhecia.

O pequeno rolo, um pouco mais grosso do que um dedo, estava selado e, ao abri-lo cuidadosamente, ela viu que estava escrito com letras tão pequenas, que era difícil ler. Ao aproximar o papel do castiçal, porém, conseguiu decifrar as palavras.

"H. M. S. Dreadnought foi desmantelado.

H.M.S. Endeavour no cais.

100

H.M.S. Invincible parte para as Índias Ocidentais em 15 de maio."

Atônita com aquelas palavras, Gilda ficou imóvel durante um certo tempo, mas, depois, continuou a ler:

"Dois batalhões dos Dragões do Rei vão para Dover em 11 de maio.

Um batalhão de Dragões do Rei em manobras, em Folkestone."

Enquanto olhava curiosa para o bilhete, de repente, foi assaltada por uma idéia tão terrível, que sentiu o pequeno pedaço de papel tremer em suas mãos.

Havia outra mensagem mais abaixo, mas nem se preocupou em ler. Enrolou o papel novamente e colou o selo no lugar.

Em seguida, tentou pensar, desesperadamente, no que poderia fazer.

Ouvindo vozes no quarto ao lado, ela imediatamente recolocou o rolinho na bolsa. Ao fazer isso, no entanto, percebeu que havia outro pedaço de papel mole no fundo.

Tirou-o e, ao abri-lo, não pôde acreditar no que via: uma nota de cem *pounds*!

Por um momento, Gilda nem conseguiu respirar. Logo depois, enquanto dobrava a nota e a colocava de volta na bolsa, compreendeu por que Heloise tinha tanto dinheiro no porta-jóias e no banco e o que significava o pequeno bilhete que acabara de ler.

Lembrou-se dos comentários que seu pai costumava fazer sobre os espões que transmitiam informações para os inimigos e que se constituíam sempre numa ameaça para os comandantes, que desejavam encaminhar uma manobra com suas tropas em segredo.

Aparentemente, seu pai sempre tivera sucesso em tais operações e seus amigos comentavam que ele possuía um "sexto sentido" para detectar, entre seus homens, os traidores ou aqueles dispostos a serem subornados.

— Sinto-me tranquilo e satisfeito por saber que nunca cometi um engano nesse sentido, nem puni injustamente um homem inocente — dissera o general, certa ocasião.

Gilda tinha plena consciência de todos os prejuízos que ocorreriam e de quantas vidas poderiam ser perdidas se os inimigos ficassem a par das condições em que se encontravam as forças contrárias e quais seus pontos fracos.

Quando o Armistício fora assinado, muitas pessoas, mesmo entre os moradores do interior, declaravam publicamente que não acreditavam nas boas intenções de Napoleão Bonaparte e que tinham certeza de que, a qualquer momento, ele partiria para a ofensiva mais uma vez.

Não era preciso pensar muito para adivinhar que o papel colocado em

sua bolsa continha informações para os franceses.

Que sua irmã era a mensageira entre o homem que a mandara jogar a bolsa e o outro, que tentou puxá-la no meio do amontoado de pessoas, é que se configurava como um fato terrível e desconcertante.

Por outro lado, tinha de reconhecer que era uma estratégia muito bem planejada: os dois homens nunca entravam em contato um com o outro; a única ligação entre eles se fazia através da bolsa de uma jovem fora de qualquer suspeita.

"Como Heloise fora capaz de se prestar a uma coisa destas? Como pudera agir de maneira tão abominável?", pensou Gilda, enquanto tentava, desesperadamente, pensar no que faria, tendo descoberto o segredo de sua irmã e, pior ainda, estando em posse de informações vitais.

Por um instante, lamentou o fato de não ter soltado a bolsa como esperava o rapaz que a puxara. A bolsa cairia no chão, sem dúvida, ele a devolveria da mesma maneira cortês que o primeiro homem e ninguém acharia nada estranho.

Será que ele tinha ido embora, frustrado, ou voltaria a abordá-la?

De repente, Gilda sentiu um medo terrível. Recordando-se das histórias contadas por seu pai, tinha a exata noção de como os inimigos podiam se tornar cruéis, quando se tratava de alguma informação importante. E, num andar abaixo, aquele homem na certa a esperava.

Entretanto, compreendia que, por mais que corresse risco pessoalmente, por mais que pudesse passar por terrores impensáveis, nada importava mais do que a necessidade de não permitir que aquelas informações de seu país passassem para as mãos inimigas.

Repentinamente, teve uma idéia: entregaria o rolinho de papel para o marquês de Staverton.

Por um momento, respirou aliviada por ter encontrado uma solução. Logo depois, porém, ocorreu-lhe que isso não seria tão fácil assim.

Sem dúvida alguma, ele questionaria longamente sobre como e por que ela recebera aquele bilhete. E como poderia explicar que a mensagem, relatando a posição das tropas e embarcações britânicas, tinha vindo acompanhada por uma nota de cem *pounds*!

Era óbvio que isso significava que Heloise aceitava dinheiro para participar da espionagem contra a Inglaterra, um regime grave que, a menos que estivesse enganada, poderia levá-la a ser condenada à morte por traição.

Definitivamente, não conseguiria enfrentar o interrogatório que o marquês, na certa, lhe faria. Além do mais, não poderia responder às perguntas sem, não apenas, incriminar sua irmã, mas também ser forçada a admitir que enganara a todos, se fazendo passar por Heloise.

"Não posso fazer isso", pensou. "Morreria de vergonha!"

O tempo estava passando. Se não tomasse alguma atitude rápida, o marquês poderia estranhar sua ausência prolongada e mandar alguém à sua procura.

Enquanto tentava buscar uma solução para o seu problema, uma criada entrou no pequeno quarto em busca de um xale que estava sobre a cama. Pendurando a bolsa no braço, Gilda atravessou o outro quarto e dirigiu-se ao corredor.

Naquele exato momento, um criado saía de uma porta quase em frente e, pelo seu modo de vestir, ela percebeu tratar-se de um valete.

Carregava um casaco no braço, que Gilda reconheceu ser um dos usados pelo marquês e, nas mãos, um par de botas muito bem engraxadas.

O valete fechou a porta do quarto e lhe fez uma reverência respeitosa, afastando-se logo em seguida.

Gilda ficou imóvel, até ele desaparecer de vista. Depois, verificando se não vinha ninguém dos dois lados, abriu a porta que o valete acabara de fechar.

Como havia imaginado, não restava dúvida de que era o quarto do marquês, tendo, ao centro, uma larga cama de quatro mastros, com cortinado de seda vermelha, e o brasão dos Staverton entalhado na cabeceira.

Após ter dado apenas uma rápida passada de olhos pelo aposento, ela abriu a bolsa e tirou o rolo de papel e a nota de cem *pounds*. Indo até a cama, enfiou-os embaixo do lençol, até onde seu braço pôde alcançar.

Imediatamente, abriu a porta e saiu para o corredor.

Fizera tudo aquilo em apenas questão de segundos, mas, enquanto descia a escadaria, de volta para o salão de baile, a sensação que a dominava era a de que passara por uma experiência traumática que havia durado horas.

Um cavalheiro a esperava e aproximou-se, comentando que chegara a pensar que ela havia se esquecido de que lhe concedera uma dança.

Quando foram para a pista, Gilda olhou em volta, à procura do marquês, tentando imaginar o que ele pensaria se soubesse o que tinha acontecido.

Staverton conversava com um senhor bastante idoso e ela teve que controlar um impulso repentino de correr até ele e contar-lhe como estava amedrontada.

E se o homem que puxara sua bolsa a estivesse observando?

Assim que a música terminou, ela foi ao encontro de lady Neyland.

— Está se divertindo, querida? — perguntou-lhe a velha senhora.

— A festa está muito agradável, madrinha, mas creio que já é hora de voltarmos para casa. Estou certa de que os médicos não achariam conveniente que ficasse acordada até tão tarde, ou melhor, até "tão cedo", pois já passa, e muito, da meia-noite.

Lady Neyland sorriu.

— Sinto-me como se fosse uma debutante e você, minha mamãe preocupada!

— Mas é exatamente isso o que a senhora é! — replicou Gilda, num sorriso. — No entanto, não deve se cansar demais, madrinha.

Lady Neyland ainda reclamou um pouco, argumentando que era cedo demais para irem embora, e os rapazes com quem Gilda prometera dançar protestaram com veemência.

Eles não podiam fazer idéia de como ela estava apavorada ao deixar o salão de baile. Embora não estivesse vendo o homem que puxara sua bolsa, sabia que ele estava por perto, aguardando uma oportunidade de encontrá-la em algum local mais vazio, para lhe pedir o que não estava mais em suas mãos.

Só se sentiu um pouco mais segura quando o marquês levou-as até a carruagem, que esperava na frente da casa.

— Divertiu-se, Heloise? — perguntou ele, depois de ajudar lady Neyland a subir na carruagem.

— Foi uma noite maravilhosa!

— O que a deixou preocupada? — perguntou o marquês inesperadamente, depois de olhá-la por alguns instantes.

"Ele é muito sensível e observador!", pensou ela, tendo a impressão de que o marquês era a única fonte de segurança num mundo que, de repente, se tornara perigoso e ameaçador.

Gilda não respondeu a pergunta e ele acrescentou, enquanto a ajudava a subir na carruagem:

— Até amanhã!

O veículo dirigiu-se rapidamente para a Curzon Street e, já na estrada de sua casa, lady Neyland comentou:

— Nunca imaginei que o marquês fosse tão gentil e atencioso. Sempre o considerei um homem duro, mas, agora, tenho uma impressão totalmente oposta.

Gilda permaneceu em silêncio e ela continuou:

— Lorde Hawkesbury esteve me dizendo, esta noite, como ele é inteligente e que o admira mais do que a qualquer outro rapaz do *Beau Ton*. Sem dúvida, isso é um grande elogio, vindo do secretário das Relações Exteriores.

— Ele estava na festa desta noite? — perguntou ela, quase sem respirar.

— Sim, claro. Ficou sentado ao meu lado por um longo tempo. Aliás, você deve se lembrar dele, Heloise. Almoçou conosco há cerca de três meses, antes de surgir o problema com meus olhos.

— Sim... claro que me recordo.

— Ele conseguiu me transmitir uma impressão do marquês completamente diferente da que eu tinha até agora.

Chegaram ao corredor interno e, quando já estavam entrando no quarto, lady Neyland deu seu ultimato:

— Creio que mudei de idéia, querida. Talvez o marquês de Staverton seja um bom marido para você, principalmente se amá-la!

Gilda não respondeu e, quando Anderson começou a tirar a tiara da cabeça de lady Neyland, deu-lhe um beijo de boa-noite e dirigiu-se ao seu quarto.

Só então, percebeu que as últimas palavras de sua madrinha ecoavam em sua cabeça:

— Principalmente se ele amá-la!

Deu uma risadinha, que não foi mais do que um suspiro.

Aquilo jamais aconteceria!

Não conseguiu deixar de pensar que seria maravilhoso ser amada pelo marquês, mas tinha consciência de que não teria essa chance.

Heloise o queria por causa de seu dinheiro, das imensas e várias propriedades que possuía e da posição de destaque que ocupava na sociedade. Entretanto, parada no meio do quarto, Gilda compreendeu que nada daquilo tinha a menor importância.

Que o marquês de Staverton era um homem, era tudo o que importava

e, como um raio de luz que surgia repentinamente no céu escuro, ela percebeu que o amava.

Parecia ridículo, absurdo, algo que estava certa de jamais acontecer, mas, quando ele dissera "até amanhã", ao ajudá-la a subir na carruagem, seu coração havia entrado em descompasso.

Toda a preocupação desaparecera instantaneamente, sendo substituída por uma estranha excitação.

Ele queria vê-la e, fossem quais fossem os horrores que a espreitavam, poderia encontrá-lo outra vez.

Atravessou o quarto e foi sentar-se no banquinho da penteadeira, como se suas pernas não pudessem mais sustentá-la.

"Como tudo isso pôde acontecer?", pensou. "Como fui me apaixonar por um homem tão distante de mim quanto a lua?"

Desde que viera para Londres, ela havia reconhecido que as aspirações de Heloise com relação ao marquês eram absurdas.

Era evidente que ele não tinha intenção de se comprometer com uma jovem sem importância, por mais bonita que ela fosse. Além disso, o marquês devia estar percebendo que Heloise, como tantas outras mulheres, fazia de tudo para arrastá-lo ao casamento e suas manobras transparentes serviam apenas para diverti-lo.

Além do mais, apesar de ele tê-la salvado e de ter oferecido uma festa para lady Neyland, não a convidara para dançar.

Na verdade, durante toda a noite, não fizera nenhum esforço para conversar com ela, a não ser logo que chegaram e depois, na despedida.

"Por que não me apaixonei por um dos rapazes que estavam tão ansiosos para dançar comigo?", perguntou-se, embora já soubesse a resposta. O marquês, sem dúvida, era diferente de qualquer outro homem.

Quando deitou-se e apagou as velas, tudo o que via, na escuridão, era o rosto dele e ouvia sua voz, dizendo: "Até amanhã!"

Lembrou-se do rolinho de papel e do dinheiro que ele encontraria em sua cama, quando fosse se deitar e concluiu que ele jamais deveria descobrir quem os colocara lá.

Fossem quais fossem as represálias que pudessem tomar os homens que usavam Heloise como mensageira, jamais deveria pedir ajuda ao marquês.

Em seguida, afundando a cabeça no travesseiro, Gilda murmurou,

desesperada:

— Eu o amo!

O horizonte já começava a clarear e as últimas estrelas desapareciam do céu, quando o marquês de Staverton despediu-se do último convidado.

Todos haviam comentado que a festa era uma das melhores a que já tinham comparecido.

— O seu problema, Staverton, é que você sempre faz tudo melhor do que qualquer um de nós, mesmo como anfitrião! — comentara um de seus amigos.

Lorde Hawkesbury havia partido logo depois de lady Neyland e Gilda.

Não tocara em nenhum assunto mais confidencial, mas, quando caminhavam para a porta principal da casa, ele colocou a mão no ombro do marquês, que percebeu o quanto o secretário estava cansado e preocupado, com todos aqueles problemas de que lhe falara pela manhã.

— Foi uma noite encantadora, querido — disse a princesa de Lieven, ao partir.

Ela e o marquês tinham tido um breve *affaire de coeur* no ano anterior. Fora um encontro feliz entre duas pessoas que admiravam a inteligência uma da outra e que admitiam que terem um caso era uma forma agradável de passarem o tempo, sem magoarem ninguém.

Depois disso, haviam se tornado grandes amigos e, como amiga, a princesa acrescentou:

— Aquela menina Wyngate é um encanto e se comportou muito bem. Eu a estive observando esta noite e creio que mudou muito desde a última vez em que a vi. É estranho, mas ela dá a impressão de estar mais jovem do que no ano passado.

O marquês olhou-a surpreso e ela riu.

— Talvez eu esteja sendo ridícula, mas minha intuição russa me diz que ela realmente mudou muito e que pode ser a pedra preciosa que você sempre procurou e nunca conseguiu encontrar.

Ele limitou-se a sorrir e a beijar sua mão, mas, depois que ela se foi, concluiu que era típico da princesa de Lieven, com sua "intuição russa", colocar em palavras exatamente o que ele próprio estava pensando.

E, mais tarde, quando finalmente pôde se retirar, o marquês subiu as escadas para o seu quarto, pensando que, de fato, seus convidados tinham

sido sinceros e que, por alguma razão que não sabia explicar, aquela fora uma das melhores festas que já dera.

Além disso, a pessoa mais linda do mundo estava presente!

Quando Gilda havia chegado, antes do jantar, ele tivera a impressão de que ela estava envolta por uma aura brilhante e que não precisava de jóias, pois a luz dos candelabros refletia o dourado de seus cabelos e seus olhos excitados estavam azuis da cor do mar.

— Ela é mesmo encantadora! — murmurou.

Entrou no quarto, lembrando-se de que devia aquela festa a ela, pois tinha sido sua a idéia de que lady Neyland deveria voltar a se divertir e a reencontrar os amigos.

"Mas por que, de repente, Heloise resolveu levar sua madrinha ao baile dos Dorset, quando foi a dezenas de outros sozinha?", perguntou-se. "E, antes, nas conversas que tínhamos, ela jamais mencionou a existência de lady Neyland!"

Aquela mudança de atitude o deixava tão intrigado, que não conseguiu pensar em outra coisa, enquanto seu valete o ajudava a se despir.

Depois que o criado saiu do quarto, parou alguns minutos na frente da janela aberta, vendo o dia clarear e respirando a brisa suave da manhã.

Estranhamente, não se sentia cansado, apesar de ter levantado cedo e de não ter tido um só minuto de descanso durante o dia inteiro.

Quando estava no Exército, aprendera a dormir pouco quando a situação o exigia e sabia que, se dormisse três horas, seria suficiente.

Harris tinha apagado a vela da penteadeira e só restava uma, acesa ao lado da cama. O marquês fechou a cortina, deitou-se e estava para apagar a vela, quando seu pé tocou num objeto duro.

Curioso, levantou o lençol e percebeu que, no meio da cama, estava um rolinho de papel e uma nota bem amassada.

Rapidamente, ele se levantou, abriu a cortina e foi examinar o que havia encontrado.

O marquês marcou a primeira entrevista do dia com lorde Hawkesbury, que, quase sem conseguir acreditar, ouviu-o contar o que havia encontrado.

Depois de examinar o rolinho de papel, o secretário exclamou:

— Eu estava certo, Staverton! É evidente que as informações saíram

mesmo deste departamento, pois me foram comunicadas ainda ontem pelo primeiro comandante da Marinha.

— E a referência aos Regimentos?

— Fiquei sabendo antes de ontem, através de lorde Hobart.

— O secretário de Estado do Departamento de Guerra!

— Exatamente!

— É inacreditável! — exclamou o marquês. — Mas, depois de obter tais informações, por que a entregaram a mim?

— Bem, pelo menos, estreita o leque — comentou lorde Hawkesbury.

— É verdade. E, com certeza, trata-se de alguém que esteve na minha festa.

— O que torna mais fácil a nossa tarefa. Devemos tentar ir eliminando um a um.

— Já estive fazendo isso, mas não acredito que haja um traidor entre meus amigos pessoais.

— Bem, mas, se há um traidor, lembre-se de que também há um patriota. A pessoa que colocou estas informações em sua cama, obviamente, desejava salvá-las de cair nas mãos inimigas. Ou, quem sabe, começou a ter sentimento de culpa, antes que fosse tarde demais.

— Sim, claro, também pensei nisso — concordou o marquês.

— No entanto, ainda me parece estranho que a informação foi obtida neste departamento, levada para minha casa, por alguém que não sabemos, e colocada em minha cama, para que eu a encontrasse ao deitar.

— Parece, realmente, uma peça de mistério. Por outro lado, você sabe, tão bem quanto eu, que trata-se de um assunto extremamente sério. E, a julgar pelas circunstâncias, tudo nos remete ao meu primeiro, suspeito, Rearsby, que estava em sua festa. Na verdade, fiquei muito surpreso ao vê-lo.

— Eu o convidei para que pudesse observá-lo mais de perto — esclareceu Staverton. — Mas, se era Rearsby quem estava passando a informação, por que desistiu, entregando-a justamente para mim?

— Sem dúvida, não é nada fácil responder a essa pergunta, mas, pelo menos, agora estou absolutamente convencido de que ele está no meio desta história toda.

O marquês ficou em silêncio por alguns instantes.

— Vou para casa e tentarei descobrir se alguns dos meus criados viu alguém entrando no meu quarto ontem à noite — disse ele, afinal. —

Considerarei que não deveria questioná-los antes de me encontrar com o senhor.

— Fez bem, Staverton. É muito importante que se fale o mínimo possível sobre este assunto. Deixarei as investigações por conta do seu bom senso, que, aliás, nunca falhou no passado.

— Devo salientar, entretanto, que jamais aconteceu algo tão estranho ou inesperado — disse ele, sorrindo.

— O mais importante de tudo é que, para mim, está confirmado que Rearsby é um ladrão e um traidor. Temos que tomar cuidado, agora, para que ele não descubra o que sabemos, até conseguirmos conhecer o receptor deste importantíssimo pedaço de papel. — Lorde Hawkesbury olhou para a mensagem mais uma vez e acrescentou, furioso: — É exatamente o tipo de informação que Bonaparte precisa para invadir a Inglaterra, como pretende.

— Pelo menos, estas informações ele não receberá! — disse o marquês, levantando e estendendo a mão. — Não é necessário enfatizar o quanto é importante que lorde Rearsby não desconfie que estamos no seu encalço. Quando vier a saber que estas informações não foram recebidas, tentará passá-las novamente, quando poderemos pegá-lo em flagrante e impedir que mais um espião contribua para a destruição do país.

— Que é o objetivo de Napoleão — replicou lorde Hawkesbury asperamente. — Além do mais, se conseguirmos provar que isso está realmente acontecendo, talvez possamos tirar o primeiro ministro de seu estado de letargia.

— Devemos torcer para isso. Bom dia, lorde Hawkesbury. A caminho de casa, o marquês ia pensando por qual dos seus criados começaria a questionar e resolveu que Harris, seu valete, seria o primeiro.

Assim que chegou em sua casa, na Berkeley Square, foi direto para o estúdio e pediu a um laçao que chamasse Harris.

O valete o servia há mais de dez anos e entrou no estúdio com um ar ligeiramente insolente, que denunciava a sua preocupação por ter feito algo errado.

— Mandou me chamar, senhor marquês?

— Sim, Harris. Preciso de sua ajuda.

O valete relaxou um pouco, mas nada disse.

— Ontem à noite, alguém entrou no meu quarto, durante a festa, e deixou um bilhete para mim — continuou o marquês. — Infelizmente, não

está assinado e estou ansioso para saber quem o escreveu.

— Deixaram um bilhete para o senhor? Não o vi.

— Estava entre os lençóis da minha cama. Harris emitiu uma exclamação de surpresa.

— Daqui para a frente, trancarei a porta sempre que houver alguma pessoa estranha na casa, senhor marquês. Não é correto que essas jovens que vivem correndo atrás do senhor entrem e saiam dos quartos, como se fossem as donas da casa!

O marquês sorriu, divertindo-se ao ver como seu valete tendia a protegê-lo em qualquer situação mais difícil.

— Bem, o fato é que já aconteceu — disse ele. — E você deve imaginar como é embaraçoso para mim receber *billets doux* e não saber quem os escreveu.

— Inúmeras damas poderiam ter feito isso, senhor marquês.

Foi uma resposta impertinente, e o marquês ergueu as sobrancelhas. Houve um silêncio, antes de Harry acrescentar:

— Talvez eu faça uma idéia de quem escreveu o bilhete para o senhor.

— Ê mesmo, Harry?

— Sim. Quando eu saía de seu quarto, ontem à noite, observei que havia uma jovem parada na porta do quarto em frente.

O marquês ouvia com muita atenção e o valete sabia muito bem disso.

— Ela era muito bonita, senhor marquês, muito bonita mesmo! Ficou parada quando me viu e percebi que estava interessada no que eu estava segurando.

O marquês sabia que Harry apreciava contar os fatos fazendo certo suspense e, para encorajá-lo, fez a pergunta mais óbvia:

— O que você estava segurando, Harry?

— Seu paletó de montaria, senhor marquês, e seu par de botas novas, que tive o maior trabalho para deixar brilhantes!

— E quem era a jovem que o estava observando?

— A mulher mais bonita que já veio a esta casa, senhor marquês. Ontem à noite, estavam comentando lá embaixo que nenhuma outra mulher, presente no salão de bailes, poderia ser comparada a ela. — Harry fez uma pausa estudada e o marquês esperou. — Estou me referindo a srta. Wyngate, senhor marquês!

— Eu já imaginava que se tratasse dela, Harry. Acha mesmo que foi ela

quem deixou o *billet-doux* em minha cama?

— Deve ter sido, embora, até hoje, ninguém tenha agido com tanta ousadia, senhor.

— Não reparou em outra pessoa que poderia ser responsável por isso, Harris? — perguntou o marquês, depois de uma longa pausa.

— Não, senhor marquês. Não havia mais ninguém por perto naquele momento. E, quando saí, ela continuou parada na porta do quarto onde estavam sendo guardados 'os casacos.

— Obrigado, Harris, por sua ajuda. É só isso!

Quando se viu sozinho, o marquês ficou pensando na informação que acabara de receber e na qual quase não podia acreditar.

Heloise Wyngate poderia estar mesmo envolvida numa situação sórdida como aquela?

A ruga entre suas sobrancelhas espessas acentuou-se ao lembrar que, quando ficara assustada com o comportamento de sir Humphrey Grange, ela havia aproveitado sua entrada inesperada na sala para correr em busca de proteção.

Quando o abraçara, ele pudera sentir que Heloise tremia convulsivamente e que estava muito amedrontada.

Na noite anterior, ao despedir-se dela, havia percebido que alguma coisa a preocupava e a expressão de seu olhar parecia ser de medo.

Ficou sentado por um longo tempo refletindo sobre tudo aquilo, decidido a não fazer nada com pressa.

Afinal, resolveu que seria melhor conversar com Heloise no horário mais ou menos previsto em que costumava visitá-la: imediatamente após o almoço, quando lady Neyland fazia a sesta.

Parecia um tempo longo demais para esperar, mas seria a melhor atitude a tomar, embora soubesse que as três horas que o separavam daquele momento passariam extremamente devagar.

Entretanto, para ele, o que importava fundamentalmente e acima de qualquer coisa, era que Heloise não fosse envolvida naquela situação sórdida.

Inconscientemente, ele a estivera observando durante quase o tempo todo na noite anterior, e lembrava-se de que ela, na verdade, passara algum tempo ausente do salão de baile. Depois de ter voltado, dançara muito pouco e logo havia partido, com lady Neyland.

Recordou-se de como a achara graciosa e encantadora, em sua

simplicidade juvenil, comparada às outras mulheres da festa, todas muito mais velhas.

Propositadamente, ele não convidara outras jovens para a festa de lady Neyland. No entanto, estava certo de que não era apenas a juventude de Heloise que a fazia brilhar, mas também a emoção dos seus olhos expressivos, o sorriso espontâneo e o modo como cada movimento e cada gesto seu expressavam uma felicidade autêntica.

Por outro lado, ele pudera perceber uma sombra de preocupação em seu semblante, no momento em que haviam se despedido.

Tudo se encaixava perfeitamente no quebra-cabeça que o marquês tentava montar, mas ainda faltavam algumas peças para que pudesse entender como e por que Heloise estava envolvida naquele enigma.

Onde ela havia encontrado aquele pedaço de papel incriminador? E, se recebera por acaso, por que não viera entregá-lo pessoalmente? Por que tinha tomado a atitude tão repreensível de entrar em seu quarto e enfiá-lo sob as roupas de cama?

Era óbvio que Heloise queria que ele encontrasse o papel e, sem dúvida, devia ter certeza de que compreenderia seu importante significado.

Parecia uma atitude de uma pessoa estúpida, mas ela não era nenhuma estúpida.

— Maldição! — exclamou ele, batendo com força o punho cerrado na escrivaninha. — Tenho que descobrir toda a verdade! Vou chegar ao fundo desta questão de qualquer maneira!

Ao ouvir sua própria voz, ressoando totalmente angustiada pelo estúdio inteiro, o marquês compreendeu que, por mais difícil e doloroso que fosse, faria tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir que Heloise fosse envolvida naquela história tão sórdida.

CAPÍTULO VII

— Tenho que confessar que, hoje, estou me sentindo cansada e quero repousar um pouco — disse lady Neyland, quando terminaram de almoçar.

— Fomos dormir muito tarde — replicou Gilda, sorrindo.

— De fato, mas me fez tão bem! Estou me sentindo muito diferente e, quando o médico vier amanhã, tenho certeza de que permitirá que eu retire a bandagem.

— Não deve fazer nada com pressa, madrinha.

— Não se preocupe; serei cuidadosa. E, se algum dia recuperar a visão, não cansarei de agradecer por isso.

— Mamãe sempre dizia que costumamos não dar o devido valor às coisas que Deus nos ofereceu.

— Nesta manhã, estive me recordando de sua mãe e de como gostava dela — comentou lady Neyland. — Também pensei se você costuma ter notícias de sua irmã.

Gilda sentiu o sangue gelar nas veias.

— Minha... irmã? — perguntou, depois de um instante.

— Sim. Você me disse, certa vez, que ela foi morar com alguns parentes, no norte do país. Costuma escrever para você?

— Não tenho notícias dela há... algum tempo — respondeu, hesitante.

Depois de levar lady Neyland para descansar em seu quarto, Gilda concluiu que, mais uma vez, sentira-se magoada pela indiferença de Heloise.

Sem dúvida, sua irmã deveria temer que lady Neyland pudesse querer incluí-la em algumas festas e bailes a que era convidada e, desse modo, havia se livrado da irmã indesejada, inventando uma desculpa que a deixava totalmente fora de alcance.

Não podia compreender como Heloise fora tão egoísta, já que, quando crianças, haviam sido tão unidas.

Chegou à conclusão de que era inútil se magoar com coisas que não poderiam mais ser remediadas e não valia a pena pensar na maldade e no egoísmo da irmã. Deveria lembrar apenas de como ela era muito bonita quando pequena e como eram fortes os laços de afeto e amizade que as uniam naquela época.

Depois de deixar lady Neyland no quarto, Gilda foi para o vestibulo,

onde teria flores para arrumar nos vasos.

Tinha tirado essa tarefa das criadas, que detestavam ter que fazer arranjos e que agradeceram sinceramente sua gentileza.

Um de seus admiradores da noite anterior enviara um imenso buquê de lírios e outro, um buquê de rosas, que estavam começando a desabrochar.

Ela carregou as flores para a sala de estar, onde um criado já tinha deixado dois vasos com água.

O sol penetrava pelas janelas abertas, iluminando totalmente o aposento. E, quando Gilda terminava de arranjar o vaso de rosas e estava com os braços tomados pelo imenso buquê de lírios, a porta foi aberta e alguém entrou na sala.

Ao virar a cabeça, sentiu o coração bater vigorosamente e seu corpo todo vibrar com intensidade.

Por um momento, não conseguiu se mover, surpresa pela súbita entrada do marquês.

Ele olhou-a fixamente, detendo-se em seus cabelos loiros que refletiam a luminosidade dourada do sol e considerando que ela dava a impressão de ter saído de um belo vitral.

— Imaginei que, a esta hora, encontraria você sozinha, Heloise.

O marquês caminhou na sua direção e, quando já estava bem próximo dela, Gilda conseguiu sair de sua imobilidade e fazer uma mesura graciosa.

— Gostaria de... agradecer ao senhor pela... maravilhosa festa de ontem à noite... — começou ela, em voz baixa e hesitante, perturbando-se por que era tão difícil falar.

— Quero conversar com você.

Gilda colocou os lírios sobre a mesa e alisou o vestido um pouco nervosa, enquanto se dirigia para o sofá.

Sentou-se na beira do assento e, ao olhar interrogativamente para o marquês, percebeu que ele estava sério e tinha uma leve ruga entre as sobrancelhas.

Houve um longo silêncio, como se ele estivesse procurando as palavras certas. De repente, todas pareceram sair de uma só vez:

— Por que, ontem à noite, você deixou aquela mensagem incriminadora em minha cama?

A pergunta foi tão inesperada que Gilda, tomada pela surpresa, por um momento, não conseguiu respirar. E, logo, um violento rubor subiu-lhe às

faces, proclamando sua culpa.

Sem conseguir pensar em nada que pudesse refutar aquela acusação, ela abaixou a cabeça e permaneceu em silêncio.

— Estou esperando uma resposta, Heloise!

— C-como soube que fui eu... que a coloquei... lá? — perguntou, afinal, com voz tão baixa que foi quase impossível ouvi-la.

— Meu valete viu que você estava parada na frente do meu quarto e sou incapaz de imaginar qualquer outra pessoa do meu círculo de amigos que poderia estar envolvida num episódio tão repreensível.

Gilda abaixou a cabeça ainda mais, sentindo que ele a condenava e que talvez nunca mais voltasse a lhe dirigir a palavra. Certamente, ela teria de ir embora, voltar para casa, e cair, mais uma vez, na obscuridade.

— Vai me contar o que aconteceu, Heloise? — perguntou o marquês, num tom de voz mais calmo e bem diferente do anterior.

Percebendo que só lhe restava a alternativa de contar a verdade, começou a dizer:

— Quando eu estava sentada no jardim... um homem pediu que eu lhe jogasse a minha... bolsa...

— E você obedeceu?

— Ele pediu por duas vezes e não sei... por que... acabei fazendo o que pedia.

— E o que aconteceu depois?

— O homem pegou a bolsa e... logo em seguida, devolveu-a para mim. Eu agradeci-lhe sem pensar... ele respondeu que tinha sido um prazer e... afastou-se.

— Você sabe quem era esse homem, Heloise?

— Não... nunca o tinha visto... antes.

— E chegou a perceber que ele havia colocado alguma coisa em sua bolsa? — perguntou o marquês, depois de um breve silêncio.

— Somente alguns minutos mais tarde, quando... fui guardar meu... lenço.

— E você não esperava que acontecesse alguma coisa desse tipo, Heloise? — questionou ele, asperamente, como se desconfiasse que ela não dizia a verdade.

— Não... claro que não! Como eu iria... imaginar que pudesse ocorrer algo assim numa... festa oferecida pelo... senhor?

— Ou em qualquer outra festa, imagino eu! — acrescentou o marquês, ironicamente.

— Não... é evidente que não!

— Você jura que não fazia a menor idéia do que esse homem estranho havia colocado em sua bolsa?

— Juro... jamais poderia imaginar!

— O que aconteceu depois?

Ainda amedrontada, Gilda levou algum tempo para relatar que seu parceiro de dança tinha voltado com um criado, que lhes servira limonada e champanhe e que, quando a música começara novamente, eles haviam voltado para dentro da casa.

— Senti que alguma coisa dura estava em minha bolsa e resolvi... subir para ver o que era — continuou ela. — Um grande grupo de pessoas se... encontrou na porta e... de repente, senti que alguém puxava as alças de minha bolsa... Pensei... pensei que alguém ao meu lado esbarrara sem querer, mas... puxaram de novo. Quando tentei segurá-la melhor... toquei na mão de... um homem!

— Que homem, Heloise?

— Não sei.

— Você o viu?

— Sim... sim... mas apenas de relance. Creio que era alto e tinha testa larga.

— Ele disse alguma coisa a você?

Por um momento, Gilda não conseguiu se lembrar. Em seguida,, respondeu:

— Ele disse apenas *pardon* e... simplesmente desapareceu.

— E o que você fez, então?

— Subi para o quarto... onde tinha deixado meu xale...

— E abriu sua bolsa! — completou o marquês.

— S-sim.

— O que você pensou, quando viu a mensagem?

— Por um momento não... entendi nada — respondeu ela, em voz baixa. — Mas, depois, quando li sobre os navios e a... posição das tropas, tive certeza de que carregava... informações úteis para os... inimigos...

Sua voz morreu na garganta ao falar a última palavra, considerando que nada poderia ser mais humilhante do que confessar, ao marquês de

Staverton, que estava envolvida, mesmo que sem querer, em espionagem.

— Então, você compreendeu de imediato a importância do que fora colocado em sua bolsa?

O tom de voz que ele usou deixava bem claro que a acusava, não só de saber da gravidade do que estava escrito naquele pedaço de papel, mas também de ter servido de instrumento para recebê-lo.

— Juro... eu juro por tudo o que me é mais sagrado que não sei por que... colocaram o papel em minha bolsa, nem o que esperavam que... eu fizesse.

No mesmo instante, percebeu que não estava dizendo a verdade. Sabia muito bem a razão de ter sido escolhida para aquela missão: os espiões ou traidores, fossem lá como fossem denominados, a haviam tomado por Heloise.

Com um sentimento de horror, lembrou-se do porta-jóias com muitas jóias valiosas, soberanos de ouro e cartas do banco, informando a quantia de dinheiro depositada em nome de sua irmã.

E tudo aquilo Heloise obtivera traindo o próprio país, o que poderia custar a vida de muitos marinheiros e soldados ingleses e talvez até a de civis, como eles próprios.

Tais pensamentos foram tão aterradores que Gilda se levantou, mortalmente pálida, e parou ao lado do marquês.

— O que eu... poderia fazer? Como iria... explicar para alguém... o que tinha... acontecido?

— Desse modo, você resolveu esconder a mensagem na minha cama — disse ele lentamente. — Mas por que não a entregou pessoalmente?

Ela desviou o olhar, sabendo que não poderia dar a verdadeira resposta para aquela pergunta.

— Eu estava com medo.

— Com medo de mim ou com medo de ser descoberta com aquela mensagem e ser levada a julgamento?

A voz dele foi dura e Gilda deu um grito de puro terror.

— Está dizendo que... posso ser condenada?

O marquês não respondeu e, reprimindo um soluço, Gilda cobriu o rosto com as mãos.

— Estou com... medo... por favor, por favor... me ajude! — ela fitou-o com as lágrimas correndo soltas pelo rosto. — Quer dizer que... posso ser

presa ou... executada como... espiã?

Apavorada com aquela idéia tão terrível e com a expressão do marquês, tão dura quanto a de um juiz, Gilda abraçou-o, do mesmo modo que o fizera quando ficara assustada com sir Humphrey, e escondeu o rosto em seu ombro.

— Salve-me... por favor... salve-me! Não só tenho medo de... morrer, mas também sou filha de um general e... não tenho o direito de... desgraçar sua memória!

As palavras saíam desconsoladamente e, sentindo-a tremer convulsivamente, ele passou o braço em volta dos seus ombros para ampará-la.

Depois de deixar que ela desabafasse por alguns minutos, ele disse, com calma:

— Pare de chorar! Você me pediu ajuda e eu vou protegê-la.

Gilda controlou as lágrimas, mas não se afastou. Continuou encostada nele, sentindo-se mais protegida pela proximidade e pela força de seu abraço.

— O senhor... pode me... salvar? — gaguejou, depois de algum tempo.

— Vou salvá-la e concordo com você que seria intolerável ver o bom nome de seu pai, que é venerado por aqueles que serviram com ele, envolvido na vergonha e humilhação que um inquérito traria.

A sensação de alívio fez Gilda pensar que cairia no chão, tão fraca se sentia. Sem perceber o que estava fazendo, chegou ainda mais perto do marquês, como se isso fosse a única maneira de livrar-se do medo que ainda a deixava trêmula.

— Mas só posso ajudá-la se me contar toda a verdade — ele sentiu que ela ficou tensa e continuou: — Não existe outro meio de eu poder analisar os fatos e tirá-la da posição em que se encontra, mesmo que tenha se envolvido sem querer.

Ela ficou em silêncio e, percebendo que estava muito tensa, perguntou depois de um momento:

— Não vai confiar em mim?

— Eu... quero fazer isso, mas tenho... medo.

— De mim?

— Do que... poderá pensar... de mim.

— E é importante para você o que eu penso? — perguntou ele, com um

sorriso nos lábios que Gilda não pôde ver.

— Claro que... é importante!

— Por quê?

Era uma pergunta difícil de responder e ela teve a impressão de que uma flecha penetrava nas profundezas do seu ser.

De repente, num gesto inesperado, o marquês colocou a mão embaixo do queixo dela e levantou seu rosto, observando as faces molhadas de lágrimas, os lábios trêmulos e os olhos tímidos demais para encontrar os dele.

"É impossível qualquer outra mulher ser tão encantadora e atraente!", pensou, constatando que ela era pouco mais do que uma criança.

— Diga-me por que é importante o que penso e sinto por você, Heloise.

Gilda queria virar a cabeça, mas ele a impediu, continuando a segurar seu queixo. Só lhe restou a alternativa de fitá-lo, totalmente indefesa, sentindo intensamente a proximidade dos lábios dele e pensando que ele deveria estar vendo o amor estampado em seus olhos.

— Diga-me — insistiu o marquês, suavemente.

Assustada e, ao mesmo tempo, totalmente embriagada pela sedução da voz dele, ela respondeu:

— É porque eu... o amo! Sei que... não tenho esse... direito, mas não pude... evitar.

— Exatamente como não posso evitar o amor que sinto por você! — disse ele, abaixando a cabeça para beijá-la.

Por um momento, Gilda não conseguiu acreditar no que estava acontecendo.

A sensação maravilhosa dos lábios do marquês sobre os seus a fez deixar para trás todo o medo e insegurança que a dominavam.

Quando pensou que ninguém poderia sentir tanto prazer, tanta alegria e emoção e continuar vivo, ele levantou a cabeça.

— Eu... o amo! — gaguejou Gilda. — Eu o amo! Nunca imaginei que... pudesse existir alguém... tão... maravilhoso!

Em seguida, como se a emoção fosse intensa demais para suportar, ela deitou novamente a cabeça no ombro dele.

— Diga-me o que sentiu quando a beijei — pediu o marquês com voz estranha, depois de um breve silêncio.

— Como serei capaz de... expressar em... palavras?

— Fiz você feliz?

— Jamais poderia imaginar que... um beijo poderia ser como o... brilho do sol... as flores... uma bênção de Deus...

— Esta foi a primeira vez que você foi beijada?

— Como qualquer outra pessoa poderia... fazer eu me... sentir assim?

O marquês abraçou-a com mais força.

— Era o que eu esperava ouvir, meu amor. E daqui a quanto tempo nos casaremos?

Gilda ficou imóvel. Imediatamente, como se todo o brilho do sol que ele proporcionara desaparecesse, ela encarou, mais uma vez, a triste realidade.

— Oh... não! Não posso me casar com... você!

— Por que não?

— Por uma razão simples — disse ela, depois de pensar rápido numa resposta. — Você é muito importante para... casar com uma pessoa... como eu.

— Isso sou eu que decido. Talvez você não saiba, esta é a primeira vez que peço uma mulher em casamento e não tenho a menor intenção de ver meu pedido recusado.

— M-mas tem que... ser! — insistiu Gilda, levantando a cabeça do ombro dele. — Eu... não posso explicar... não posso dizer por quê... Quero que saiba que foi a coisa mais maravilhosa que... já me aconteceu... mas não posso... aceitar.

Afastando-se dele, dirigiu-se para a janela, como se precisasse de ar fresco para continuar respirando.

Segurou no batente da janela, sabendo que, ao recusar o pedido de casamento do marquês de Staverton, deixava escapar a felicidade tão sonhada e nunca mais sentiria o prazer e plenitude dos seus beijos.

— Pedi que você confiasse em mim.

Gilda teve um sobressalto, pois não havia percebido que ele a seguira e que estava parado logo atrás.

— Eu... confio em você... Confiaria minha... própria vida... a você!

— Então, qual é o segredo que está me ocultando?

— D-de que... segredo... está falando? — perguntou ela, ficando tensa novamente.

— Quero que você me conte.

Ela esfregou as mãos, tentando desesperadamente encontrar palavras para dizer a verdade a ele.

Percebendo o quanto estava sendo difícil para Gilda, o marquês começou:

— Hoje de manhã, fui à Secretaria das Relações Exteriores e examinei o cadastro do seu pai. Um cadastro de que qualquer país se orgulharia.

— Gostaria tanto que... papai pudesse ouvi-lo... agora — murmurou ela.

— Através do cadastro, fiquei sabendo que sua mãe faleceu e que seu pai deixou duas filhas.

Gilda teve a sensação de que o teto estava desabando sobre sua cabeça e que tudo ficava escuro. Não conseguiu falar nada, a voz presa na garganta.

— O que aconteceu com Heloise? — perguntou ele, de repente. — Pois tenho certeza absoluta de que você é Gilda!

Houve um silêncio terrível, até que ela conseguisse encontrar a voz para perguntar:

— C-como... soube?

— Porque você é muito diferente de sua irmã — o marquês sorriu. — Desde que voltou a Londres depois daquele fim de semana, você me deixou intrigado, confuso e surpreso e eu não conseguia entender por que, tinha mudado tanto.

— Heloise... morreu! — Gilda abaixou a cabeça. — Ela foi para... casa e morreu de uma... dose excessiva de láudano... Desse modo, eu tomei seu... lugar.

— Por quê?

— Eu não tinha dinheiro e... se ficasse em casa, como Heloise mandou, teria morrido... de fome.

Ela percebeu que tudo aquilo parecia uma desculpa sem consistência e, verbalizando-a para alguém, ficava-lhe claro que fora um comportamento repreensível.

O marquês nada comentou e, depois de alguns instantes, Gilda voltou a falar:

— Agora, você sabe porque não pode casar com uma pessoa que... mentiu e... que enganou lady Neyland... depois dela ter sido tão... gentil e generosa para com Heloise.

— Heloise nunca foi tão boa para ela quanto você tem sido.

— Talvez porque eu... desejasse reparar meu... erro de alguma maneira.

— Não acredito que sua irmã agiria desse modo em nenhuma circunstância — disse ele secamente.

— De qualquer maneira, agi de modo errado... muito errado. Por favor, perdoe-me e... deixe-me voltar para casa. Nunca mais... lhe causarei... problemas.

— Quer voltar para morrer de fome?

— Darei um... jeito.

— E fará isso sem nenhum pesar ou arrependimento pelo que deixará para trás?

Ela sabia muito bem como seria doloroso deixá-lo e nunca mais poder vê-lo, no entanto, arrependimento era outra coisa bem diferente.

— Jamais irei... me arrepender pelo tempo que... passei em Londres e por ter... conhecido você.

— É tão importante assim, Gilda?

— Sem dúvida que sim! Eu não sabia que... existia alguém como você e... quando Heloise me falou a seu respeito, pensei que o odiava.

— Você me odiava? — repetiu ele, surpreso.

— Pelo que minha irmã me dizia, tinha certeza de que você não pretendia de modo algum se casar com ela e achei que era... cruel alimentar suas esperanças e impedir que Heloise se casasse com... outro homem.

— Como sir Humphrey Grange?

— Ele é horrível! Mas devia... haver outros homens.

— Certamente, mas não da mesma posição social que eu.

— Sua posição não tem... importância alguma.

— Acredita mesmo nisso, Gilda?

— Mas é evidente que sim! Se eu me... casasse, seria por... amor. Não teria nenhum significado o fato de o homem ser rico ou pobre, importante ou não.

As idéias que Gilda sempre tivera sobre o amor e o casamento pareciam jorrar de seus lábios, sem que parasse para considerar o que estava falando.

Em seguida, virou de costas para o marquês e ficou olhando o jardim, embora, na verdade, não conseguisse ver nada.

— Agora que... sabe a verdade... o que quer que... eu faça?

Enquanto esperava pela resposta dele, visualizou a horta de sua casa, onde deveria plantar os vegetais que garantiriam sua sobrevivência, os aposentos da casa, vazios e silenciosos, onde, se tivesse medo da solidão, não

haveria ninguém para protegê-la.

Sem que ela esperasse, o marquês colocou as mãos em seus ombros e a fez virar de frente.

— Devo mesmo lhe dizer o que quero que você faça? — perguntou.

A expressão de seu olhar e o tom de sua voz fizeram com que ela se sentisse, mais uma vez, embriagada pela luz radiante que não vinha do sol, mas da própria presença dele.

— Vamos nos casar imediatamente, meu bem — continuou o marquês, sem esperar resposta. — Não haverá mais espiões para amedrontá-la, nenhum segredo não revelado, nem fome ou solidão, só eu. Não é isso o que você quer?

— M-mas você... não pode... não deve... — gaguejou Gilda.

Ele abraçou-a e calou-a com os lábios. Só depois daquela sensação tão perfeita, tão arrebatadora, que parecia fundi-los num só ser, os dois voltaram a pisar na terra.

— Como você é capaz de fazer com que eu me sinta assim? — ele perguntou. — Nunca imaginei que seria possível amar alguém como amo você!

— Ainda não posso acreditar que seja verdade!

— Terei muito tempo para lhe provar isso — disse o marquês, sorrindo.

— Porém, antes de planejarmos nosso casamento, querida, tenho que resolver o problema de lorde Hawkesbury e fazer com que os espiões de Napoleão Bonaparte fiquem atrás das grades.

— E como fará isso? — perguntou ela.

Ele não respondeu; apenas observou o rosto de Gilda, iluminado por uma expressão que nunca vira antes na face de nenhuma outra mulher.

Em seguida, como era impossível pensar em outra coisa quando a tocava, o marquês afastou-se e parou, encostando as costas na cornija da lareira.

— Agora, deixe-me considerar o que você me contou — disse ele.

— Eu ainda não... lhe contei... tudo.

— Não?

— Tenho tanta... tanta vergonha, mas você... precisa saber.

— Saber o quê?

Sem encará-lo e quase não suportando a humilhação, Gilda falou sobre o porta-jóias, o dinheiro e a conta bancária de Heloise,

Ele a ouvia com os lábios comprimidos e, ao concluir o relato, ela fitou-o por um instante, antes de dizer, com voz hesitante:

— Talvez, agora, você... deixe de me... amar.

O marquês sorriu, abrindo os braços e ela correu para ele, imensamente feliz.

— Tenho muito o que lhe ensinar sobre o amor, meu bem — disse ele..

— O verdadeiro amor, isso que sentimos um pelo outro, pode sobreviver a qualquer coisa, por mais abominável que seja.

— Sim, eu também acredito nisso! — retrucou Gilda, apaixonada.

— Bem, mas, agora, temos que pensar seriamente em tudo o que puder nos dar uma pista — disse o marquês afagando o braço dela. — Não em relação ao primeiro homem que colocou a mensagem em sua bolsa, pois já sei de quem se trata.

— Sabe?

— Sim; trabalha na Secretaria das Relações Exteriores, mas é o receptor da mensagem que me interessa. Descreva-o mais uma vez.

— Infelizmente, não pude vê-lo muito bem — ela suspirou.

— Só virei a cabeça e ele disse *pardon*.

— Ele disse... o quê?

— *Pardon*.

— Tem certeza de que ele falou em francês, e não em inglês?

— Eu não havia pensado nisso, mas foi em francês, sim. Tenho certeza.

— Nesse caso, então, sei quem é o nosso homem!

— E como pode saber?

— O único estrangeiro presente na festa era o homem que acompanhava a princesa de Lieven, pois o embaixador já tinha um compromisso assumido — replicou o marquês. — Ele é russo! Agora, sabemos quem é o nosso inimigo!

— Que alívio! Fico tão feliz!

— Eu também, principalmente porque, agora, podemos pensar apenas em nós e no nosso futuro! — ele abraçou-a com mais ímpeto. — Onde quer morar depois de nos casarmos?

— Com você!

— Pode ter certeza disso, meu bem — disse o marquês, rindo. — Estive pensando que, como você sempre viveu no campo, talvez seja mais feliz morando no interior do que em Londres.

— Morar com você no interior seria a coisa mais maravilhosa que poderia me acontecer!

— Então, está resolvido: moraremos no interior!

Ele fez um movimento para beijá-la, mas Gilda resistiu.

— Preciso lhe... perguntar uma... coisa.

— Pergunte.

— Tem mesmo certeza de que, realmente... me quer como sua... esposa? Não sou uma pessoa sofisticada e... ignoro muitas coisas sobre sua vida e a... sociedade em que você... circula — fez uma pausa e respirou fundo. — E se, depois que nos... casarmos, você descobrir que sou... apenas um pálido reflexo de Heloise e que você teria sido... mais feliz com ela?

O marquês levantou o rosto dela novamente.

— Quero que me ouça com atenção, querida, pois é muito importante que saiba a verdade.

— Estou... ouvindo.

— Eu nunca me casaria com sua irmã, jamais tal coisa fez parte dos meus planos. Quando a conheci, achei que era a pessoa mais bonita que já vira em toda a minha vida, mas logo constatei que sua beleza era apenas superficial e que, atrás dela, havia uma Heloise egoísta, avarenta e, como nós dois agora sabemos, traiçoeira!

Ele parou por um momento, refletindo que sua intuição nunca falhava. Tinha percebido todas essas características há muito tempo, embora tivesse sido considerado louco, se as contasse para alguém.

— O que eu sinto por você é muito diferente, meu bem — continuou. — Você é uma criatura maravilhosa e o que transmite, quando fala do amor que sente, é tão divino que sei que vem do fundo da alma.

Gilda deu um gritinho, expressando sua mais profunda felicidade, e ele acrescentou:

— É por isso que não falaremos mais sobre o passado. Deve esquecer sua irmã e fazer com que todos a esqueçam. Você jamais foi um reflexo dela. Heloise é que não passava de um reflexo pálido e distorcido de você!

— Você... acredita mesmo... nisso?

— Vamos sempre dizer a verdade um para o outro, meu bem — disse o marquês. — E a verdade é, minha querida Gilda, que passei a vida inteira procurando o verdadeiro amor no coração das mulheres, mas o encontrei somente quando a conheci.

Gilda deu um suspiro de prazer e passou os braços em volta do pescoço dele, puxando-lhe a cabeça de encontro à sua.

— Tem certeza... querido?

— Absoluta, meu bem... absoluta!

— Ensine-me tudo sobre... o amor — sussurrou ela, com os lábios bem próximos aos dele. — Tudo o que tenho a lhe oferecer é o meu amor.

— É só o que eu quero!

Beijaram-se novamente e sentiram-se transportados para um mundo mágico e inebriante, envolvidos pelo imenso amor que unia seus corações e suas almas.

